



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO

RAPHAEL RAMOS DE ALMEIDA

**VOU PASSAR [PARA] BUSCAR VOCÊ: VARIAÇÃO DE *PARA* COM VALOR FINAL
(INTRA E INTERORACIONAL) NA FALA DO OESTE CATARINENSE**

CHAPECÓ

2025

RAPHAEL RAMOS DE ALMEIDA

**VOU PASSAR [PARA] BUSCAR VOCÊ: VARIAÇÃO DE *PARA* COM VALOR FINAL
(INTRA E INTERORACIONAL) NA FALA DO OESTE CATARINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto

CHAPECÓ

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Almeida, Raphael Ramos de

Vou passar [para] buscar você: Variação de para com valor final (intra e interoracional) na fala do oeste catarinense / Raphael Ramos de Almeida. -- 2025.

169 f.:il.

Orientadora: Doutora Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, SC, 2025.

1. Variação linguística. 2. Sociofuncionalismo. 3. Conector para de valor final. 4. Fala de Chapecó. I. Snichelotto, Cláudia Andrea Rost, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.


RAPHAEL RAMOS DE ALMEIDA

“VOU PASSAR [PARA] BUSCAR VOCÊ”: VARIAÇÃO DE *PARA* COM VALOR FINAL (INTRA E INTERORACIONAL) NA FALA DO OESTE CATARINENSE


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/12/2025.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIA ANDREA ROST SNICHELOTTO**
Data: 15/12/2025 22:04:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Andrea Rost Snichelotto – Universidade Federal da Fronteira Sul
Orientadora e Presidente

Documento assinado digitalmente
 **MORGANA FABIOLA CAMBRUSSI**
Data: 17/12/2025 16:25:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Morgana Fabíola Cambrussi – Universidade Federal da Fronteira Sul
Membro interno

Documento assinado digitalmente
 **EDAIR MARIA GORSKI**
Data: 16/12/2025 10:46:58-0300
CPF: ***.489.690-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof^ª. Dr^ª. Edair Maria Görski – Universidade Federal de Santa Catarina
Membro externo

Prof^ª. Dr^ª. Athany Gutierrez – Universidade Federal da Fronteira Sul
Membro interno suplente

Dedico este trabalho a Deus, aquele que me faz enxergar com olhos espirituais aquilo que minha condição de homem não consegue alcançar e por me dar forças diárias para conclusão dos meus objetivos. Dedico também ao anjo mais forte que conheci nesta vida, que me ensinou a ter mais fé e a saber que pessoas não precisam de muito tempo para cumprir sua missão: Vítor Rost Snichelotto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me feito chegar até aqui com tanto esforço. Aos meus pais, pois mesmo não estando mais presentes neste mundo, me ensinaram que o estudo, a leitura, o caráter e o trabalho são armas que vencem qualquer guerra. Agradeço a mim, que sempre fui meu próprio responsável, psicólogo, amigo e parceiro nas horas de desespero e desânimo. Agradeço ao Pedro Henrique Oliveira, parceiro de uma vida, aquele que me admira e me ama com todo amor que uma pessoa, privilegiada como eu, é capaz de ter, o seu apoio foi a chave de tudo, hoje eu não sou mais só. À minha orientadora, professora e amiga Cláudia Rost Snichelotto que, com sua paciência e dedicação, não desistiu de mim e me orientou até nos meus momentos de atrasos, confusões e doenças e em seus momentos mais dolorosos, com toda a sua dedicação, fé e clareza.

E dessas tradições a mais pior é o preconceito dos olhos. Os olhos... Mal danado que eles fazem pra gente... Já miram dum jeito a coisa escrita. Veem de outra, acham feio. E levam a gente a afirmações como essa que tanta gente me faz de que não fala pra e sim para. Quando lê, sei que lê para. Porém é incontestável que a dicção pra é geral e até geral não só entre brasileiros como até entre portugues. Porém não discuto fatos especiais agora. A verdade é que a gente não possui ainda uma fala brasileira distinta. A gente inda está naquela fase de desagregação da fala portuguesa em que a fenomenologia poucas normas gerais apresenta. Tudo se resume a fenômenos pessoais. Um fala assim, outro fala assado. (Mário de Andrade, 2022, p. 101)

RESUMO

Esta dissertação trata do uso de *para* com valor final (intra e interoracional) na fala de 40 informantes do Oeste catarinense, especificamente da cidade de Chapecó. Na fala chapecoense, esse conector, em alguns contextos, pode ser omitido sem prejuízo semântico, bem como apresentar-se na forma plena, reduzida ou aglutinada: "Eu saio [*para*] caminhar". O objetivo deste trabalho é identificar e descrever a presença e/ou ausência de *para* com valor final (intra e interoracional) na fala de informantes chapecoenses dos projetos VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e VMPOSC (Variação e Mudança do Português do Oeste de Santa Catarina). Este estudo fundamenta-se nos princípios teórico-metodológicos do Sociofuncionalismo cuja interface tem ganhado força no Brasil (cf. Oliveira, Silva, Scherre, 1996; Naro, Braga, 2000, entre outros), em discussão mais aprofundada em Tavares (2003), Görski e Tavares (2006, 2013, 2017) e em Tavares e Görski (2015). A metodologia utilizada baseia-se na análise empírica de dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas de informantes chapecoenses cuja seleção ocorreu conforme critérios de estratificação, como sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Os dados foram codificados e submetidos à modelagem estatística, por meio do programa R Studio, que realizou a regressão logística para identificar e mensurar os fatores condicionantes da variação. Os principais resultados mostram que, embora a presença do conector, especialmente na forma reduzida *pra*, permaneça majoritária, sua ausência constitui uma variante produtiva na fala chapecoense. A análise comparativa entre os *corpora* aponta para um processo de mudança linguística em curso, marcado pela retração da forma *para* em favor de realizações reduzidas e coalescentes, como *pro*. Os dados também indicam que, no *corpus* mais recente, essa mudança passa a ser impulsionada com maior nitidez por fatores sociais, sobretudo pelo favorecimento da ausência do conector entre falantes do gênero masculino e entre os mais jovens. Em contrapartida, fatores como a presença de pausa e o estilo formal continuam a favorecer a manutenção da forma explícita, confirmando o papel da estrutura prosódica e do monitoramento estilístico na distribuição entre presença e ausência de *para*.

Palavras-chave: Variação linguística, Sociofuncionalismo, conector *para* de valor final, fala de Chapecó.

ABSTRACT

This dissertation examines the use of *para* with a final function (intra- and inter-sentential) in the speech of 40 informants from western Santa Catarina, specifically from the Chapecó city. In Chapecó speech, in some contexts, this conector can be omitted without semantic loss as well as appearing in its full, reduced, or agglutinated form: “Eu saio [para] caminhar”. The objective of this study is to identify and describe the presence and/or absence of *para* with final value (intra- and inter-sentential) in the speech of informants from Chapecó participating in the VARSUL (Linguistic Variation in Southern Brazil) project and VMPOSC (Variation and Change in the Portuguese of Western Santa Catarina) project. This study is grounded in the theoretical and methodological principles of sociofunctionalism, an approach that has been gaining traction in Brazil (see Oliveira, Silva, and Scherre, 1996; Naro, Braga, 2000, among others), discussed in greater depth in Tavares (2003), Görski and Tavares (2006, 2013, 2017), and in Tavares and Görski (2015). The methodology employed is based on the empirical analysis of data extracted from sociolinguistic interviews with Chapecó’s informants who were selected according to stratification criteria such as sex/gender, age group, and educational level. The data were coded and subjected to statistical modeling using the R Studio software which performed logistic regression to identify and measure the factors influencing variation. The main results indicate that although the presence of the connector, especially in its reduced *pra* form, remains predominant. Its absence constitutes a productive variant in chapecoense speech. The comparative analysis of the corpora points to an ongoing process of linguistic change marked by the retreat of the form *para* in favor of reduced and coalescent realizations, such as *pro*. In the most recent *corpus*, the data also indicate that this shift is now more clearly driven by social factors, particularly the preference for omitting the connector among male speakers and younger speakers. In contrast, factors such as the presence of a pause and formal style continue to favor the maintenance of the explicit form, confirming the role of prosodic structure and stylistic monitoring in the distribution between the presence and absence of *para*.

Keywords: Linguistic variation, Sociofunctionalism, final value *para* connector, Chapecó speech.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Configuração morfosintática e valor final das ocorrências (1a)-(1c).....	16
Quadro 2 - Resumo das pesquisas linguísticas sobre o uso de <i>para</i> no PB.....	52
Quadro 3 - Variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas.....	70
Gráfico 1 - Frequência da ausência e da presença de <i>para</i> - VARSUL.....	87
Gráfico 2 - Frequência da ausência e da presença de <i>para</i> - VMPOSC.....	88
Gráfico 3 - Distribuição das variantes - VARSUL.....	90
Gráfico 4 - Distribuição das variantes - VMPOSC.....	93
Gráfico 5 - Distribuição das variantes - VARSUL.....	97
Gráfico 6 - Distribuição das variantes - VMPOSC.....	99
Gráfico 7 - Razões de chance dos fatores que influenciam <i>para</i> no VARSUL.....	104
Gráfico 8 - Razões de chance dos fatores que influenciam <i>para</i> no VMPOSC.....	109
Gráfico 9 - Distribuição geral das variantes na configuração morfosintática do segmento antecedente ao conector	118
Gráfico 10 - Distribuição geral das variantes na configuração morfosintática do segmento introduzido por <i>para</i>	122
Gráfico 11 - Classificação semântica dos verbos com ausência de conector em segmentos finais -VARSUL.....	138
Gráfico 12 - Classificação semântica dos verbos com ausência de conector em segmentos finais - VMPOSC.....	139
Figura 1 - Árvore de decisão laboviana para monitoramento da variação estilística em entrevistas sociolinguísticas	151
Quadro 4 - Fatores linguísticos e extralinguísticos significativos na distribuição entre presença e ausência de <i>para</i> no VARSUL e no VMPOSC.....	157

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da amostra do VARSUL Chapecó.....	75
Tabela 2: Distribuição da amostra do VMPOSC.....	76
Tabela 3: Frequência da ausência e da presença de <i>para</i> por <i>corpus</i>	86
Tabela 4 - Análise de regressão logística dos efeitos mistos - VARSUL.....	102
Tabela 5 - Análise de regressão logística dos efeitos mistos - VMPOSC.....	106
Tabela 6 – Efeito da pausa no uso de <i>para</i> (VARSUL e VMPOSC)	113
Tabela 7 - Distribuição de <i>para</i> segundo a correferencialidade do sujeito – VARSUL	127
Tabela 8 - Distribuição de <i>para</i> segundo a correferencialidade do sujeito – VMPOSC.....	128
Tabela 9 - Distribuição de <i>para</i> segundo a configuração sintática da articulação final - VARSUL.....	132
Tabela 10 - Distribuição de <i>para</i> segundo a configuração sintática da articulação final - VMPOSC.....	133
Tabela 11 – Distribuição de <i>para</i> segundo os fatores sociais - VARSUL.....	145
Tabela 12 - Distribuição de <i>para</i> segundo os fatores sociais - VMPOSC.....	147
Tabela 13 - Distribuição de <i>para</i> segundo o estilo de fala - VARSUL.....	153
Tabela 14 - Distribuição de <i>para</i> segundo o estilo de fala - VMPOSC.....	154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ELAN	<i>Eudigo Linguistic Annotator</i>
GLM	<i>Generalized Linear Model</i>
GLMM	<i>Generalized Linear Mixed Model</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LAEL	Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
NURC	Projeto Norma Urbana Culta do Brasil
NURC RJ	Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
PORTAL	Variação linguística do português alagoano
PortVix	Português Falado na Cidade de Vitória
SN	Sintagma Nominal
SAdj	Sintagma Adjetival
SAdv	Sintagma Adverbial
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VALPB	Variação Linguística da Paraíba
VALTINS	Variação Linguística no Estado de Tocantins
VARBRUL	<i>Variable Rule Analysis</i>
VARSUL	Variação Linguística na Região Sul do Brasil
VMPOSC	Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	JUSTIFICATIVA	17
1.2	OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES	19
1.2.1	Objetivo geral	19
1.2.2	Objetivos específicos	19
1.2.3	Questões e hipóteses gerais	19
1.3	ESTRUTURA DA PESQUISA	22
2	REVISÃO DA LITERATURA	23
2.1	<i>PARA EM GRAMÁTICAS: PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÃO</i>	23
2.1.1	A perspectiva das gramáticas prescritivas	23
2.1.2	A perspectiva das gramáticas descritivas	25
2.2	<i>PARA EM DICIONÁRIOS: PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÃO</i>	32
2.3	<i>PARA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS</i>	37
3	QUADRO TEÓRICO	59
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO E EPISTEMOLÓGICO	59
3.2	OBJETO DE ESTUDO E PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS	60
3.3	CONCEITOS CENTRAIS	62
3.4	CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS	66
3.5	CRÍTICAS E LIMITAÇÕES	67
3.6	DESENVOLVIMENTO E DESDOBRAMENTOS	68
3.7	CONTRIBUIÇÃO GERAL DA ABORDAGEM PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS	68
4	METODOLOGIA	69
4.1	CODIFICAÇÃO	69
4.1.1	Variável dependente	69
4.1.2	Variáveis independentes	70
4.2	<i>CORPORA</i>	72
4.2.1	Delineamento da amostra: definição dos critérios de seleção dos informantes e descrição da metodologia de coleta de dados	72
4.2.2	Procedimentos de tratamento e análise dos dados	77
4.2.2.1	Tratamento estatístico dos dados	78
4.3	DADOS QUE ENTRAM E DADOS QUE SAEM (RESTRICÇÕES)	80

4.3.1	Dados que entram (objeto da análise)	80
4.3.2	Dados que saem (restrições)	82
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	84
5.1	USOS DE <i>PARA</i> COM VALOR FINAL NA FALA CHAPECOENSE	84
5.1.1	Análise formal das variantes de <i>para</i>: distribuição, redução e coalescência	85
5.1.1.1	Frequência geral: ausência <i>versus</i> presença	85
5.1.1.2	O <i>continuum</i> de erosão fonológica (<i>para</i> > <i>pra</i> > <i>pa</i>)	89
5.1.1.2.1	<i>Análise da variação e evidências</i>	90
5.1.1.3	Coalescência e fusão morfológica	95
5.1.1.3.1	<i>Análise da coalescência e evidências</i>	97
5.2	RESULTADOS DA ANÁLISE DE REGRESSÃO LOGÍSTICA	100
5.2.1	Condicionadores linguísticos	111
5.2.1.1	Nível fonético-fonológico	111
5.2.1.1.1	<i>Pausa</i>	111
5.2.1.2	Nível Morfossintático	115
5.2.1.2.1	<i>Configuração morfossintática do segmento antecedente ao conector</i>	115
5.2.1.2.2	<i>Configuração morfossintática do segmento introduzido por <i>para</i></i>	120
5.2.1.2.3	<i>Correferencialidade de Sujeitos</i>	124
5.2.1.3	Nível sintático	129
5.2.1.3.1	<i>Configuração sintática da articulação final</i>	129
5.2.1.4	Nível Semântico-pragmático	134
5.2.1.4.1	<i>Classificação semântica dos verbos do segmento antecedente e do segmento de valor final</i>	134
5.2.2	Condicionadores extralinguísticos	141
5.2.2.1	Fatores sociais	141
5.2.2.1.1	<i>Gênero/sexo</i>	142
5.2.2.1.2	<i>Faixa Etária</i>	142
5.2.2.1.3	<i>Escolaridade</i>	144
5.2.2.2	Fatores estilísticos	150
5.2.2.3	Comparação temporal das amostras: variação e estabilidade no uso de <i>para</i> ao longo das décadas (1990 - 2014)	154
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
	REFERÊNCIAS	166

1. INTRODUÇÃO¹

A variação linguística abrange as múltiplas formas que uma língua pode assumir conforme tempo, região, escolaridade, idade, sexo/gênero e contexto de uso, refletindo a diversidade cultural e social dos falantes. Seu estudo, observável dos níveis léxico-fonológico ao sintático-discursivo, demonstra como a comunicação é moldada pela interação entre restrições estruturais internas ao sistema linguístico e condicionadores históricos e socioculturais. Tal perspectiva permite identificar dialetos e registros, compreender processos de mudança e de construção de identidades, além de relativizar a noção de um único padrão “correto”, posicionando a variação como eixo central para entender a linguagem como fenômeno humano complexo e multifacetado.

Partindo dessa perspectiva ampla, esta dissertação trata da presença e ausência de *para*, em suas formas plena, reduzida, aglutinada e suprimida², com valor final (intra e interoracional) no português falado em Chapecó, Santa Catarina. Nesse contexto, destacamos, a título de amostragem inicial, três ocorrências em que o conector *para* é suprimido:

- (1) a. “Eu saio Ø caminhar.” (MSA VMPOSC)³
 b. “Faz uma feira Ø vender um preço baratinho.” (FGA VARSUL)
 c. “[...] que nós ficássemos juntos Ø cuidar ele até ele morrer.” (MPA VARSUL)

Nas três ocorrências, observa-se um padrão estrutural de base semelhante: uma oração matriz seguida de uma oração reduzida de infinitivo que veicula valor final. Em todos os casos, o conector *para* não é realizado fonicamente na articulação entre as duas orações; ainda assim, a relação de finalidade permanece claramente recuperável, o que autoriza a análise dessas estruturas em (1) como orações finais reduzidas de infinitivo com ausência de conector.

Em (1a), o verbo “saio”, na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, expressa um deslocamento físico cujo objetivo se explicita na oração infinitiva “caminhar”. A

¹ Esta pesquisa é vinculada a um projeto maior em curso, intitulado "Variação e Mudança Linguística no Brasil: pesquisa e prática", coordenado pela Prof^a. Dr^a. Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

² Daqui em diante, adotamos como representante das variantes em estudo a forma *para*, englobando as seguintes realizações: plena (*para*), reduzida (*pra*), aglutinadas (*pras/ pro/ pros/ prum/ pruns*) e suprimida (\emptyset).

³ As frases entre aspas em (a–c) reproduzem falas extraídas dos bancos de dados VMPOSC e VARSUL. Os dados analisados nesta dissertação provêm de informantes na faixa etária de 25 a 49 anos, sendo os casos (1a) e (1c) de homens e o (1b) de uma mulher, com níveis de escolaridade que variam entre o ensino superior para (1a), o fundamental II para (1b) e o fundamental I para (1c), cujos códigos de identificação detalhados encontram-se na seção 5.2.1.

relação de finalidade se estabelece entre a oração matriz e a oração reduzida subsequente, sendo reforçada pela correferencialidade entre os sujeitos.

Em (1b), a oração matriz apresenta uma atividade concreta, expressa por “faz uma feira”, à qual se associa a oração infinitiva “vender um preço baratinho”. Também aqui a ausência de *para* não compromete a interpretação finalística, uma vez que a construção mantém de forma nítida a relação de propósito entre o evento expresso na matriz e a ação enunciada na oração reduzida.

Em (1c), observa-se uma estrutura mais complexa, mas igualmente orientada por uma relação de finalidade. A construção “que nós ficássemos juntos” introduz o conteúdo de um pedido, ao qual se articula a oração infinitiva “cuidar ele até ele morrer”, responsável por explicitar a finalidade da permanência conjunta. Ainda que o conector *para* não se realize formalmente, a leitura de finalidade permanece preservada pela articulação semântica entre a oração matriz e a subordinada reduzida.

Nos três casos, a oração matriz articula-se a uma oração reduzida de infinitivo com valor final, sem que a omissão do conector *para* comprometa a interpretação semântica da relação de finalidade. Cumpre observar, ainda, que, em todos os casos, há identidade de sujeito entre a oração matriz e a subordinada, razão pela qual o infinitivo se apresenta em sua forma não flexionada. Caso os sujeitos fossem distintos, seria mais frequente a ocorrência de flexão do infinitivo e/ou de marcação explícita do sujeito da subordinada, conforme observa Moura Neves (2000), o que não se verifica nas ocorrências analisadas.

Assim, embora o conector *para* não se realize formalmente, sua função relacional permanece ativa. Esses dados sugerem que, na variedade chapecoense, a ausência desse conector pode configurar uma variante funcionalmente equivalente às formas realizadas, embora marcada por maior erosão formal.

O quadro 1, a seguir, sintetiza a configuração morfossintática e o valor semântico das ocorrências (1a) - (1c), destacando as relações entre a oração matriz, a ausência do conector *para* e a oração final reduzida de infinitivo.

Quadro 1 - Configuração morfossintática e valor final das ocorrências (1a) -(1c)

Ocorrência	Sujeito da matriz	Predicado da matriz (modo/tempo)	Realização do conector <i>para</i>	Sujeito recuperado na final	Núcleo da oração final (infinitivo)	Complemento da final	Valor semântico
(1a)	Eu	Presente do Indicativo: saio	Ausência	Implícito: eu	Caminhar	(intransitivo)	Propósito
(1b)	Implícito: tu	Imperativo afirmativo: faz uma feira	Ausência	Implícito: tu/você	Vender	um preço baratinho	Finalidade
(1c)	Nós (1ª pessoa do plural)	Pretérito imperfeito do subjuntivo: ficássemos juntos	Ausência	Implícito: nós	Cuidar	ele	Finalidade

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Em outras palavras, o que intencionamos mostrar é que as ocorrências que analisamos neste estudo partilham a mesma espinha dorsal: um período composto cuja oração matriz, com sujeito expresso ou não, veicula um pedido, uma ordem ou uma ação à qual se articula uma oração subordinada reduzida de infinitivo, com sujeito correferencial ou não, introduzida ou não pelo conector *para* com valor final. Nessa configuração, a oração subordinada explicita a finalidade associada ao conteúdo da matriz e funciona como uma justificativa semântica, mesmo quando o conector é suprimido. Foi precisamente essa possibilidade interpretativa que despertou o interesse por esta pesquisa, ao evidenciar a relevância de investigar em que medida a presença e a ausência de *para* com valor final se distribuem na fala chapecoense e quais fatores condicionam esse uso.

Diante desse cenário, esta dissertação propõe-se a responder à seguinte questão de pesquisa: “Em que medida e sob quais condicionadores linguísticos, sociais e estilísticos, se distribuem, na fala de informantes chapecoenses, a presença e a ausência de *para* com valor

final em contextos intra e interoracionais e como esses padrões evidenciam uma mudança em curso ao compararmos as amostras do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e do VMPOSC (Variação e Mudança do Português do Oeste de Santa Catarina)?”

Para responder a essa questão, o estudo adota o referencial do Sociofuncionalismo, que articula pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, tal como formulada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) e do Funcionalismo de vertente norte-americana (cf. Givón, 1995, 2001; Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 1993; Traugott, 1995). Essa aproximação teórica tem ganhado força no Brasil (cf. Oliveira, Silva; Scherre, 1996; Naro; Braga, 2000, entre outros), sendo discutida de forma mais aprofundada em Tavares (2003), Görski e Tavares (2006, 2013, 2017) e em Tavares e Görski (2015). Tal enquadramento teórico-metodológico permite identificar e mensurar os fatores que, isoladamente ou em interação, condicionam o uso e sustentam a descrição e a análise do fenômeno linguístico investigado.

1.1 JUSTIFICATIVA

A presença de *para* com valor finalístico tem sido investigada na literatura em diferentes variedades do Português do Brasil. A revisão bibliográfica aponta diversas pesquisas que se dedicam à descrição de *para* sob distintos enfoques teórico-metodológicos (por exemplo, Wiedemer (2008)⁴, Silva (2010), Deoclécio (2011), Ferreira (2014, 2018), Guilherme (2018), Almeida e Oliveira (2021), Ramos e Silva (2022) e Huback (2022)). Porém, constatamos a inexistência de pesquisa sobre o fenômeno na variedade chapecoense, além da inexistência de estudos que retratam a ausência de *para* com valor final, o que se constitui como nossa justificativa para a relevância deste estudo, pois buscamos contribuir com a descrição do português falado na região Sul do Brasil. Não obstante, os resultados desta investigação poderão ser utilizados para futuras comparações com outras variedades do português brasileiro já analisadas.

Por essa razão, é fundamental delinear o contexto sociolinguístico do Oeste Catarinense, área cuja diversidade resulta do encontro de múltiplos grupos culturais e históricos. A presença de povos indígenas, por exemplo Kaingang, Guarani e Xokleng, que resistiram a conflitos e chacinas mantendo vivas suas línguas como forma de resistência, cruza-se com a presença de

⁴ Embora Wiedemer (2008) investigue a variação entre as preposições *a/para/em* com verbo “ir” de movimento, extraímos de seu estudo apenas as ocorrências com a preposição *para* que apresentam valor final, devido à sua relevância para o recorte aqui proposto. Elucidaremos mais sobre este estudo constam na seção 2.3.

migrantes gaúchos descendentes sobretudo de alemães e italianos que moldam a diversidade linguística do português local. Nos últimos anos, a rápida urbanização e a chegada de novos fluxos migratórios, sobretudo haitianos e venezuelanos em busca de oportunidades socioeconômicas, acrescentam camadas adicionais a esse mosaico linguístico, intensificando o contato entre variedades e transformando práticas comunicativas.

Essa heterogeneidade sociocultural é particularmente valiosa para a Sociolinguística, pois permite examinar de que maneira fatores históricos, sociais e identitários condicionam a variação linguística, a constituição de identidades regionais e os processos de mudança ao longo do tempo. Estudar o Oeste Catarinense, portanto, fornece um laboratório privilegiado para compreender dinâmicas de contato, inovação e manutenção linguística, enriquecendo o panorama geral dos estudos sociolinguísticos brasileiros.

Além disso, há também uma justificativa pessoal a ser considerada. Ao investigar diferentes gramáticas, constata-se que a língua portuguesa exibe uma multiplicidade de comportamentos nas falas individuais e comunitárias. Essa percepção torna-se ainda mais nítida quando o autor desta pesquisa, oriundo de uma comunidade de fala carioca, se insere na comunidade chapecoense e nota, sobretudo nos níveis mais salientes fonético-fonológico e lexical, outras possibilidades de realização da língua. Entre as diversas situações observadas, emergiu a variação morfossintática diatópica que motiva este estudo: sair de um contexto em que o conector *para* com valor final se realiza (Guilherme, 2018) regularmente na conexão intra e interoracional e chegar a outro, no Oeste catarinense, em que sua ausência é relativamente frequente sem acarretar prejuízo semântico. Impõe-se, portanto, compreender empiricamente as razões dessa variação, partindo dos resultados de estudos anteriores que sinalizam que, no uso geral do português brasileiro, *para*, assim como conectores equivalentes, a exemplo de *a fim de* ou *para que*, tipicamente introduzem contextos intra e interoracionais.

Por fim, esperamos que este estudo contribua para os estudos linguísticos ao preencher essa lacuna descritiva sobre o português falado no Oeste Catarinense, o que amplia o mapeamento nacional de variação diatópica. Ao documentar um fenômeno ainda pouco explorado, a pesquisa busca não apenas refinar modelos teórico-metodológicos, mas também fornecer subsídios metodológicos claros e replicáveis, que possam orientar investigações futuras em outras regiões. Além da contribuição teórico-metodológica, os resultados podem oferecer insumos para políticas linguísticas e a produção de materiais pedagógicos mais inclusivos para o ensino de português, tanto a estudantes brasileiros quanto a aprendizes de português como língua adicional. Ao mesmo tempo, reforçam a valorização das variedades regionais e constituem uma base longitudinal para o acompanhamento de mudanças

morfossintáticas em fases posteriores, beneficiando a pesquisa acadêmica, a formação inicial e continuada de professores e a conscientização sociolinguística da comunidade local.

1.2 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

1.2.1 Objetivo Geral

Descrever e analisar, sob uma perspectiva sociofuncionalista, o uso de *para* com valor final em contextos intra e interacionais, em dimensão sincrônica e diacrônica, a partir de amostras de fala de 40 informantes chapecoenses dos bancos de dados do VARSUL e do VMPOSC.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Verificar a frequência de uso das diferentes formas de *para* com valor final em contextos intra e interacionais na fala de informantes chapecoenses;
- b) Analisar, sob a perspectiva funcionalista, a relação entre forma e função nas diferentes realizações de *para*, observando como fatores semânticos, morfossintáticos e discursivo-pragmáticos condicionam a expressão do valor final na fala de informantes chapecoenses;
- c) Identificar as variáveis linguísticas, sociais e estilísticas que atuam nas diferentes formas de uso de *para* em contextos intra e interacionais na fala de informantes chapecoenses;
- d) Comparar os diferentes recortes temporais das amostras do VARSUL e do VMPOSC, identificando semelhanças, diferenças e possíveis mudanças (ou estabilidade) no uso de *para* na trajetória de 23 anos de diferença entre as amostras.

1.2.3 Questões e hipóteses gerais

Diante disso, esta pesquisa propõe as seguintes questões e as respectivas hipóteses⁵:

- **Questão 1:** Qual é a frequência de uso das diferentes formas de *para* com valor final em contextos intra e interacionais na fala de informantes chapecoenses?

⁵ A relação do fenômeno investigado com os problemas empíricos será desenvolvida no capítulo 3, assim como a caracterização e as hipóteses específicas a cada um dos grupos de fatores serão detalhadas e discutidas no capítulo 5.

- **Hipótese 1:** Diante do inventário de variantes da forma *para*, a expectativa é que a forma reduzida *pra* se consolide como a mais frequente no *corpus*, sobrepondo-se às formas plenas, aglutinadas e à ausência. Essa suposição se baseia em diversos fatores que convergem para o uso preferencial dessa forma reduzida na oralidade brasileira. Primeiramente, a alta frequência de *pra* justifica-se pelo seu emprego em contextos que extrapolam a indicação de finalidade. Essa tendência encontra respaldo em estudos linguísticos, que serão apresentados no capítulo 2, os quais documentam o processo histórico de redução do dissílabo átono (*para* > *pra*) já consolidado pelo uso frequente na fala. Ademais, essa variante demonstra a preferência dos falantes em substituir outras preposições, notadamente pelo *a* em contextos de regência verbal, visando evitar ambiguidades (como a confusão entre preposição e artigo). Em segundo lugar, a literatura apresentada no capítulo 2 aponta para a variante *pra* como a forma mais recorrente na modalidade oral em diversos contextos e regiões do Brasil. Por fim, supomos que a omissão do conector final constituirá a segunda forma mais frequente na fala chapecoense. Essa expectativa decorre da possibilidade de a omissão já estar consolidada no uso, mesmo representando uma forma de erosão linguística e inovação. Além disso, supomos que a ausência do conector se manifesta predominantemente em contextos de alta fluência e reduzido monitoramento da produção oral.
- **Questão 2:** De que modo as diferentes formas de *para* se relacionam aos valores semântico-pragmáticos de finalidade e aos contextos morfossintáticos e discursivos de uso na fala de informantes chapecoenses?
- **Hipótese 2:** Assume-se que a variação nas formas de *para* com valor final, na fala de informantes chapecoenses, constitui um fenômeno funcionalmente motivado, em que diferentes graus de materialidade formal correspondem a diferentes condições de integração semântica, morfossintática e discursiva entre os elementos da construção.
- **Questão 3:** Que fatores linguísticos, sociais e estilísticos condicionam a produção das diferentes realizações de *para* com valor final em contextos intra e interoracionais na fala de informantes chapecoenses?

- **Hipótese 3⁶:** Entre os fatores linguísticos, os estudos (Silva, 2010; Deoclécio, 2011; Ferreira 2014, 2018; Guilherme, 2018; Almeida, Oliveira, 2021; Ramos, Silva, 2022; Huback, 2022) demonstram a presença de *para* realizado de três formas distintas (plena, reduzida ou aglutinada), porém nenhuma pesquisa sinalizou a variante ausência do conector. Neste sentido, supomos que a redução ou a ausência de *para* com valor final em contextos intra e interoracionais fosse favorecido por condições que aumentam a fluência e reduzem o monitoramento, tais como verbos de alta frequência em contextos intra e interoracionais finalísticos como os de movimento ou de causação (por exemplo: *ir, passar, levar*) e ausência de pausa. Se levarmos em conta a diacronia da língua portuguesa, muitos conectores sofreram mudanças ou desapareceram. Com a preposição *para*, houve uma gradativa redução de dissílabo para monossílabo e, de acordo com nossos estudos de base, numa análise prosódica, *para* é considerado um dissílabo fraco, por isso a facilidade de redução, principalmente em meio de sentenças, tendo grandes chances de alguns falantes provocarem sua ausência morfossintática, mas não semântica. Quanto aos fatores sociais, esperamos maior incidência da variante reduzida *pra/pa* entre falantes jovens, do sexo masculino e com menor escolaridade, perfis tradicionalmente associados à inovação linguística, entretanto, acreditamos que a ausência ocorre, independentemente de qualquer perfil. No plano estilístico, projetamos que a forma plena de *para* fosse mais frequente em contextos formais, entre falantes mais velhos ou de maior escolaridade.
- **Questão 4:** É possível observar mudanças linguísticas nas diferentes realizações do uso de *para* com valor final em contextos intra e interoracionais entre as amostras do VARSUL e do VMPOSC, coletadas em períodos distintos?
- **Hipótese 4:** Esperamos uma frequência significativamente maior de ausência no *corpus* VMPOSC (coletado a partir de 2014) do que no VARSUL (coletado nos anos 1990), indicando mudança em curso impulsionada por pressão de fala informal (Labov, 2001). Partindo do pressuposto de que mudanças linguísticas em curso tendem a aumentar a frequência de variantes reduzidas entre as gerações mais jovens e em estilos menos monitorados (Labov, 2001; Bybee, 2001), espera-se que as entrevistas mais recentes, como as coletadas pelo VMPOSC, apresentem índices significativamente mais altos de

⁶ As hipóteses deste trabalho foram formuladas a partir dos resultados de outros estudos sobre o tema na tentativa de depreender como, na fala de quem e quando ocorre a variação no uso do *para* em orações infinitivas finais na fala chapecoense.

ausência ou de coalescência de *para* (e.g., *pra*, *pro*, *p'*) do que as entrevistas com mais de 20 anos de diferença, como as coletadas pelo VARSUL. Esse avanço da forma reduzida deverá vir condicionado, do ponto de vista interno, por verbos de movimento, ausência de pausa (Guilherme, 2018); externamente, prever-se-á maior uso entre falantes jovens, do sexo masculino e de menor escolaridade, refletindo a correlação típica entre inovação e grupos socialmente menos prestigiosos na rede local (Naro, Scherre 1991; Guy, 2001). Socioculturalmente, a aceleração da urbanização em Chapecó desde os anos 1990, a expansão do ensino médio/universitário, a intensa exposição a mídias nacionais e digitais (Tagliamonte, 2016) e o contato com novos fluxos migratórios (por exemplo, haitianos e venezuelanos) terão atuado como forças de difusão e nivelamento dialetal, fatores capazes de impulsionar processos de erosão fonética e simplificação morfossintática já documentados em variantes de outras regiões do PB. Se confirmada, essa hipótese evidenciará uma mudança diacrônica em direção a variantes mais curtas e economicamente articuladas, alinhada a tendências de variação diatópica e estilística observadas em línguas românicas contemporâneas.

1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA

Esta dissertação está dividida em 6 Capítulos, sendo esta primeira introdutória: apresenta o enquadramento do fenômeno no campo da variação linguística, expõe a questão de pesquisa, a base teórico-metodológica que sustenta o estudo, bem como a justificativa e as contribuições da investigação. Em seguida, explicita o objetivo geral, desdobra-o em objetivos específicos e formula as questões e hipóteses que amparam as análises. O Capítulo 2 expõe a revisão da literatura embasada em dois pilares e suas concepções: 1 - a distinção entre os conceitos de preposição e conjunção e, estritamente, o *para* em gramáticas de natureza prescritiva e descritiva e em dicionários; 2 - as reflexões e aprofundamentos de *para* em estudos linguísticos de várias regiões do Brasil. Dedicamos o Capítulo 3 para a apresentação dos principais pressupostos teórico-metodológicos do Sociofuncionalismo. O Capítulo 4 detalha a metodologia para análise dos dois *corpora* e os métodos que conduziram nossa investigação. O Capítulo 5 esmiuça a apresentação e discussão dos resultados de ambas as amostras e o último apontará as considerações finais do estudo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresentamos a revisão da literatura sobre os aspectos formais e funcionais dos usos de *para*⁷, tanto como preposição quanto como conjunção, com base em gramáticas e dicionários do português. Em seguida, foi efetuado um levantamento bibliográfico de estudos linguísticos que examinam o emprego de *para* com valor final em contextos intra e interacionais no português do Brasil a fim de fundamentar a análise dos dados. Mostraremos que, na literatura consultada, é desafiador estabelecer, em certos contextos, o limiar preciso que permite diferenciar a categoria morfológica de *para*. É importante destacar que nosso *corpus* reúne ocorrências de *para* no domínio intra e interacional, portanto como elemento conjuntivo de ligação entre orações, cientes de que a rotulação pode variar conforme o quadro analítico.

Para embasar a distinção do estatuto de *para* como preposição ou como conjunção, bem como de sua respectiva locução, adotamos como referência cinco gramáticas da língua portuguesa: duas prescritivas (Rocha Lima, 2000; Bechara, 2009) e três descritivas (Moura Neves, 2000; Castilho, 2010; Bagno, 2012), tomadas aqui como representativas dessas duas abordagens. Também consultamos três dicionários do PB (Houaiss, 2025; Michaelis, 2025; Ferreira, 2025) para delimitar definições e usos pertinentes.

Apresentamos, em primeiro lugar, a perspectiva prescritiva e, na sequência, a descritiva; na parte lexicográfica, sistematizamos as acepções dicionarizadas. Concluída essa etapa, justificamos nossa própria classificação de *para*, fundamentada principalmente na análise de *para* em contextos intra e interacional, que constitui nosso objeto de análise.

2.1 PARA EM GRAMÁTICAS: PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÃO

2.1.1 A perspectiva das gramáticas prescritivas

Nas gramáticas prescritivas de Rocha Lima (2000) e Bechara (2009), o conector *para* é fundamentalmente classificado como preposição: no domínio sintático, atua como índice de subordinação entre termos; no domínio semântico, marca direção ou finalidade. Rocha Lima (2000, p. 180) define preposições como “palavras que subordinam um termo a outro”, classifica

⁷ Não consideramos o levantamento de *para* como substantivo ou como verbo no levantamento bibliográfico efetuado por não ser objeto do nosso estudo.

para como “essencial”, mas sem distingui-las claramente das acidentais. Bechara (2009), por sua vez, considera a preposição “unidade linguística desprovida de independência” que assinala a função do termo subsequente, atribuindo a *para* os valores de “aproximação ao ponto de chegada ou mera direção”.

Bechara (2009) realça o aspecto morfossintático ao reconhecer as formas reduzidas *pra*, *pro(s)*, *pra(s)* como variantes atestadas no uso. Estas variantes constituem processos morfofonológicos: erosão e síncope em posição átona (*para* → *pra*; *pra* → *pa*), bem como cliticização em contexto de juntura e coalescência por sândi com o item subsequente (*para* + *o* → *pro*; *para* + *a* → *pra*; plurais *pros*, *pras*). Importa notar que tais realizações integram o uso efetivo sem comprometer o valor finalístico do conector. Em complemento a essa caracterização morfofonológica reconhecida por Bechara (2009), o aspecto estilístico-discursivo de *para* foi observado por Rocha Lima (2000): na fala, costuma realizar-se como *pra* e, por essa razão, é grafada dessa maneira por escritores que procuram retratar a língua cotidiana.

Quanto às conjunções, a gramática tradicional privilegia as locuções conjuntivas finais do tipo *para que*, *a fim de (que)*, que introduzem orações finais desenvolvidas. Em Rocha Lima (2000), as orações ligam os elementos e a finalidade é exemplificada por locuções; o funcionamento interno das orações finais permanece pouco explicitado. Bechara (2009) segue linha semelhante: as “orações finais” são descritas como expressões de intenção, sempre introduzidas por locuções, não por um único vocábulo. Contudo, em estruturas como “*para* comprar um imóvel”, os dois gramáticos classificam a sequência como oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo, introduzida pela preposição *para* marcadora de traço semântico de finalidade e direção, e não por conjunção subordinativa.

Tomados em conjunto, esses aportes convergem que *para* tem duplo estatuto na tradição gramatical: formalmente, atua como (i) Preposição quando rege infinitivos: “Ele foi à biblioteca *para* ler.”, introduzindo orações finais reduzidas; (ii) integra locução conjuntiva quando combinada a *que*: “Ele mentiu *para que* o deixassem sair.” (Rocha Lima, 2000, p. 238), responsável por orações finais desenvolvidas no subjuntivo. Funcionalmente, em ambas as configurações, o valor semântico é o de finalidade (além de direção/destino em contextos nominais), ao passo que as realizações reduzidas e aglutinadas refletem o uso efetivo.

Esses exemplos ilustram que *para* mantém funções distintas: isolada, funciona como preposição essencial; combinada com *que*, atua como núcleo de uma locução conjuntiva final. Esse duplo estatuto é decisivo para os estudos variacionistas, pois a redução fonética, as formas aglutinadas e a ausência em orações infinitivas finais parecem ocorrer apenas quando *para* exerce papel preposicional, não quando está lexicalmente amalgamada a *que* em locuções conjuntivas

do tipo *para que*. Essa distinção orienta a delimitação da variável e a classificação dos dados neste trabalho.

Segundo a perspectiva de ambos os autores, *para* em orações reduzidas de infinitivo atua como preposição que regencia o infinitivo e marca semanticamente a finalidade; não é classificada como conjunção simples. Essa leitura alinha-se ao mapeamento adotado nesta dissertação para codificação da variável: nas construções finais reduzidas, consideramos *para* (e suas realizações plena, reduzida, aglutinada ou suprimida) no domínio preposicional; nas finais desenvolvidas com *para que*, são tratadas como locução conjuntiva, fora do escopo da variação alvo.

Na sequência, mostraremos como as gramáticas descritivas refinam esse limiar preposição/conjunção ao introduzirem critérios de dependência estrutural, função discursiva e *continuum* funcional, elementos que dialogam diretamente com a variação observada no *corpus* chapecoense.

2.1.2 A perspectiva das gramáticas descritivas

As gramáticas descritivas de Moura Neves (2000), Castilho (2010) e Bagno (2012), ao privilegiarem o funcionamento efetivo da língua e a interface sintaxe–semântica–discurso, refinam a classificação de *para* e descrevem seus contextos de uso, processos de gramaticalização e alternâncias formais, além de sua etimologia.

Moura Neves (2000), na parte IV de sua gramática, intitulada “A junção”, trata das preposições (incluindo *para*) e das conjunções, distinguindo aquelas preposições introdutoras de argumentos daquelas não introdutoras. No âmbito das conjunções, aborda também as adverbiais, entre as quais se situam as finais, que constituem objeto de investigação deste trabalho.

No plano sintático, “junção” corresponde a uma dependência estrutural: preposições e conjunções funcionam como operadores de vínculo entre sintagmas ou orações. A subordinação estrita manifesta-se por adjunção — em que a oração adverbial se anexa à nuclear — e por complementação — em que a preposição introduz um argumento. Quando *para* precede uma oração reduzida de infinitivo, estabelece vínculo formal entre a matriz e a subordinada final, independentemente de o infinitivo flexionar-se ou não e de sujeitos serem idênticos ou distintos, mantendo a coerência de dependência entre os constituintes (Moura Neves, 2000).

No plano semântico, essas construções mantêm relativa independência: a oração final adiciona um valor de finalidade ou de projeção futura sem alterar a predicação central,

contribuindo para a progressão informacional do enunciado. A preposição *para* sinaliza direção, propósito ou referência prospectiva, seja em verbos dinâmicos — “Vou convidar Irene *para* almoçar” — seja em verbos menos dinâmicos que projetam o acontecimento para um momento posterior — “Ainda vai demorar uns vinte e oito anos *para* eles acabarem...”. Em muitos casos, a noção de finalidade e a projeção futura coexistem, gerando, no discurso, uma expectativa de providência que completa o sentido iniciado pela oração principal (Moura Neves, 2000).

No subcapítulo dedicado a *para*, Moura Neves (2000) mostra que o sintagma ora introduz complementos argumentais (ponto de chegada, receptor, beneficiário), ora estabelece relações não argumentais (finalidade ou referência futura), o que explica a alta produtividade de *para* associada a um infinitivo em finais reduzidas.

Quanto ao sujeito, não há restrição categórica nessas construções: com sujeitos distintos, o infinitivo pode flexionar-se; com sujeitos correferenciais, a flexão é facultativa, preservando a leitura final. As três ocorrências (1a), (1b) e (1c), apresentadas na Introdução (Capítulo 1), ilustram um desses arranjos possíveis: períodos compostos em que a subordinada infinitiva tem sujeito correferencial ao da oração matriz. Nesses casos, o infinitivo permanece invariável (sem desinência pessoal), alinhando-se ao padrão descrito por Moura Neves (2000). Esses dados, além de confirmarem a correferencialidade sujeito-sujeito como contexto particularmente propício para a realização não flexionada do infinitivo, fornecem o cenário empírico a partir do qual investigamos a variação de *para* na fala chapecoense.

Em resumo, em orações reduzidas de infinitivo, *para* atua como preposição (governa um constituinte interno), ao passo que *para que* integra locução conjuntiva. A preposição incorpora-se ao sintagma subsequente, constituindo com ele um único complemento ou adjunto dependente do núcleo verbal, nominal ou adjetival; é o que ocorre em “Vou ao interior *para* descanso”, em que *para* marca a função de destino e pertence ao mesmo constituinte que o sintagma nominal “descanso”. Já a conjunção opera externamente, articulando unidades de igual hierarquia — por exemplo, na locução conjuntiva *para que* em “Mentiu *para que* o deixassem sair”, o segmento estabelece a relação de finalidade entre duas orações independentes, sem atribuir função sintática interna ao termo subsequente “o deixassem sair”.

Castilho (2010) aborda preposições e conjunções como sistema linguístico no campo da conectividade textual, mas as distingue pelo escopo: a preposição ancora um sintagma preposicional (dependência interna, articulação intraracional); a conjunção pode subordinar/coordenar orações (articulação interacional).

Formalmente, *para* é rotulado entre as preposições mais gramaticalizadas⁸, pelo fato de serem mais facilmente amalgamadas a outros elementos linguísticos. Dentre vários exemplos citados como *ao, àquela, co'a, num, disso, docê, prum, praquilo*, Castilho (2010) também menciona as variantes reduzidas *pra, pro* e *praquilo*.

Outro fato que justifica a inclusão de *para* no grupo das preposições gramaticalizadas é seu valor semântico mais complexo: além de introduzirem tanto argumentos quanto adjuntos de verbos, essas preposições apresentam maior frequência de uso em comparação às menos gramaticalizadas. As orações adverbiais, por sua vez, por serem adjuncionais, exibem ligação sintática mais fraca com a matriz, sendo sensíveis às necessidades discursivas, o que se avalia pelo grau de interdependência e pelo tipo de relação lógico-semântica que estabelecem.

Funcionalmente, *para* ativa um sentido de base, de localização espacial e temporal (direção/ telicidade), mesmo não havendo uma consciência clara sobre isso, pelo fato delas localizarem entidades que atuam como operadores que atribuem propriedades semânticas às palavras que relacionam.

Historicamente, Castilho (2010) registra a substituição gradual de *para* e *a*, em contextos de movimento, como evidência de mudança em curso. O autor cita Berlinck (1997, 2000a, 2000b), que constatou a convivência de *a, em* e *para* por um determinado período, seguida de uma progressiva diminuição da frequência de uso de *a* em favor de *em* ou *para*. Essa conclusão decorre da comparação entre dados do português do Brasil do século XIX e do português brasileiro contemporâneo. Em termos de seleção, verbos de deslocamento de uma figura em direção a um ponto de referência selecionam, dentre as preposições, o *para* ou o *pra*, o que explica que, na maioria dos exemplos em que há a ausência preposicional em contextos intraoracionais e interoracionais, o falante se encontra na situação de direção, movimento, sequência, deslocamento e/ou finalidade.

Na seara da subordinação, Castilho (2010) distingue três processos de marcação: por operadores (as conjunções subordinadas); por morfemas (subjuntivo e formas nominais do verbo) e por verbos evidenciais seguidos da conjunção *que*. As orações finais recorrem aos dois primeiros processos de marcação gramatical.

⁸ Para Castilho (2010, p.589-591), o termo “gramaticalização” não é claramente definido, entretanto o autor se inspira nas orientações de Ilari et al. (2008) para afirmar que o termo é um processo morfológico e fonético diacrônico, que permite que as preposições sejam facilmente amalgamadas a outros elementos linguísticos na fala e na escrita por possuírem valores semânticos mais complexos e funcionam também como introdutoras tanto de argumentos, como de adjuntos de verbos. A preposição *para* é classificada como simples (aquelas que são constituídas de um vocábulo, pois as complexas são constituídas de preposição + advérbios ou preposição + substantivo ou até mesmo duas preposições, por exemplo: *para com*). Num *continuum*, as preposições simples são mais suscetíveis à gramaticalização que as mais complexas.

As adverbiais finais, sendo adjuncionais, verbalizam informações adicionais, ao contrário das substantivas e das adjetivas, por exibirem uma ligação mais fraca com a sentença matriz. Se, por um lado, têm menor encaixamento estrutural sintaticamente, por outro são mais sensíveis às necessidades do discurso. Neste viés, segundo Castilho (2010), o critério mais seguro para analisar uma adverbial é o grau de interdependência com a sentença nuclear a que se vincula, além disso, o tipo de relação lógico-semântica que expressa.

De modo geral, as adverbiais finais, em sua maioria, só se constroem com subjuntivo (desenvolvidas) ou com o infinitivo preposicionado (reduzidas), conforme os exemplos a seguir (Castilho, 2010, p. 282):

- (2) a. Simulou doença *para que* o deixassem sair.
b. Reze *para* alcançar perdão.

Em (2a), a oração final desenvolvida requer subjuntivo e *para que*. Em (2b), a reduzida emerge com *para* + infinitivo. Ambas preservam o traço semântico teleológico, variando o grau de explicitação e complexidade formal.

Em suma, para Castilho (2010), a diferença crucial é formal (dependência intra sintagmática *versus* articulação interoracional), enquanto a semelhança é funcional (finalidade/direção), quadro que orienta a análise variacionista. A preposição, como núcleo de um sintagma preposicional, liga um constituinte interno (SN – Sintagma Nominal, SAdj – Sintagma Adjetival, SAdv – Sintagma Adverbial ou oração reduzida) ao predicado, exercendo três papéis: (i) sintático, ao criar dependência hierárquica por subordinação; (ii) semântico, ao atribuir ao seu escopo um valor localizado — em *para*, direção ou ponto-alvo; e (iii) discursivo, ao introduzir informação acessória que organiza o texto. Já a conjunção, embora igualmente opere a subordinação, pode ainda coordenar ou correlacionar unidades da mesma estrutura sintática, articulando proposições independentes e marcando relações lógico-semânticas mais amplas (causalidade, finalidade, adversidade).

Bagno (2012) propõe que a preposição *para/prá* deva ser analisada sob a perspectiva de "alvo", uma nomenclatura que reflete com precisão sua finalidade na língua. O autor critica a tradição gramatical, que se restringe a apontar a preposição apenas como um termo de ligação entre palavras. Porém, *para* porta sentidos de base (espaciais/temporais) que operam sobre o escopo.

Etimologicamente, o termo preposição se aplica principalmente às línguas indo-europeias. A preposição *para* é resultado de *pera*, uma forma arcaica que ainda aparecia em

textos literários do século XVI. *Pera* é a gramaticalização⁹ de duas preposições latinas: *per* + *ad* (origem da preposição *a*), em que *per* tem o sentido geral de “para adiante, à frente”, além de ser atribuído o sentido de totalidade e completude; já *ad* expressa situação ou movimento espacial como “junto de”, “nas proximidades de” ou “em direção a” ou movimento temporal como “até” ou “por volta de”.

A junção de *per* com *ad* exprime movimento no espaço visto no latim tardio, vulgar e nas línguas românicas que desencadearam no objeto indireto estudado nas gramáticas tradicionais, pois “dar algo a/para alguém” exprime movimento, direção, o que explica sua afinidade com encaixes de movimento e propósito. Além de ser uma marca de caso dativo¹⁰. Aliás, a questão de palavras identificadas no léxico pelos casos atribuídos foi sendo substituída, desde o galego português, por outros artifícios, sendo as preposições um deles. Da junção de *per* + *ad*, formou-se *perad* > *pera* > *para*.

Segundo Bagno (2012), o português brasileiro é a única língua românica em que a preposição *a* tem sido abandonada por *para* em contextos de movimento. A gramática tradicional prescreve que a preposição *a* deve ser usada com verbos de movimento que indicam ida ou movimento temporário, passageiro; já a preposição *para* indicaria uma permanência maior ou definitiva. No entanto, o português falado não segue à risca essa regra, pois, pelo princípio da economia e do menor esforço, o falante seleciona as preposições *em*, *a* e *para* para movimentos temporários, transitórios e somente o *para* em movimentos definitivos ou de longa duração. A facilidade de substituir o *a* por *em* ou por *para* com verbos em que a regência exigir, além de desfazer a ambiguidade do *a* artigo e do *a* preposição, reforçando a motivação funcional.

Do ponto de vista morfofonológico, Bagno (2012) descreve a erosão/síncope em posição átona *para* para o monossílabo átono *pra* (*para* → *pra* → *pa*) e coalescência/cliticização por sândi (*para* + *o* → *pro*; *para* + *a* → *pra*; *pros/pras*), sem prejuízo do valor finalístico.

⁹ Bagno (2012) realizou um levantamento baseado no *corpus* do NURC-Brasil, que confirmou as preposições serem capazes de exercer outras funções gramaticais. Nesta investigação, *para* foi uma das mais numerosas e recorrentes. Bagno (2012) mostrou que *para* pertence ao grupo das mais abundantes por serem mais etimológicas, isto é, herdada diretamente do latim e que, desde a sua forma arcaica *pera*, a preposição sofre processos de assimilação fonética pela sílaba posterior e consequentemente, simplificação ou erosão fonética cujos processos são denominados de gramaticalização.

¹⁰ Segundo Martins (2023), no latim vulgar, o caso dativo, originalmente usado para indicar o objeto indireto e funções como posse ou benefício, passou por um processo de redução no sistema de casos. Inicialmente presente no latim clássico, o dativo foi parcialmente fundido com o genitivo e o ablativo, restando, no início, apenas três casos (nominativo, acusativo e um dativo/genitivo combinado), e depois se reduziu geralmente ao acusativo. Portanto, no latim vulgar, o dativo manteve-se por algum tempo como relicto funcional do sistema clássico, mas acabou desaparecendo em favor de construções com preposições ou formas analíticas.

No tratamento das conjunções, Bagno (2012) ressalta a heterogeneidade e as zonas de transição entre as classes, a “sopa gramatical primitiva”, o que legitima a análise da fronteira entre preposição e locução conjuntiva¹¹.

A linha divisória entre preposição e conjunção reside, sobretudo, no alcance sintático segundo Bagno (2012): a preposição integra-se ao constituinte que introduz, formando com ele um sintagma dependente do núcleo verbal ou nominal, ao passo que a conjunção opera externamente, relacionando duas unidades de mesma hierarquia (palavras, sintagmas ou orações) e atribuindo-lhes um vínculo lógico-semântico. Nesse quadro, *para* enquanto preposição conserva o sentido de direção ou finalidade herdado de sua origem latina (*per + ad*) e pode substituir o *a* em contextos de movimento — fenômeno que reflete o princípio da economia articulatória no português brasileiro. Quando, porém, *para* se combina a *que* e passa a introduzir uma oração subordinada (*para que*), assume papel conjuntivo, não mais governando um sintagma, mas promovendo a subordinação de uma proposição que explicita a intenção da oração matriz. Assim, a semelhança entre *para* - preposição e *para que* - conjunção é o traço semântico de teleologia; a diferença crucial está no domínio estrutural: a primeira conecta internamente complemento ou adjunto, enquanto a segunda articula orações, evidenciando que preposições e conjunções compartilham origem, mas divergem quanto à função sintática.

Até aqui as gramáticas descritivas consultadas convergem nos seguintes pontos centrais:

(i) no plano formal, a preposição *para* constitui um item altamente gramaticalizado, sujeito a processos regulares de erosão fonética, síncope, coalescência e simplificação estrutural, o que explica a trajetória das formas *para* → *pra* → *pa*, bem como as aglutinações das formas *para* + artigo/pronome → *pro*, *pras*, *prum* etc;

(ii) no plano funcional, apesar da redução formal, essas gramáticas enfatizam que *para* preserva de modo robusto o seu valor funcional básico, associado à finalidade e à direção, mesmo quando reduzida ou amalgamada a artigos e pronomes.

(iii) do ponto de vista categorial, os gramáticos são uníssomos em tratar *para* como preposição quando introduz orações reduzidas de infinitivo e como parte da locução conjuntiva

¹¹ Infelizmente, Bagno (2012) não aborda exemplos de orações finais, mesmo havendo um leque de exemplos e conceituação entre coordenação, chamada pelo autor de parataxe, e subordinação, nomeada como hipotaxe.

para que quando encabeça orações desenvolvidas. Essa distinção é fundamental para esta dissertação: nas finais reduzidas, *para/prá/pro/pa* foi sempre classificada como preposição; nas finais desenvolvidas, *para que* foi analisada como conjunção. Esse enquadramento formal-funcional permite observar que a variação *para ~ prá ~ Ø* insere-se em um *continuum* de gramaticalização, no qual a forma zero (\emptyset) pode representar o estágio mais avançado e ainda não descrito nas gramáticas.

Entre as contribuições específicas, Moura Neves (2000) destaca que preposições e conjunções como *para* apresentam dependência estrutural, mas independência semântica, o que explica a resiliência do sentido final mesmo em estruturas altamente reduzidas. A autora também observa que sentenças com sujeitos distintos tendem a exigir orações desenvolvidas com conjunção (*para que*), ao passo que sujeitos correferenciais favorecem orações reduzidas com verbo no infinitivo — cenário coerente com a alta frequência de estruturas reduzidas na fala chapecoense.

Castilho (2010) reforça dois pilares essenciais: (i) preposições não são elementos vazios, mas possuem conteúdos semânticos próprios, inclusive na relação lógico-semântica entre as orações; (ii) *para* é uma das preposições mais vulneráveis à gramaticalização, dada sua alta frequência e capacidade de se amalgamar a itens vizinhos (*pra, pro, prum*). Além disso, o autor observa que as orações adverbiais finais possuem ligação sintática fraca com a matriz, são sensíveis às necessidades discursivas e exibem maior autonomia estrutural — condições que facilitam tanto a redução quanto a ausência do conector.

Bagno (2012), por sua vez, recupera o percurso histórico da preposição (*perad > para > pra*), enfatizando que a redução é um processo diacrônico contínuo. Se a passagem de *para* para *pra* já está consolidada no PB, acreditamos que a ausência pode representar o limite natural desse processo, hipótese convergente com os dados chapecoenses em que a forma zero (\emptyset) aparece como possibilidade real.

Em conjunto, as gramáticas descritivas fornecem a moldura teórica que fundamenta esta dissertação: a variação *para ~ prá ~ Ø* não é anômala, mas sim esperada em itens altamente frequentes e funcionalmente estáveis. A leitura de finalidade permanece, mesmo quando a forma é reduzida ou suprimida; a distinção categorial entre preposição (*para*) e conjunção (*para que*) é sensível à estrutura sintática; e a própria natureza das orações finais infinitivas cria condições para a simplificação morfofonológica extrema observada na fala chapecoense.

Na próxima seção, voltamo-nos aos dicionários de referência do português contemporâneo para observar a descrição de *para* em termos formais e funcionais.

2.2 PARA EM DICIONÁRIOS: PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÃO

Os dicionários Houaiss (2025), Michaelis (2025) e Ferreira (2025) descrevem *para* em termos de origem etimológica, classe gramatical e valores semânticos-pragmáticos, oferecendo um quadro de referência útil para distinção entre usos preposicionais e conjuntivos. A análise dos verbetes permite verificar em que medida a lexicografia consagra *para* como preposição, a inclui (ou não) no domínio conjuntivo e como trata suas variantes reduzidas e locuções finais (*para que, a fim de que*). Ao confrontar essas descrições com o quadro traçado pelas gramáticas prescritivas e descritivas, buscamos consolidar os critérios de classificação relevantes para a codificação dos dados desta dissertação, em especial nos contextos intra e interacionais da fala chapecoense.

Houaiss (2025) classifica *para* como palavra gramatical invariável, pertencente à classe das preposições e integrando, em certos contextos, locuções conjuntivas. Do ponto de vista formal, trata-se de item que se antepõe a um termo conseqüente, subordinando-o a um termo antecedente e marcando a função sintática.

Do ponto de vista etimológico, Houaiss (2025) registra a origem em *per + ad > perad > pera > para*, com a forma atual consolidada a partir do século XIV. O vocábulo em *per*, cuja etimologia retorna com o sentido de “através de, por entre, por; em, durante; por meio de” mais o vocábulo *ad* no sentido de “tendência, direção *para* um lugar ou objeto”, sendo grifado e falado pela união *per + ad*. Com o passar dos tempos, houve a união de vocábulos, formando *perad* que perdeu a consoante *d* final, sendo utilizado pela forma arcaica *pera* até o final do século XVIII e *para* a partir do século XIV.

Funcionalmente, o dicionário Houaiss (2025) lista os principais sentidos de *para* como preposição, todos compatíveis com leituras de direção, projeção ou propósito. Entre eles, destacam-se os seguintes exemplos:

- (3) Como preposição, *para* expressa, entre outros, os sentidos de:
 - a. direção/ destino: <Vou *para* a rua das Flores>; <Irei *para* casa>;
 - b. proximidade/iminência (prestes a): <Estou *para* ir a Londres>
 - c. intenção/finalidade: <Saiu *para* trabalhar> utilidade/proveito: <Coleta *para* os pobres>
 - d. avaliação; levando em conta; com relação a <Parece bem jovem *para* a idade que tem>
 - e. duração; em conformidade com <Temos provisões *para* uma semana>

- f. capacidade; capaz de; apta a ‹É a pessoa *para* essa empreitada›
- g. quantidade equivalente; em equivalência com ‹Três está *para* seis, assim como seis *para* doze›
- h. comunhão com sentimentos, valores etc.; com ‹Ele é muito bom *para* todos›
- i. propósito; com finalidade de ‹Madrugas *para* caminhar? ›

Não há definição de *para* no dicionário Houaiss (2025) na classe das conjunções, corroborando com os gramáticos analisados na seção 2.1.2, que definem *para* como preposição mesmo na conexão de sentenças compostas e quando é usado sem o auxílio de outro pronome ou outra preposição como *para que* ou *para com*.

Em síntese, no Houaiss (2025), a preposição é descrita como palavra gramatical invariável que se antepõe a um termo conseqüente, subordinando-o ao antecedente e, assim, marcando-lhe a função sintática; seu domínio, portanto, é intrassintagmático, governando um sintagma nominal, pronominal ou verbal (p. ex. fui *para* a escola). Já a conjunção — ainda que igualmente invariável — é definida como conector interoracional ou intersintagmático: estabelece uma relação lógico-semântica entre duas unidades de mesma hierarquia (palavras, orações ou períodos), podendo coordená-las ou subordiná-las (Estudou *para que* passasse).

Desse modo, o vocábulo *para* apresenta duas faces estruturais. Na qualidade de preposição, introduz um complemento ou adjunto que codifica sentidos de direção, destino, propósito, utilidade, entre outros — sentidos pormenorizados pelo dicionário em 14 acepções, todas compatíveis com a inserção de um infinitivo (Saiu *para* trabalhar). Quando, porém, integra a locução *para que*, passa a exercer função conjuntiva, não mais regendo um sintagma, mas subordinando uma oração que expressa finalidade (Saiu cedo *para que* pudesse estudar). A continuidade semântica é evidente: em ambos os usos persiste o valor teleológico; o contraste reside no alcance sintático — governo de termo interno *versus* ligação entre proposições. Assim, no Houaiss, *para* - preposição e *para que* - conjunção assemelham-se quanto ao significado de finalidade, mas diferem quanto ao estatuto gramatical e à posição que ocupam na estrutura da sentença.

Em Michaelis (2025), *para* é uma palavra invariável¹² usada para ligar dois constituintes da frase, indicando a relação que existe entre eles. As preposições podem ser classificadas em

¹² A classificação tradicional de preposição e conjunção que as rotulam como invariáveis são controvérsias na literatura dos estudos de língua. O que é invariável é a categoria preposição ou conjunção, o que pode ser contestado, visto que *para* varia em forma (*para>pra*); em número, ao se aglutinar a artigos definidos femininos no plural (*pra>pras*) e em gênero, ao se aglutinar a artigos definidos masculinos (*pra>pro*). Todavia, não seremos atentos a essa celeuma por não ser o foco desta dissertação, para outros aprofundamentos, consulte Bagno (2012).

simples (uma só palavra) como *a, até, após, sob, para* e em compostas (duas ou mais palavras) como *acerca de, ao lado de, para com*. Michaelis (2025) não menciona as classificações essenciais e acidentais. Segundo o significado etimológico, a palavra é latina *præpositiō, -onis*.

Nosso próximo passo foi pesquisarmos especificamente o termo *para*. O dicionário Michaelis (2025) define-o como uma preposição e não menciona o conector como conjunção. A pesquisa retornou com 18 resultados e seus respectivos exemplos:

(4)

- a. Indica destino para um local: Vou *para* a fábrica.
- b. Direção: A varanda está voltada *para* o norte. A echarpe caía *para* trás.
- c. Proximidade espacial ou temporal: O dicionário terminológico está mais *para* a direita. Ela está *para* viajar aos Estados Unidos da América.
- d. Intenção: Quero sair *para* tomar ar fresco.
- e. Algo adequado a: Vou comprar um par de tênis *para* caminhar.
- f. Propriedade específica: Você deveria tomar um analgésico *para* as dores.
- g. Utilidade ou finalidade: Vamos realizar uma campanha *para* reduzir o consumo de álcool.
- h. Período de tempo: O orfanato só dispõe de alimentos *para* mais uma semana.
- i. Capacidade ou qualificação: Rute é a pessoa certa *para* esse emprego.
- j. Avaliação ou conjecturas a respeito de condições, qualidades etc.: Ela está muito bem *para* a idade que tem.
- k. Resultado desfavorável: O rapaz estudou tanto *para* nada.
- l. Restrição: Será uma cerimônia apenas *para* os familiares.
- m. Valor aproximado: Ele ganha *para* mais de 2 mil reais.
- n. Proporção entre dois termos: Dois está *para* seis assim como três está *para* nove.
- o. Hora exata: Faltam 15 *para* as nove.
- p. Valores ou julgamentos em relação a outrem: Ela é extremamente generosa *para* com todos.
- q. Tendência: Ele é um político que se volta *para* a linha dura.
- r. Relação direta: Dizer que a pobreza está *para* a violência assim como a riqueza *para* a civilidade é algo questionável.

Ainda há que se considerar em Michaelis (2025) algumas informações complementares como a variação de *para* na forma arcaica *pera* e suas abreviações muito usadas na fala dos dias

de hoje como *pra* e *pras*, entretanto o dicionário não menciona *pa* como forma de variação. De acordo com a etimologia, Michaelis (2025) traz do latim vulgar a origem do vocábulo por junção das preposições arcaicas *per* mais *ad*, como vimos em Bagno (2012).

Vale ressaltar ainda sobre o conceito de conjunção de acordo com Michaelis (2025). De modo geral, é o ato ou efeito de conjungir, ligar, associar, reunir, unir ou juntar. Em termos gramaticais, é a palavra ou sintagma invariável que liga orações entre si, seja uma subordinada à oração principal, duas coordenadas ou mesmo sintagmas que tenham o mesmo valor ou função. Por fim, buscamos especificamente sobre as conjunções finais e os resultados retornaram como conjunção ou sintagma conjuncional subordinativo, tendo como exemplos *porque*, *para que*, *a fim de que* etc. que inicia oração subordinada que exprime a finalidade da declaração expressa na oração principal.

Percebemos que nenhum vocábulo simples foi considerado conjunção, no entanto o vocábulo *para* assume na fala uma ligação entre a sentença final e uma matriz. Talvez por isso que literatos consideram *para* ou outros vocábulos simples como preposição.

Ao consultarmos o conceito de preposição no dicionário Ferreira (2025)¹³, a pesquisa retornou como palavra invariável¹⁴ que rege o nome, o pronome ou outro elemento que a segue. A origem da palavra *praepositione* é latina e a classe pode ser dividida em quatro tipos: simples, composta, acidental e essencial.

A preposição do tipo simples expressa um só vocábulo, como o nosso objeto de estudo *para* e suas variações *pra* e *pa*, ao contrário da composta, cuja formação são dois ou mais vocábulos como *para que* e *para com*. A composta pode ser também nomeada como locução prepositiva. As consideradas acidentais são aquelas que podem funcionar como preposição em certas sentenças como *conforme*, *não obstante*, *salvo*. Por último, as essenciais são preposições que, em qualquer formação de sentença, funcionam como tais, exemplos: *a*, *para*, *sob*, *contra*.

Se classificarmos o objeto de nosso estudo, *para* é uma preposição simples e essencial. Ferreira (2025, p.1493) define *para* (do latim *per* + *ad*) como a “preposição que introduz o complemento terminativo de verbos, substantivos e adjetivos que encerram a ideia de direção, destino, intuito, fim, objetivo e relação”. Como exemplos, separamos dois apenas: “Ficou-se a olhar *para* a casita pobre da sua Margarida.” (Conde de Ficalho, *Uma eleição perdida*, p. 123) e “Chegava [João Ribeiro] do colégio e metia-se no quarto *para* estudar.” (Joaquim Ribeiro, *9 mil dias com João Ribeiro*, p. 151).

¹³ Não consideramos o conceito de *para* como substantivo ou como verbo em nenhum dos dicionários estudados por não serem objeto do nosso estudo.

¹⁴ Cf. Bagno (2012)

Ferreira (2025) considera a variante *pra* como contração da preposição *para* e ainda acrescenta que *pra* pode ser a contração da preposição com o artigo definido feminino *a* ou uma união com pronome demonstrativo *a*, entretanto, não abarca o artigo definido masculino *o*, que realiza a contração *pro* ou os artigos indefinidos *um* e *uma*, que realizam contração *prum* e *pruma*.

Ao buscarmos o conceito de conjunção, o dicionário retornou com a definição de união ou encontro de forma geral, de circunstâncias ou de conjunturas. No âmbito da gramática da norma culta, refere-se à palavra invariável que liga orações ou termos semelhantes à mesma oração. A partir do conceito gramatical, Ferreira (2025) descreve tipos de conjunções, dentre elas as finais. Pelo dicionário, o conector é de natureza subordinativa que inicia uma oração indicadora de finalidade de uma oração principal. Os protótipos apontados foram: *para que*, *a fim de (que)*, *porque* (= *para que*), mas não observamos aplicações em sentenças, ao passo que todos os exemplos são expostos em forma de locução conjuntiva. Os exemplos de Ferreira (2025) são os mesmos observados em Michaelis (2025), além disso, o autor não considera também vocábulos simples como conjunção.

Os três dicionários do português contemporâneo convergem na descrição de *para* como palavra gramatical invariável, de origem latina (*per* + *ad*), consolidada historicamente como preposição desde o século XIV e sujeita a processos seculares de redução formal (*perad* > *pera* > *para* > *pra*). Embora cada dicionário apresente nuances próprias, o conjunto das obras evidencia três dimensões centrais:

No plano formal, os dicionários reconhecem *para* como preposição simples e essencial, invariável e capaz de unir-se fonológica ou morfologicamente a artigos, pronomes e numerais (*pra*, *pro*, *pras*, *prum*), ainda que apenas Houaiss (2025) e Ferreira (2025) registrem explicitamente a etimologia completa (*per* + *ad*). Michaelis (2025) menciona variações usadas na fala (*pra*, *pras*), mas não registra *pa*, o que confirma que essa forma ainda não foi incorporada à lexicografia, permanecendo abaixo do radar dos repertórios tradicionais. Os três dicionários distinguem, ainda, *para* de suas locuções constituídas (*para com*, *para que*), o que reforça seu estatuto de palavra simples e não de conector composto.

No plano funcional, as obras apresentam uma ampla gama de valores semânticos atribuídos à preposição, todos pertencentes ao campo da direção, projeção, finalidade, utilidade, intenção, aptidão, relação proporcional e avaliação. Houaiss (2025) detalha mais de uma dezena de leituras, incluindo “destino”, “propósito”, “iminência”, “provisão temporal” e “avaliação”. Michaelis (2025) organiza acepções semelhantes, exemplificando usos clássicos de intenção

(“Quero sair *para* tomar ar fresco”), utilidade (“campanha *para* reduzir o consumo de álcool”) e adequação (“tênis *para* caminhar”). Ferreira (2025), por sua vez, resume o conjunto afirmando que *para* introduz complementos que expressam direção, destino, intuito, finitude ou objetivo. Em todos os casos, a noção teleológica (finalidade) é central, persistindo como valor funcional robusto independentemente de variações formais.

No plano categorial, as três obras são taxativas: *para* é preposição, nunca conjunção. O comportamento conjuntivo só se manifesta em locuções, como *para que* e *a fim de (que)*. Tanto Michaelis (2025) quanto Ferreira (2025) reservam a categoria “conjunção” exclusivamente a vocábulos e sintagmas que estabelecem ligação entre orações em relações lógicas específicas (p. ex., *para que* para finalidade). Houaiss (2025) distingue com clareza: a preposição governa um termo intrassintagmático (sair *para* trabalhar), enquanto a conjunção estabelece conexão interoracional (saiu cedo *para que* pudesse estudar). Assim, do ponto de vista lexicográfico, *para* isoladamente não se inclui no domínio conjuntivo, ainda que sua função semântica de finalidade seja a mesma que aparece em locuções.

Além disso, a restrição de todos os dicionários em aceitar apenas *pra* como variante reconhecida evidencia o distanciamento entre norma lexicográfica e uso real, especialmente no que diz respeito a *pa*.

Em conjunto, os verbetes oferecem uma base descritiva que legitima a distinção categorial adotada na análise da fala chapecoense e, ao mesmo tempo, revelam as limitações da lexicografia em capturar variantes fonéticas e morfossintáticas altamente avançadas. A leitura finalística de *para* permanece estável; a forma reduzida é reconhecida parcialmente; e a ausência total do conector, ainda invisível aos dicionários, emerge como fenômeno recente que os dados desta pesquisa buscam documentar na seção de descrição e metodologia (capítulo 4) e análise, resultados e discussão (capítulo 5).

Para aprofundar a compreensão do comportamento formal e funcional de *para*, passamos agora à próxima seção, na qual examinamos como diferentes pesquisas empíricas têm descrito sua variação na forma e os usos em contextos reais de fala e escrita no PB.

2.3 PARA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Realizamos um amplo levantamento bibliográfico de nove estudos linguísticos que investigam o uso de *para* e de suas variantes em diferentes regiões do Brasil, sob perspectivas teórico-metodológicas diversas: variação e mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]), funcionalismo, gramaticalização e linguística cognitiva baseada no uso. Como nosso objetivo é

analisar a variação no uso de *para* com valor final intra e interoracional na fala chapecoense, extraímos de cada estudo os aspectos formais, funcionais e quantitativos que podem contribuir com a análise do nosso fenômeno.

A preposição *para* ocupa posição central nos estudos de variação do português brasileiro porque sua alta frequência, sua polifuncionalidade e seu gradiente de redução fonética tornam-na altamente suscetível a processos de simplificação, o que historicamente produziu *para* → *pra* → *pa* e, mais recentemente a ausência, como observamos em Chapecó. Embora amplamente presentes na fala espontânea, essas formas reduzidas permanecem pouco descritas em gramáticas tradicionais, frequentemente associadas a estigma e monitoramento estilístico, o que faz da alternância entre variantes um campo privilegiado para observar como fatores sociais e discursivos moldam a gramática do PB.

Nesse panorama, os nove estudos sumarizados exploram a preposição *para* a partir de bases teóricas distintas: a Teoria da Variação (Silva, 2010; Ferreira, 2014; Almeida e Oliveira, 2021), o Sociofuncionalismo (Wiedemer, 2008; Deoclécio, 2011; Ferreira, 2018), o funcionalismo norte-americano associado à gramaticalização (Guilherme, 2018; Ramos e Silva, 2022) e a linguística cognitiva baseada no uso (Huback, 2022). Quanto ao fenômeno analisado, seis trabalhos tratam diretamente da variação *para* ~ *pra* ~ *pa*, dois examinam fenômenos correlatos: (Deoclécio, 2011) sobre orações finais reduzidas e desenvolvidas; Wiedemer (2008) sobre regência variável de *ir* com *a/para/em*), e um focaliza efeitos de frequência e estocagem lexical (Huback, 2022).

No que se refere ao tipo de *corpus*, predomina a análise da língua falada, enquanto Deoclécio (2011) e Ramos e Silva (2022) incorporam também dados da língua escrita, ampliando o escopo funcional do fenômeno. Assim, esse panorama teórico-metodológico fornece o suporte necessário para situar a fala chapecoense no contínuo de erosão e reanálise de *para*, no qual a sua ausência surge como possível etapa avançada de mudança em curso.

Por fim, os nove estudos, organizados cronologicamente a seguir, contemplam dados de quatro regiões brasileiras¹⁵ (Norte, Nordeste, Sudeste e Sul), distribuídos por diversas localidades: Araguatins (TO), Maceió (AL), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Vitória (ES), Curitiba (PR), Porto Alegre (RS) e três cidades catarinenses do VARSUL (Florianópolis, Blumenau e Chapecó). Essa abrangência geográfica evidencia que o fenômeno de variação e mudança relacionado à *para* e suas variantes não é restrito a um único ponto do país, mas

¹⁵ A única região que não contemplamos pesquisa até este momento é a do Centro-Oeste.

atravessa diferentes comunidades de fala, permitindo observar tanto tendências nacionais quanto particularidades regionais.

Wiedemer (2008) analisa, sob o viés sociofuncionalista, a regência variável do verbo *ir* de movimento com as preposições *a*, *para* e *em* na fala de Santa Catarina, a partir de dados de 72 informantes do VARSUL (Florianópolis, Blumenau e Chapecó). As três preposições são tratadas como variantes de uma mesma variável no domínio da complementação locativa de *ir*. Vejamos exemplos de ocorrências das variantes:

(5) a. Ir + a: Em São Paulo “no” tem nada disso, né? Aí tem que *ir a* Santos, e Santos a gente conhece também muito bem. (Wiedemer, 2008, p. 16)

b. Ir + para: A gente *vai pra* praia, né? (Wiedemer, 2008, p. 16)

c. Ir + em: Ia conhecer era Pantanal e esse seria um dos meus sonhos é *ir no* Pantanal. (Wiedemer, 2008, p. 16)

A principal hipótese do estudo era a de que a variação na regência do verbo *ir* de movimento indicaria mudança em andamento, caracterizada pelo recuo da preposição *a* em favor da variação estável entre *para* (45%) e *em* (40%). Tal previsão foi confirmada pelo quadro geral catarinense, em que *a* se mostrou residual (15%). Foi utilizado o pacote estatístico VARBRUL para o tratamento quantitativo e a análise dos dados. Os resultados, obtidos a partir de 957 ocorrências — distribuídas entre Chapecó (350 ocorrências), Florianópolis (332) e Blumenau (275) — indicam que os fatores linguísticos são decisivos na escolha preposicional. No plano espacial, *em* é favorecida por locativos [+fechado] e [-definido], *para* tende a ocorrer em espaços [-fechados] e trajetórias [-direção], enquanto *a* se concentra em contextos de [+direção] e em certos tipos de lugar, como eventos, instituições e espaços geográficos. No plano discursivo, *para* associa-se preferencialmente a trechos [+narrativos], a verbos no pretérito imperfeito e a complementos com traço [+finalidade]; *a* aparece sobretudo com pretérito perfeito e em contextos [-finalidade]; já *em* é mais frequente em trechos [-narrativos], reforçando a especialização funcional das três preposições.

Entre os fatores sociais, destacam-se: idade (falantes mais velhos e mais escolarizados preservam *a*; mais jovens favorecem *para*), escolaridade (níveis mais baixos aproximam-se de *em*) e localidade (Blumenau/Florianópolis mais afeitas a *a*; Chapecó a *em*). O quadro geral indica mudança em andamento, com retração de *a* e especialização funcional entre *para* (direção +

destino/finalidade) e *em* (localização interna), apontando para uma reestruturação do sistema preposicional do PB na regência de *ir*.

A preposição *para* estabeleceu-se como a variante mais frequente no quadro geral catarinense (45%), embora essa ordem tenha refutado a hipótese inicial de Wiedemer (2008), confirmando, contudo, sua expansão na fala. Os resultados gerais atestaram que *para* é favorecida por fatores linguísticos como o locativo [-fechado] (espaços abertos) e o traço [+finalidade], mas contradisseram a hipótese social ao mostrar que são os falantes mais jovens que a privilegiam, um achado que sugere um processo de mudança em curso. Particularmente em Chapecó, onde *para* apresenta alta frequência (44% das 350 ocorrências, ligeiramente atrás de *em* (46%)), seu uso é amplamente generalizado e pouco sensível a condicionadores. O modelo estatístico selecionou apenas um fator significativo para Chapecó: *para* é favorecida em locativos [-fechados] (espaços abertos, PR = 0,66) e desfavorecida em contextos [+fechados] (ambientes internos), indicando que *para* compartilha com *em* o protagonismo na complementação locativa do verbo *ir*.

Ainda que o objeto de Wiedemer (2008) seja distinto do aqui investigado, seu estudo é relevante para esta dissertação porque demonstra, em dados catarinenses, em especial chapecoenses, a expansão da preposição *para* e sua associação a contextos de finalidade, oferecendo um antecedente empírico importante para a análise do valor final desenvolvida neste trabalho.

Silva (2010), à luz da Sociolinguística Variacionista, investigou a variação da preposição *para* e das variantes reduzidas *pra* e *pa* na fala de 36 informantes de Araguatins - TO. A autora tomou como ponto de partida a constatação de que, embora *pra* seja amplamente usada na oralidade e *pa* ocorra de modo estigmatizado, as gramáticas tradicionais pouco reconhecem essas formas. O objetivo geral do estudo foi determinar a distribuição das variantes, identificar a mais produtiva e avaliar se a alternância constitui variação estável ou mudança em curso. Silva (2010) apresenta as seguintes ocorrências, que exemplificam o uso das variantes no *corpus* estudado:

- (6) a. Votaram *para* o diretor. (Silva, 2010, p.14)
- b. Saia *pra* ôto lugar. (Silva, 2010, p.14)
- c. Os anzóis *pa* nós pescar. (Silva, 2010, p.14)

As hipóteses de Silva (2010) previam o alinhamento da variante padrão *para* a falantes mais escolarizados, mulheres e indivíduos mais velhos, e a associação das variantes não padrão

pra e *pa* à menor escolaridade e à juventude. Também se postulou que fatores fonológicos, como contexto seguinte, presença de vibrante, paralelismo formal e posição de pausa, condicionariam a escolha das variantes, devido à tendência articulatória à redução e à repetição de padrões rítmicos. O estudo fundamentou as hipóteses em pesquisas anteriores sobre erosão fonológica, neutralização vocálica e os princípios gerais da mudança linguística.

A metodologia envolveu a análise quantitativa de dados de informantes, os quais foram estratificados por sexo, faixa etária (15–25, 26–49, +49 anos) e escolaridade, a partir de entrevistas do projeto Variação Linguística no Estado de Tocantins (VALTINS). O *corpus* foi composto por narrativas espontâneas e conversas em estilo vernáculo, garantindo a observação do comportamento usual do falante. As ocorrências de *para*, *pra* e *pa* foram codificadas e processadas pelo programa GOLDVARB 2001, considerando variáveis fonéticas, morfossintáticas e sociais. A variável dependente foi constituída pelas três formas concorrentes (*para*, *pra*, *pa*), testadas em relação a grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

O estudo analisou 3210 ocorrências da variável, distribuídas entre *pra* (forma amplamente dominante), *pa* (segunda mais produtiva, favorecida por consoantes vibrantes) e *para* (uso residual de apenas 1%), evidenciando um claro processo de retração desta última na fala araguatinsense. Os resultados de Silva (2010) confirmaram parcialmente as hipóteses, ratificando os condicionamentos fonológicos (presença de vibrantes) e a relevância dos fatores sociais idade e escolaridade, exceto sexo, que não apresentou efeito robusto. Os jovens e idosos favorecem *pra*, enquanto adultos em faixa intermediária favorecem *pa*. A autora conclui que *pra* e *pa* configuram um fenômeno de variação estável, amplamente difundido na comunidade, ao passo que *para* mostra sinais consistentes de mudança em progresso, convergindo com tendências descritas no PB.

O trabalho finaliza com uma comparação entre os resultados de espaços geográficos distintos (Araguatins/TO e Paraíba/PB), embora os critérios adotados nos dois projetos (VALTINS e VALPB) fossem muito parecidos, especialmente em relação ao perfil dos informantes (origem/residência, tempo ausente, seleção e variáveis controladas como sexo, faixa etária e escolarização). O confronto dos resultados apontou que a variante padrão *para* possui uma baixa incidência em ambas as localidades, tendo sido ratificada na língua falada de Araguatins com uma ocorrência ainda menor (1%) do que a observada no VALPB (6%). Um dos resultados mais notáveis foi a inversão na frequência das variantes reduzidas: no VALPB, *pa* (49%) era mais frequente que *pra* (45%), mas, no VALTINS, *pra* (54%) se tornou a mais frequente, seguida por *pa* (45%). Quanto aos condicionamentos, os estudos convergiram ao indicar que a baixa escolaridade favorece a variante *pa*, confirmando-a como a forma

estigmatizada em ambas as comunidades, com os gráficos se mostrando numericamente compatíveis. Além disso, a presença de uma consoante vibrante no item seguinte às variantes se mostrou fortemente favorável ao uso de *pa* em ambas as pesquisas. No entanto, a variável sexo apresentou uma inversão nos índices, pois, no VALTINS, o sexo feminino se mostrou mais conservador (favorecendo menos *pa*) do que no VALPB. Espera-se que esse conhecimento facilite o entendimento dos fenômenos linguísticos variáveis e sua relação com a ortografia.

Deoclécio (2011) analisou a variação sintática das orações subordinadas adverbiais finais, observando a alternância entre desenvolvidas e reduzidas, na fala e na escrita. Os exemplos apresentados pelo autor ilustram esse contraste estrutural:

(7) a. “Eu tenho que gerenciar e organizar... fazer um esquema, *pra que tudo funcione muito bem.*” (Deoclécio, 2011, p. 21)

b. “Tinha que voltar a tomar de novo daqui a seis horas, *pra febre passar novamente.*” (Deoclécio, 2011, p. 21)

A perspectiva teórica é a interface entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo norte-americano, mobilizando princípios como marcação, economia e iconicidade, fundamentais para explicar por que diferentes graus de complexidade sintática emergem em contextos distintos.

A metodologia baseou-se em dois *corpora*: 19 entrevistas sociolinguísticas da fala capixaba do projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix)¹⁶ e 35 reportagens da revista Superinteressante (escrita). Para a quantificação dos dados extraídos desses dois *corpora*, foi utilizado o programa computacional VARBRUL, em sua versão GOLDVARB X (Sankoff; Smith; Tagliamonte, 2005).

De modo geral, na fala, foram identificadas 302 orações finais, das quais apenas 9 (3%) eram desenvolvidas; na escrita, das 282 ocorrências, 45 (16%) apresentaram estrutura desenvolvida. Deoclécio (2011) partiu da hipótese de que as orações finais reduzidas ocorreriam com mais frequência na fala (97%) do que na escrita (84%). O estudo também confirmou a previsão de maior frequência de orações desenvolvidas na escrita (16%) em comparação com a

¹⁶ O PortVix é um banco de dados de cunho sociolinguístico que possui o intuito de registrar o vernáculo dos habitantes de Vitória/ES. Este banco de dados é um projeto de orientação variacionista com quarenta e seis entrevistas gravadas de informantes nascidos na capital capixaba, estratificados em gênero/sexo, faixa etária e escolaridade.

fala (3%), devido à formalidade associada ao gênero textual. Portanto, a variante reduzida é a mais frequente nas duas modalidades, ratificando a hipótese inicial.

Estruturalmente, a hipótese principal, amplamente confirmada, postulava que a variação nas orações finais é influenciada por fatores linguísticos, com destaque à explicitação do sujeito, que favoreceu fortemente as finais desenvolvidas tanto na fala (PR: 0.91) quanto na escrita (PR: 0.97). Portanto, a variação é motivada pela correlação entre a (não) correferencialidade e a (não) explicitação do sujeito da oração final. Funcionalmente, essa correlação é explicada pela motivação econômica, segundo a qual o que é menos previsível (sujeito não correferente) motiva maior codificação (sujeito explícito), e pela iconicidade, que associa essa maior codificação à estrutura mais extensa da final desenvolvida. Entre os fatores sociais, a única variável relevante foi o nível de escolarização (ensino superior). A hipótese social que sugeria que esse nível de escolarização favoreceria o uso das finais desenvolvidas, o que também foi confirmado nos dados da fala (PR: 0.84).

Para ampliar a análise da fala, o autor comparou seus resultados aos obtidos por Finck (2000) para Florianópolis (VARISUL), encontrando coincidência notável: em ambas as cidades, 3% de orações finais desenvolvidas e 97% de finais reduzidas, confirmando a estabilidade do padrão. Os resultados levaram Deoclécio (2011) a concluir que a preferência por orações finais reduzidas não é um fenômeno regional, mas sim um traço estrutural do PB. Embora fatores externos — como escolaridade, letramento e modalidade (fala vs. escrita) — influenciem o percentual de estruturas desenvolvidas, o padrão geral indica que o sistema gramatical do PB tende massivamente à redução, sobretudo quando há correferencialidade de sujeitos entre a matriz e a subordinada. Quando os sujeitos divergem, cresce a probabilidade de uma construção desenvolvida com *para que*, como prevê a iconicidade de Haiman (1983).

Restringindo a análise de Deoclécio (2011), observa-se que a oração final introduzida pela preposição *para* (ou por sua variante fonética *pra*) constitui a forma dominante, correspondendo a 97% na fala (PortVix) e 84% na escrita (Revista Superinteressante). Embora a escrita tenha apresentado uma frequência cinco vezes superior de orações desenvolvidas (16%), introduzidas pela locução conjuntiva *para que*, a variação é predominantemente governada por fatores internos ao sistema linguístico. Como mencionado, o principal fator estatisticamente relevante em ambos os *corpora* é a explicitação do sujeito na oração final: o uso de sujeito explícito favorece fortemente a ocorrência da oração desenvolvida (com *para que*), apresentando pesos relativos de 0.91 na fala e 0.97 na escrita, enquanto a não explicitação favorece a forma reduzida (com *para*), especialmente quando o sujeito é correferente ao da oração principal.

Os exemplos (7) de Deoclécio (2011) mostram que há produção de *para/prá* em todas as sentenças, sejam elas reduzidas, sejam elas desenvolvidas. O que se alterna é a construção de uma oração final de acordo com os sujeitos que a selecionam, ou seja, se o sujeito da oração principal divergir da oração nomeada como subordinada, há maior elaboração na construção desta adverbial final, causando a produção de um período desenvolvido. Se o sujeito permanece o mesmo nas duas orações, há a tendência de construir um período com orações reduzidas.

Ferreira (2014) descreve e analisa a variação da preposição *para* (e suas variantes *pra* e *pa*) na fala de Londrina (PR). O estudo insere-se no quadro da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]) e dialoga com pesquisas correlatas conduzidas por Felgueiras (1993), Maya (2004) e Silva (2010), que também examinam o comportamento dessas variantes em diferentes comunidades brasileiras. O objetivo central foi determinar em que medida a redução de *para* e a escolha entre *pra* e *pa* refletem um padrão de variação estável ou possível mudança em curso.

O *corpus* consistiu em entrevistas do Projeto VARSUL, com oito informantes estratificados por sexo (4 homens, 4 mulheres), idade (-50/+50) e escolaridade (4 a 11 anos). As variáveis independentes linguísticas controladas incluíram: contexto morfológico seguinte (verbo, nome, outros), contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba seguinte, paralelismo formal, número de sílabas do item subsequente, posição em relação a pausas e processos de sândi. As variáveis extralinguísticas foram sexo, idade e escolaridade. A análise quantitativa foi processada no GOLDVARB 2001, permitindo identificar os fatores que favorecem ou inibem cada variante, em consonância com estudos variacionistas clássicos e com metodologias compatíveis às de Maya (2004) e Silva (2010).

A variável dependente foi operacionalizada em três variantes a seguir exemplificadas:

- (8) a. Coisa *para* falar (Ferreira, 2014, p. 28)
 b. Vou mudar *pra* Curitiba (Ferreira, 2014, p. 47)
 c. fui *pa* avenida (Ferreira, 2014, p. 28)

As hipóteses previam que (i) a forma plena *para* seria pouco produtiva na fala espontânea, cedendo espaço às reduzidas; (ii) fatores extralinguísticos como sexo, faixa etária e escolaridade condicionariam especialmente o uso de *pra* e *pa*; e (iii) fatores fonológicos e morfológicos da palavra seguinte — como início vocálico/consonantal, tonicidade, número de sílabas,

paralelismo e presença de vibrante — favoreceriam determinado padrão de redução (*pra* ou *pa*), especialmente em contextos de possível de sândi¹⁷.

A distribuição geral dos 349 dados analisados acerca da variação da preposição *para* na fala de Londrina indicou que a variante reduzida *pra* é a preferida, com 73,6% das ocorrências (257). A variante *pa*, por sua vez, alcançou 25,8% (90 ocorrências), enquanto a forma padrão *para* mostrou-se insignificante, com apenas 0,6% dos dados (duas ocorrências), razão pela qual foi excluída das rodadas estatísticas. Esse cenário é compatível com outras comunidades pesquisadas nos estudos apresentados nesta seção. A variante *pra* emergiu como amplamente majoritária e estável em todas as faixas sociais, enquanto *pa* apareceu como inovação incipiente, favorecida principalmente por alguns falantes adultos. Os condicionadores sociais indicaram que mulheres jovens de menor escolaridade produziram mais *pra*, mantendo-a como forma conservadora dominante, mesmo diante do crescimento de *pa*. Do ponto de vista linguístico, *pra* mostrou forte associação ao infinitivo, reforçando sua função em contextos intra e interacionais finalísticos.

Ampliando o escopo de sua pesquisa anterior (Ferreira, 2014), Ferreira (2018) investigou a variação da preposição *para* e suas variantes reduzidas *pra* e *pa* na fala de Curitiba (PR) e de Florianópolis (SC). Este estudo segue os mesmos passos teórico-metodológicos de Ferreira (2014). O objetivo central foi verificar se há condicionadores linguísticos e sociais que motivem a escolha entre *para*, *pra* e *pa*, comparando os resultados às pesquisas de Felgueiras (1993), Maya (2004), Silva (2010), Lucena (2006) e à própria Ferreira (2014). As ocorrências das variantes controladas por Ferreira (2018) são listadas a seguir:

- (9) a. *para* (forma padrão): "para modificar Curitiba" (Ferreira, 2018, p. 114).
 b. *pra* (forma reduzida): "Filmei bom *pras* crianças" (Ferreira, 2018, p. 114).
 c. *pa*¹⁸ (forma reduzida/inovadora): "Pega e leva um pacote de arroz lá *pa* mulher" (Ferreira, 2018, p. 114).

¹⁷ O termo sândi (do sânscrito *sandhi*, que significa "junção", "ligação") é usado na linguística para descrever processos fonológicos que ocorrem na junção entre palavras ou morfemas, especialmente em contextos de fala contínua. De acordo com o dicionário de linguística em Dubois et al (2014 [1973]), sândi é a "mudança fonética condicionada pelo contato de fonemas em fronteiras de palavras ou morfemas, resultando em assimilação, elisão, inserção etc."

Ferreira (2014) define o termo baseada em Bisol (2002, p. 232), cujo processo ocorre quando entram em contato duas palavras, uma terminada por vogal e outra iniciada por vogal. Essa junção causa um choque dos núcleos silábicos, o que desfaz a sílaba final da primeira palavra e gera uma ressilabificação entre as duas palavras.

¹⁸ A codificação de Ferreira (2018) também lista *pu* e *po* como variantes de *pa*.

A variável dependente do estudo foi a forma da preposição (*para* ~ *pra* ~ *pa*). As variáveis independentes linguísticas incluíram: contexto morfológico seguinte, contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba subsequente, número de sílabas, paralelismo formal, posição em relação a pausas e processos de sândi. As variáveis sociais controladas foram sexo, idade e escolaridade. O *corpus* foi constituído de 48 entrevistas do VARSUL, e a análise estatística foi realizada por meio do programa GOLDVARB X, permitindo identificar os fatores com peso relativo significativo na seleção das variantes.

Ferreira (2018) testou três hipóteses principais: (i) *pra* seria a forma mais produtiva e favorecida na fala espontânea; (ii) *pra* estaria associado a falantes com menor escolaridade; (iii) *para*, por ser uma forma átona em certos contextos de uso, poderia ter sua redução favorecida por junção prosódica, como sândi. A primeira hipótese foi amplamente confirmada; a segunda foi apenas parcialmente sustentada, pois falantes mais escolarizados também favoreceram o uso de *pra*; e a terceira hipótese não encontrou suporte, dado que *pra* também ocorreu antes de palavras iniciadas por sílabas tônicas, contrariando a previsão de sândi categórico.

De um total de 2591 dados analisados na fala de Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), a variante *pra* foi a mais frequente, com 80,5% (2086 aplicações), sendo considerada a variante favorita, enquanto a variante *pa* alcançou 17,6% (456 ocorrências) e a forma padrão *para* se mostrou insignificante em termos de ocorrência, com apenas 1,9% (49 ocorrências). Não houve diferenças robustas entre Curitiba e Florianópolis: em ambas, *pra* é a forma preferida e estável; *pa* ainda é minoritária, mas crescente; e *para* aproxima-se da obsolescência na fala espontânea. Qualitativamente, o estudo reforça que os processos de síncope vocálica (*para* > *pra*) e síncope da vibrante (*pra* > *pa*) se alinham a princípios funcionais de economia articulatória (Martinet, 1974) e a tendências de gramaticalização descritas por Lucena (2006). Ao demonstrar que, mesmo em capitais com perfis sociolinguísticos distintos, o avanço das formas reduzidas é robusto, Ferreira (2018) estabelece um parâmetro fundamental para avaliarmos em nosso estudo se, em Chapecó, o fenômeno segue o mesmo *continuum* até a ausência da preposição ou se apresenta particularidades regionais.

Guilherme (2018) tratou da gramaticalização da preposição *para* e variantes (*pra*, *pr'*, e *p'*) no português falado do Rio de Janeiro. O estudo buscou demonstrar que a redução fonética e morfossintática dessa preposição se relaciona a mecanismos clássicos de gramaticalização:

erosão fonética¹⁹; coalescência²⁰, abstração²¹ e generalização²², segundo autores como Meillet (1912), Kurylowicz (1965), Givón (1979; 1995), Lehmann (1982), Bybee e Pagliuca (1985) e Heine (1993). O objetivo central foi verificar quais fatores linguísticos e sociais condicionam a redução da preposição, além de determinar em que medida a fala carioca reflete um avanço na mudança observada em outras regiões do Brasil.

A dinâmica da fala carioca é ilustrada por exemplos específicos selecionados:

(10) a. Eu de vez em quando [...] vou *para* a casa de uns colegas meus. (Guilherme, 2018, p. 399)

b. falou em me chamar *pra* acampar eu vou tranquilo [...] (Guilherme, 2018, p. 399)

c. leva um material diferente daquele que vai levar *pro* campo [...] (Guilherme, 2018, p. 399)

d. Todo dia eu tenho que falar *p'o* [pu] meu irmão me esperar depois da aula. (Guilherme, 2018, p. 399)

d'. Eu deixei a compra *p'cê* guardar pra mim. (Guilherme, 2018, p. 399)

O *corpus* foi extraído do projeto Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ, 1970-1990), contemplando seis inquéritos do tipo Diálogos entre dois informantes (D2), totalizando 12 informantes. Todos os participantes eram falantes cultos (com curso superior) e estavam distribuídos em três faixas etárias. A variável dependente correspondeu às formas da preposição (*para* ~ *pra* ~ *pro(s)* ~ *pa* ~ *p'*). As variáveis independentes linguísticas incluíram: tipo de complemento (verbo, artigo, pronome, numeral, locativo, substantivo etc.),

¹⁹ Redução gradativa e diacrônica dos morfemas e, conseqüentemente, dos fonemas. Neste caso, da preposição *para*.

²⁰ Fusão ou junção de elementos linguísticos, como palavras ou sons, que inicialmente estavam separados, formando um novo elemento ou uma nova estrutura.

²¹ O autor propõe semanticamente uma hierarquia na gramaticalização em um processo chamado de abstração, onde os elementos são mais representados à direita de uma sentença em um *continuum*:

pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade.

O autor demonstra que a preposição *para*, muitas vezes, é usada no domínio temporal por um processo de abstração do domínio espacial.

Ex: “dali *pra* frente...eles começaram a pensar mais em limpar os esgotos...” (tempo).

A expressão “dali pra frente” refere-se a algo que passou a acontecer a partir daquele momento, no entanto, usam-se expressões provenientes do domínio espacial, como “ali” e “frente”, para se referir a noções temporais. Portanto, pode-se inferir que a redução da preposição *para* é resultado de um processo de gramaticalização quando for utilizada com conteúdos semânticos mais abstratos, como tempo, opinião ou ainda sem um conteúdo semântico claro. De acordo com sua pesquisa, Guilherme (2018) observou a redução da preposição em um percentual de mais de 90% nas sentenças analisadas do corpus.

²² As variantes reduzidas de *para* predominam na fala independentemente do tipo de complemento, chegando a ser categórica sua utilização diante de qualquer palavra de classe gramatical posterior, tendendo à generalização.

valor semântico expresso (finalidade, espaço, tempo, opinião, destinação), contextos com ou sem carga semântica e ambientes propícios à coalescência. As variáveis sociais controladas foram: faixa etária e nível de escolaridade (ensino superior). As análises seguiram o modelo variacionista, concentrando-se na descrição quantitativa e qualitativa das ocorrências.

A hipótese central era a de que a forma plena *para* estaria em retração na fala carioca, cedendo espaço às variantes reduzidas decorrentes do processo de gramaticalização e por princípios funcionais de economia articulatória. Os dados confirmaram esse pressuposto: Guilherme (2018) documenta um contínuo de erosão — *para* → *pra* → *pr/pro* → *p'* — acompanhado por intensa coalescência com artigos e pronomes em formas como *pro*, *p'ô* e *p'cê*. O autor mostra que as formas altamente erodidas ocorrem sobretudo em contextos de menor monitoramento, mas são produtivas o suficiente para evidenciar uma mudança em curso. Independentemente da forma reduzida, o estudo demonstra que todas as variantes coexistem sincronicamente, embora com pesos muito diferentes.

Os resultados quantitativos confirmam a dominância das formas reduzidas: 93,9% na faixa etária 1 (25–35 anos), 79,2% na faixa 2 (36–55 anos) e 76,3% na faixa 3 (acima de 56), indicando aumento da redução entre os falantes mais jovens e evidente retração da forma plena. Dentre os fatores linguísticos, as formas reduzidas foram majoritárias em todos os tipos de complemento e chegaram à categoricidade em contextos como topônimos (*pra* Brasília; *pra* casa). Em domínios semânticos mais abstratos — tempo, opinião e usos estruturais sem conteúdo semântico — a redução foi ainda mais intensa, reforçando a hipótese de gramaticalização. Esses achados fornecem um parâmetro decisivo para esta dissertação: se no Rio de Janeiro a preposição avança rumo à erosão máxima, em Chapecó observa-se não apenas a redução, mas em muitos casos a ausência, sugerindo um estágio possivelmente mais avançado (ou regionalmente distinto) dentro do mesmo *continuum* de mudança.

Almeida e Oliveira (2021) analisaram a variação da preposição *para* e suas variantes reduzidas *pra* e *pa* na fala de Maceió-AL, a partir de uma perspectiva que articula Sociolinguística Variacionista e Cognitivismo, apoiada na metodologia quantitativa laboviana (Labov, 2008 [1972]). O objetivo central foi investigar como se processa, cognitivamente e gramaticalmente, a escolha entre as três variantes, verificando se fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam a variação. A hipótese geral é que *pra* seria a variante conservadora e mais frequente, enquanto *pa* representaria uma inovação fonológica em avanço, motivada por processos de redução articulatória e pressões de economia linguística.

Seguem exemplos das três variantes investigadas por Almeida e Oliveira (2021, p. 222):

- (11) a. “[...] não vejo muita saída *para* essa situação [...]”
 b. “[...] saio *pa* trabalhar cedo [...]”
 c. “[...] eu falo *pa* caramba [...]”
 d. “[...] voltar *pra* casa [...]”

O *corpus* analisado compreendeu 30 entrevistas do PORTAL (Variação Linguística do Português Alagoano), anotadas no ELAN (*Max Planck Institute for Psycholinguistics*, 2013) e tratadas estatisticamente no GOLDVARB, por meio de uma análise binária *pra* × *pa*, já que a variante *para* apresentou apenas 6 ocorrências (<1%) e foi excluída do processamento. A variável dependente foi as duas formas da preposição (*pra* ou *pa*). As variáveis independentes linguísticas incluíram: contexto fonológico seguinte, paralelismo, acento da sílaba seguinte, classe da palavra seguinte (abertas × fechadas), presença de tepe no item seguinte e contexto fonológico articulatorio. As variáveis extralinguísticas controladas foram sexo (15 homens/15 mulheres) e faixa etária (jovens, adultos e idosos).

As hipóteses testadas previam: (i) preferência masculina por formas inovadoras (*pa*); (ii) maior uso de *pa* entre jovens; (iii) maior frequência de *pa* quando o segmento seguinte fosse labial ou vogal central; (iv) desfavorecimento de *pra* diante de tepe inicial; (v) favorecimento de *para* (não confirmado) em sílabas seguintes tônicas; e (vi) tendência ao paralelismo formal. O estudo também descreveu detalhadamente os processos fonológicos envolvidos na mudança: síncope da vogal central (*para* > *pra*) e síncope da vibrante (*pra* > *pa*), além da influência do padrão silábico CV do português brasileiro. Almeida e Oliveira (2021) assumem *pa* como variante mais erodida e inovadora, vinculada à busca cognitiva e articulatória por eficiência.

A amostra totalizou 720 ocorrências, das quais apenas 6 foram *para* (<1%), enquanto *pra* registrou 416 ocorrências (57,8%) e *pa* 298 ocorrências (41,4%). Os resultados confirmaram três padrões relevantes: (i) sexo masculino favorece *pa*, alinhado ao padrão variacionista; (ii) surpreendentemente idosos, e não jovens, preferem a forma inovadora, sugerindo possível influência não controlada da escolaridade; (iii) presença de tepe na primeira sílaba da palavra seguinte realmente inibe *pra*, mas não a presença de tepe em sílabas posteriores. As demais hipóteses linguísticas foram rejeitadas. No conjunto, o estudo de Almeida e Oliveira (2021) confirma que *pra* e *pa* configuram uma variação estável, enquanto *para* permanece praticamente ausente da fala espontânea, reforçando um processo de mudança em curso.

Ramos e Silva (2022) investigam o comportamento funcional da preposição *para* — juntamente com outras preposições como *a*, *por* e principalmente *sem* — analisando como esses

itens podem transitar entre as classes de preposição e conjunção em contextos de orações adverbiais reduzidas de infinitivo. O objetivo central é demonstrar que certas preposições, ao deixarem de introduzir apenas sintagmas nominais e passarem a conectar orações, adquirem funções conjuntivas, evidenciando um contínuo funcional entre categorias gramaticais. A hipótese principal dos autores é que a estrutura reduzida das finais ocorre com maior recorrência por exigir menor complexidade estrutural, fenômeno explicado à luz do Funcionalismo norte-americano e da Teoria da Gramaticalização, com base em autores como Hopper e Traugott (1993), Lehmann (1988), Halliday (1985) e Castilho (2010).

Embora Ramos e Silva (2022, p.49) confirmam maior destaque à preposição *sem*, os autores também apresentam exemplos com *a*, *por* e *para*. Considerando que nosso foco se volta para esta última, reproduzimos, a seguir, o exemplo por eles apresentado:

- (12) a. “Mandeí seu presente logo cedo, *para* você receber o meu antes dos outros.”
 b. “O incendiário foi demasiado decidido *para* tocar fogo no mato.”

As ocorrências (12a) e (12b) demonstram a correferencialidade do sujeito e a forma da oração final. A oração final é desenvolvida em (12a) ("*para* você receber...") porque há divergência de sujeitos (eu vs. você), e a vírgula é utilizada como um marcador de limite nessa construção sintática mais complexa; já em (12b), a oração final é reduzida ("*para* tocar fogo...") devido à identidade e omissão do sujeito ("o incendiário"), o que dispensa a vírgula. Este contraste corrobora a tendência do falante em desenvolver orações (com conjugação verbal) em situações de sujeitos divergentes e manter orações reduzidas (com formas nominais) em situações de sujeitos correferentes, integrando a análise sintática com a pontuação observada.

A pesquisa analisou 367 ocorrências de orações adverbiais extraídas de textos argumentativos (entrevistas e artigos de opinião) publicados nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*. Das ocorrências identificadas, 50 eram orações desenvolvidas (introduzidas por locução conjuntiva) e 317 eram reduzidas de infinitivo, o que permitiu comparar padrões estruturais e funcionais. O estudo controlou uma variável dependente — tipo de estrutura adverbial final (reduzida × desenvolvida) — e variáveis independentes de natureza sintática, discursiva e semântico-funcional, como correferencialidade de sujeitos, grau de encaixamento, complexidade estrutural, função discursiva da subordinada e tipo de conexão estabelecida (sintagma × oração).

A análise apoia-se nos princípios funcionalistas de integração oracional, redução estrutural, economia e especialização semântica. Ramos e Silva (2022) demonstram que orações adverbiais finais oscilam entre relações mais próximas da coordenação e mais próximas da

subordinação, situando-se num espaço intermediário de +dependência/ –encaixamento, especialmente quando se apresentam no infinitivo. A presença ou ausência de correferencialidade entre os sujeitos da matriz e da subordinada orienta fortemente a escolha estrutural: sujeitos diferentes favorecem estruturas desenvolvidas, enquanto sujeitos iguais favorecem a redução infinitiva, contexto em que *para/prá* tem maior probabilidade de ocorrer. Esse comportamento confirma que o *continuum* preposição → conjunção depende menos de categorias rígidas e mais de funções discursivas e relações lógico-semânticas entre as cláusulas.

Os resultados mostraram que as orações finais reduzidas são amplamente predominantes (317/367 = 86,4%), superando muito as desenvolvidas (13,6%), confirmando a hipótese de que menor complexidade estrutural favorece as reduções infinitivas. Além disso, o estudo revela que preposições como *para* podem assumir função conjuntiva ao conectar orações, especialmente em contextos de menor integração sintática, reforçando a ideia de que tais itens percorrem um *continuum* categorial. Do ponto de vista discursivo, textos jornalísticos — por serem objetivos e diretos — também favorecem formas reduzidas. Esses achados são fundamentais para a presente pesquisa, pois legitimam tratar *para/prá* simultaneamente como preposição e como conjunção e sustentam a interpretação de que a ausência observada na fala chapecoense pode representar o estágio mais avançado de um mesmo processo de simplificação estrutural e gramaticalização documentado por Ramos e Silva (2022).

O estudo de Huback (2022) investigou a redução da preposição *para* à forma *pra* no PB, articulando a Sociolinguística Variacionista e a Linguística Cognitiva Funcionalista Baseada no Uso (Usage-Based Linguistics). O estudo buscou verificar se a variação *para* ~ *pra* é condicionada pela frequência de co-ocorrência entre *para* e a palavra precedente, seguindo hipóteses fundamentadas em Bybee (1985, 2001, 2010), Krug (1998, 2003) e modelos que tratam a redução fonética como produto de automatização cognitiva e estocagem lexical de sequências. A hipótese central da autora é que sequências altamente frequentes e previsíveis são mais propensas à redução, pois tendem a ser armazenadas como unidades lexicais únicas.

O estudo utilizou um subconjunto do *corpus* LAEL (PUC-SP), composto por 16.574 ocorrências das 30 sequências mais frequentes envolvendo *para* e *pra*, extraído de um universo de 7.021.948 palavras. A variável dependente foi a forma da preposição (*para* vs. *pra*), e as sete variáveis independentes incluíram quatro linguísticas — classe da palavra seguinte, tonicidade, número de sílabas, segmento precedente — e três de frequência — frequência total, frequência relativa e frequência da sequência. A análise estatística específica realizada foi a regressão logística. O estudo evidenciou que a aplicação da regressão logística revelou influências linguísticas e cognitivas de alta robustez estatística na redução da preposição *para* para *pra*.

Os resultados gerais nas sequências analisadas mostraram que a redução *pra* (50,4%, com 8.348 ocorrências) já é tão disseminada e usada quanto a forma plena *para* (49,6%, com 8.226 ocorrências) na língua falada, o que demonstra o alto grau de expansão da variante reduzida. A regressão logística descartou três variáveis como não significativas (segmento precedente, frequência total, frequência da sequência), confirmando quatro fatores determinantes. A frequência relativa foi o condicionador mais forte: sequências com maior proporção de uso da forma reduzida apresentaram 65,3% de redução. Entre os fatores estruturais, advérbios favoreceram a redução (62,9%), enquanto verbos a inibiram (45,4%), explicação associada à menor previsibilidade formal de sequências verbais. Palavras curtas e oxítonas também favoreceram *pra*, embora esses efeitos se sobreponham parcialmente às propriedades dos advérbios.

Huback (2022) conclui que a variação *para* ~ *pra* é impulsionada majoritariamente pela estocagem lexical de sequências altamente frequentes, reforçando evidências clássicas de Bybee e Scheibman (1999) e Phillips (2001) de que previsibilidade e repetição criam unidades lexicais automatizadas. O estudo demonstra que a redução é favorecida principalmente por itens invariáveis, contextos de alta previsibilidade sintática e sequências curtas. Assim, as conclusões de Huback oferecem sustentação crucial para interpretar a ausência de *para/prá* na fala chapecoense como possível etapa avançada do mesmo *continuum* cognitivo de simplificação formal, economia articulatória e fusão sequencial identificado no PB contemporâneo.

No quadro 2, a seguir, são sintetizados os trabalhos-chave que embasam esta pesquisa, distinguindo aqueles centrados especificamente na análise da preposição *para* (Wiedemer, 2008; Silva, 2010; Ferreira 2014, 2018; Guilherme, 2018; Almeida e Oliveira, 2021; Ramos e Silva, 2022; Huback, 2022) daqueles que abordam *para* na conexão de orações adverbiais finais (Deoclécio, 2011).

Quadro 2 - Resumo das pesquisas linguísticas sobre o uso de *para* no PB

Autor	Objetivo	Ocorrências	Perspectiva Teórica	Amostra	Variável dependente	Resultados gerais
Wiedemer (2008)	Analisar a regência variável do verbo ir de movimento com as preposições a, para e em na fala de Santa Catarina.	a. Ir + a Em São Paulo não tem enada disso, né? Aí tem que ir a Santos, e Santos a gente conhece	Sociofuncionalismo	72 informantes do VARSUL (Florianópolis, Blumenau e Chapecó).	a × para × em	Total: 957 ocorrências Frequência geral: para (45%) > em (40%) > a (15%). Indicou recuo de a e

		também muito bem. b. Ir + para A gente vai pra praia, né? c. Ir + em Ia conhecer era Pantanal e essa seria um dos meus sonhos é ir no Pantanal.				variação estável entre para e em. Fatores linguísticos (locativo, trajetória narrativa) são decisivos. Em Chapecó, para (44%) é muito frequente, pouco sensível a condicionadores e favorecida em locativos [-fechados].
Silva (2010)	Descrever variação para/pra/pa e perfis sociais na fala de Araguatins (TO) a partir do uso da preposição para e suas variações.	a. Votaram para o diretor. b. Saia pra ôto lugar. c. Os anzóis pa nós pescar.	Sociolinguística Quantitativa	Corpus: 36 informantes do Projeto VALTINS (Araguatins/TO)	para / pra / pa	Total: 3210 ocorrências As variantes pra e pa são produtivas, indicando variação estável na fala. para está em desaparecimento. Fatores mais relevantes Contexto Fonológico Seguinte (favorecendo pra), Escolaridade e Faixa Etária: Adultos (26-49) favorecem pa, enquanto jovens e idosos favorecem pra.
Deoclécio (2011)	Analisar a variação sintática das orações subordinadas adverbiais finais, desenvolvidas ou reduzidas, na escrita (revistas) e na fala de Vitória (ES), comparando com falantes de Florianópolis (SC).	a. Eu tenho que gerenciar... pra que tudo funcione bem. b. Tinha que voltar... pra febre passar novamente.	Sociofuncionalismo	19 entrevistas do projeto PortVix (Vitória/ES) e 35 reportagens da revista Superinteressante.	Tipo de oração (desenvolvida vs. reduzida)	Total: 302 ocorrências Orações finais reduzidas prevalecem na fala (97%), enquanto na escrita são 84%. O uso de para/pra é constante, sem omissão da preposição.
Ferreira (2014)	Descrever a variação da preposição para, pra e pa na fala de	a. coisa para falar; b. fui pra/pa avenida	Teoria da Variação e	8 informantes do VARSUL (Londrina/PR)	para / pra / pa	Total: 349 ocorrências

	Londrina (PR), considerando fatores linguísticos e extralinguísticos.		Mudança Linguística			Pra é a forma mais utilizada (mudança em curso no português brasileiro). O uso da redução não está ligado exclusivamente ao grau de escolaridade ou sexo.
Ferreira (2018)	Expandir estudo anterior, analisando a preposição para e variantes em Curitiba (PR) e Florianópolis (SC).	a. Estudo para saber	Teoria da Variação e Mudança Linguística	32 entrevistas do VARSUL. (Curitiba/PR e Florianópolis/SC)	para / pra / pa	Total: 2591 ocorrências Pra foi a forma mais usada (81%). A hipótese de que para se reduziria por efeitos fonológicos não foi confirmada.
Guilherme (2018)	Descrever o processo de gramaticalização da preposição para no português falado no Rio de Janeiro.	a. Eu de vez em quando... vou para casa de uns colegas meus. b. falou em... me chamar pra acampar eu vou tranquilo... c. Todo dia eu tenho que falar p'ó [pu] meu irmão me esperar depois da aula.	Estudos sobre gramaticalização - Meillet (1912), Kurylowicz (1965), Givón (1979; 1995), Lehmann (1982), Bybee e Pagliucca (1985) e Heine (1993)	Entrevistas coletadas do NURC entre 1970 e 1990. Diálogo entre 2 informantes estratificados separados por 3 faixas etárias e nível superior completo ou em curso.	para / pra / pro / p'	Total de ocorrências não explícitas. As formas reduzidas são consideravelmente mais utilizadas que a plena. As novas gerações têm utilizado cada vez mais as formas reduzidas de para, tendendo a um futuro desaparecimento da forma plena.

Almeida e Oliveira (2021)	Analisar o processamento da variação da preposição para (e suas variantes pra e pa) na fala de Maceió/AL, sob influência de fatores linguísticos e extralinguísticos.	a. "...saio pa trabalhar cedo..." b. "...eu falo pa caramba..." c. "...voltar pra casa..."	Sociolinguística Teoria da Variacionista de Labov (2008 [1972])	30 informantes do PORTAL (Maceió/AL).	pra / pa (para eliminada pela baixa frequência)	Total: 720 ocorrências. A variante para descartada por inexpressividade. As variantes pra (57,8%) e pa (41,4%) configuram um fenômeno de variação estável. Fatores linguísticos (consoantes coronais e vogais posteriores) favoreceram pra, além da evitação de tepe consecutivo. Extralinguisticamente, homens usaram mais pa, mas a faixa etária contrariou a literatura: falantes mais velhos tenderam à variante inovadora.
---------------------------	---	--	---	---------------------------------------	---	---

Ramos e Silva (2022)	Investigar o comportamento funcional de preposições para e outras (sem, a, por) em orações adverbiais finais reduzidas de infinitivo.	a. Volto, para terminar a tarefa. b. Mandei seu presente logo cedo, para você receber o meu antes dos outros.	Funcionalismo e Teoria da Gramaticalização (Hopper; Traugott, 1993; Lehmann, 1988).	textos argumentativos de Veja, Época e Isto É.	tipo de estrutura final (reduzida × desenvolvida)	Total: 367 ocorrências: 50 orações desenvolvidas; 317 reduzidas Estruturas reduzidas são preferidas (86,4%) por menor complexidade estrutural. Preposições e conjunções são muito próximas em um <i>continuum</i> funcional, não havendo a necessidade de categorizá-las em classes fixas
Huback (2022)	Analisar a redução da preposição para à forma pra no português brasileiro, verificando a hipótese de estocagem lexical (Bybee, Krug	a. "né para" b. "foi para"	Sociolinguística e Variacionismo e Linguística Cognitiva Funcional Baseada no Uso.	<i>Corpus</i> LAEL (PUC-SP) de fala (7 milhões de palavras).		Total: 16.574 ocorrências A variante pra ocorreu em 50,4% das ocorrências. A Frequência Relativa foi o fator mais determinante (65,3% de favorecimento), confirmando a estocagem lexical. A Classe de Palavras é crucial: Advérbios favorecem drasticamente (pela invariabilidade/oesão); Verbos desfavorecem (devido à flexão). Fatores estruturais (tonicidade oxítone e sílabas curtas) corroboram a

						hipótese da previsibilidade.
--	--	--	--	--	--	------------------------------

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Os nove estudos revisados, que abrangem dados de quatro regiões do Brasil, demonstram que a preposição *para* e suas variantes (*pra*, *pa*, *pro*, *p'*) formam um fenômeno nacional de alta produtividade e forte dinamismo estrutural. Todos convergem para o mesmo quadro: a forma plena *para* está em retração na fala espontânea, enquanto *pra* se consolida como a variante majoritária; *pa* e formas ainda mais erodidas (*pro*, *p'*) emergem em algumas regiões. Essa tendência foi percebida em regiões tão distintas e indica que o PB segue um *continuum* de gramaticalização marcado por erosão fonética, simplificação morfossintática e especialização funcional.

Do ponto de vista teórico, os estudos se distribuem entre três grandes eixos complementares: (i) a Sociolinguística Variacionista, responsável pela modelagem estatística dos condicionadores sociais e linguísticos; (ii) o Funcionalismo e a Teoria da Gramaticalização, explicando a expansão semântica e o transitivismo categorial de *para* entre preposição e conjunção; e (iii) as abordagens cognitivo-funcionalistas baseadas no uso, que mostram que a repetição e a frequência relativa fortalecem a fusão e a ausência de segmentos, especialmente em construções previsíveis como *para* com valor final intra e interoracional. Essa interação teórica sustenta a análise chapecoense, pois combina fatores fonológicos, discursivos, sintáticos e cognitivos para explicar a crescente redução e, possivelmente, a ausência de *para*.

Quanto ao tipo de *corpus*, predominam bases orais oriundas de entrevistas sociolinguísticas clássicas: VARSUL (Santa Catarina, Paraná), VALTINS (Araguatins), PORTAL (Maceió), NURC (Rio de Janeiro) e PortVix (Vitória). Esses *corpora* permitem observar a fala espontânea em diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e estilos de fala. Porém, nenhum desses estudos menciona a ausência do conector, o que confirma que a elipse detectada na fala chapecoense é um fenômeno estritamente oral e associado à fala coloquial.

Por fim, para a análise chapecoense, esse levantamento em pesquisas anteriores forma um arcabouço interpretativo decisivo:

(i) Mesmo não sendo um estudo próximo do nosso, Wiedemer (2008) é a única pesquisa que investigou dados de Chapecó e já indicava alta frequência de *para* (44%) e *em* (46%), e baixa sensibilidade de *para* a condicionadores sociais;

(ii) os estudos fonológicos e cognitivos (Silva, 2010; Ferreira, 2014, 2018; Almeida e Oliveira, 2021; Huback, 2022) mostram que a redução ocorre sistematicamente em contextos previsíveis e formulaicos — como em orações finais infinitivas;

(iii) Guilherme (2018) e Ramos e Silva (2022) revelam que o *continuum* de erosão pode atingir níveis máximos (*p'*, coalescência) e que *para/prá* atua como preposição e conjunção, cenário propício para ausência do conector;

(iv) nenhum dos estudos anteriores registra a ausência total da preposição — razão pela qual o fenômeno observado em Chapecó pode representar o estágio mais avançado de gramaticalização de *para* com valor final em contextos intra e interoracionais no PB.

Assim, essa revisão integrada evidencia que a fala chapecoense, embora alinhada às tendências nacionais de redução, pode apresentar um desenvolvimento próprio — a ausência sistemática da preposição, que não apenas amplia, mas desafia os modelos descritivos existentes para o PB contemporâneo.

3 QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que orientam a investigação da variação de *para* em contextos intra e interacionais. Adotamos a interface teórica denominada Sociofuncionalismo, que articula os fundamentos da Sociolinguística Variacionista — conforme formulada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1994) — ao Funcionalismo de vertente norte-americana (cf. Givón, 1979, 1995; Hopper, 1991). No cenário brasileiro, essa abordagem integrada consolidou-se inicialmente em trabalhos vinculados ao PEUL (cf. Moura Neves, 1994; Oliveira; Silva; Scherre, 1996) e foi posteriormente desenvolvida de modo mais sistemático na tese de Tavares (2003) e em estudos subsequentes (Görski; Tavares, 2006, 2013; Tavares; Görski, 2015). Esse arcabouço teórico-metodológico permite identificar e quantificar os fatores motivacionais e estruturais que condicionam o uso linguístico, oferecendo base sólida para a descrição e interpretação dos fenômenos analisados.

A seguir, expomos de forma sintética os pontos de convergência e divergência entre as duas teorias, como, por exemplo, a aceitação da variabilidade inerente da língua e a prioridade dada ao uso linguístico e à quantificação estatística (Görski; Tavares, 2013).

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E EPISTEMOLÓGICO

Pesquisas de orientação sociofuncionalista, embora resultem de uma aproximação teórica não trivial, pois cada modelo apresenta resistências históricas e epistemológicas, dedicam-se ao estudo de fenômenos de variação e de mudança linguística desde 1980. Essa orientação assume um duplo olhar sobre a língua, tratando a variação e a mudança linguística não como fenômenos separados, mas como etapas de um mesmo processo. Nesse movimento, a convergência entre os modelos tem permitido integrar princípios estruturais, cognitivos e sociais, ampliando a compreensão dos mecanismos que condicionam a heterogeneidade linguística. Desse modo, as tensões tradicionais entre as duas abordagens podem ser superadas quando se reconhece que tanto variacionistas quanto funcionalistas compartilham a visão de linguagem como sistema probabilístico, dinâmico e orientado pelo uso.

Nesse contexto, os princípios formulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) — heterogeneidade ordenada, avaliação social, restrições estruturais, transição e implementação — oferecem o arcabouço variacionista fundamental para explicar por que certas variantes avançam, se estabilizam ou recuam na comunidade de fala. Somam-se a estes os

princípios funcionais da iconicidade (correlação entre forma e conceito), da marcação (assimetria entre formas frequentes e complexas) e da economia, que atuam como pressões motivacionais na seleção das variantes. Juntos, esses princípios organizam a variação como sistema e permitem compreender o comportamento variável de *para* como resultado de condicionamentos estruturais, estilísticos, motivacionais e sociais que regulam o avanço gradual das inovações linguísticas.

O termo "Sociofuncionalismo" foi cunhado por Maria Helena de Moura Neves (1999) para caracterizar a produção acadêmica do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/UFRJ) que, desde a década de 1980, integrava diretrizes da Sociolinguística e do Funcionalismo. Essa orientação surgiu motivada pela investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística que demandavam explicações fundamentadas em princípios e motivações funcionais. Embora a prática de integração fosse consolidada no PEUL, o esforço de superar o dilema epistemológico — definindo como os pressupostos de cada teoria poderiam ser reunidos em um "terceiro programa, com núcleo e heurísticas próprias" (Tavares, 2003) — foi sistematizado e aprofundado na tese de Tavares (2003), conferindo maior robustez teórica à interface.

A Sociolinguística Variacionista rompeu com o axioma da homogeneidade linguística e da imanência do contexto estruturalista do século XX, postulando o princípio da heterogeneidade ordenada. O Funcionalismo, por sua vez, postula a não autonomia da estrutura e a descrição da linguagem humana a partir de princípios comunicativos. Embora Labov rejeitasse explicitamente a associação com postulados funcionalistas tomados em caráter explanatório, e a perspectiva funcionalista radical (Bolinger, 1977) postulasse uma correlação biunívoca forte entre forma e função, o que dificultaria a aceitação de variação sincrônica, a interface se tornou possível pelo afrouxamento do princípio da iconicidade no Funcionalismo (admitindo-se que a iconicidade na gramática é gradiente e a correlação pode se perder, abrindo espaço para a variação), e pelo interesse da Sociolinguística em fenômenos de níveis gramaticais mais altos que o fonético-fonológico.

3.2 OBJETO DE ESTUDO E PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS

A abordagem integrada sociofuncionalista se dedica à análise e explicação de fenômenos de variação e mudança linguística, por meio de categorias, propriedades e/ou princípios funcionalistas. Diferente da vertente variacionista clássica, que foca na predição da distribuição de variantes para descrever o sistema, o Sociofuncionalismo pretende investigar

como as pressões do uso e do discurso moldam a gramática, observando processos de mudança em curso. O objeto de estudo é a língua em uso em situações reais, de fala e de escrita, em que indivíduos reais interagem socialmente. Essa perspectiva privilegia dados empíricos e práticas discursivas efetivas, em detrimento de idealizações abstratas sobre o funcionamento da língua, isto é, rejeita modelos que partem de sistemas homogêneos, estáticos ou descontextualizados, enfatizando que a gramática só pode ser compreendida plenamente quando observada em seu funcionamento real e socialmente situado. A abordagem busca o controle de condicionadores de natureza funcional e amplia o escopo gramatical do fenômeno, extrapolando dos limites da oração para o nível multiproposicional do discurso.

A abordagem sociofuncionalista se sustenta em premissas de grande similaridade entre as teorias-mães, destacando-se:

- Variabilidade Inerente: A língua não é um sistema homogêneo e estável, mas um sistema social inerentemente variável em todos os níveis de representação gramatical. As formas alternativas para expressar o mesmo significado/função coexistem na gramática de um mesmo indivíduo e são utilizadas de modo regular em termos estatísticos. Tanto os estudos variacionistas quanto os funcionalistas convergem ao descrever a gramática como probabilística, dinâmica e moldada pela experiência do falante (Bybee, 2001, 2010, 2012; Labov, 2008 [1972]). Assim, a variação observada sincronicamente (como a alternância entre presença e ausência de *para*) é vista como o reflexo das diferentes camadas estruturais resultantes de processos contínuos de gramaticalização.

- Centralidade do Uso Linguístico: O que deve ser alvo das investigações é a língua em uso, priorizando dados reais de fala e escrita e rejeitando idealizações.

- Variação e Mudança: Embora a perspectiva laboviana situe a mudança como resultado da variação, e a abordagem funcionalista a interprete como efeito do processo de gramaticalização, ambas convergem ao reconhecer a coexistência de formas variantes e o caráter essencialmente gradual da mudança linguística. O que difere é o foco analítico: na Sociolinguística Variacionista, o interesse recai sobre formas alternantes que competem por um mesmo significado e cuja difusão pode levar à obsolescência de uma delas; já no Funcionalismo, o foco é a trajetória de uma forma ao longo do tempo e as múltiplas funções que ela passa a assumir, eventualmente competindo com outras formas no desempenho de uma função específica. Em ambos os quadros, porém, a mudança é concebida como um processo contínuo, progressivo e socialmente difundido — um avanço não abrupto, no qual novas variantes se expandem gradualmente no uso até, potencialmente, substituir formas anteriores.

- Uniformitarismo: As forças linguísticas e sociais que atuam sobre a mudança hoje são as mesmas que atuaram no passado (Labov; Hopper e Traugott).

- Papel da Interação: As práticas discursivas, as relações sociopessoais e a acomodação ao ouvinte têm um papel importante na escolha das variantes e no direcionamento de mudanças ao longo do tempo.

- Frequência e estatística: o uso recorrente é motor de fixação e expansão de padrões gramaticais; a quantificação é vista como evidência empírica legítima para modelar a variação. A frequência de uso, nesse sentido, constitui um fator crucial para a estabilidade, manutenção e difusão da gramática e da mudança linguística.

Esse conjunto de premissas sustenta uma visão da linguagem como sistema auto-organizado, dotado de heterogeneidade ordenada e pressões cognitivas, comunicativas e sociais em competição.

A língua é concebida como uma estrutura heterogênea inerentemente variável, sincrônica e diacronicamente. É um sistema social dinâmico que está continuamente se movendo, mudando e interagindo. A variação é compreendida como sistemática e regida por regras, sendo um aspecto da estrutura linguística e um pré-requisito para a mudança. A forma da língua é influenciada pela função a que ela serve.

3.3 CONCEITOS CENTRAIS

Gorski e Tavares (2013) evidenciam que há pontos de convergência entre conceitos centrais das abordagens variacionista e funcionalista, o que fortalece a possibilidade de diálogo entre os modelos. Desse modo, a interface sociofuncionalista ganha solidez ao integrar condicionadores estruturais e funcionais, permitindo que fenômenos variáveis sejam analisados simultaneamente em seus aspectos sintáticos, semânticos, discursivos e sociais.

- Heterogeneidade ordenada/Variabilidade Inerente: A Sociolinguística mostrou que a variação não é caótica, mas sim regida por regras, dissociando estrutura linguística e homogeneidade. O Funcionalismo concorda que a variação está presente nos níveis mais profundos de representação gramatical.

- Iconicidade/Economia: A iconicidade (correlação entre forma e função) não é absoluta, mas gradiente. No Sociofuncionalismo, a variação linguística é interpretada como o resultado da atuação concorrente de dois princípios centrais: o do menor esforço (economia) e o da representação (iconicidade), cuja atuação simultânea orienta os processos de redução e de explicitação formal na língua. O princípio do menor esforço — amplamente discutido em

Haiman (1983) e retomado por Bybee (2001, 2010) — orienta a língua para processos de economia estrutural, como redução fonológica, apagamento e compactação sintagmática, especialmente em contextos de alta previsibilidade. Já o princípio da iconicidade, formulado inicialmente por Givón (1990, 1995) e aprofundado em trabalhos funcionalistas brasileiros (Neves, 1997; Castilho, 2010), sustenta que maior complexidade conceitual demanda maior complexidade formal, de modo que estruturas menos transparentes ou semanticamente abstratas tendem a manter formas mais plenas e menos sujeitas à erosão.

A interação entre esses dois princípios explica por que construções teleológicas altamente previsíveis — como aquelas regidas por verbos processuais de movimento ou atividade — favorecem a elisão de *para*, enquanto contextos menos inferíveis, associados a verbos estativos ou maior abstração semântica, exigem a presença da forma plena. Assim, a variação observada no uso de *para* resulta do equilíbrio dinâmico entre economia e iconicidade, princípios que moldam o comportamento linguístico nas comunidades de fala.

- Gramaticalização: Segundo a vertente funcionalista, a gramática emerge da interação entre pressões cognitivas — como o princípio da iconicidade, que tende a alinhar forma e função — e pressões de uso, pelas quais irregularidades do discurso se estabilizam pela frequência. Essa competição constante torna a gramática uma entidade dinâmica, sujeita à variação e à mudança. Sob essa perspectiva, a gramaticalização constitui o principal mecanismo de transformação: um item lexical ou funcional amplia suas funções, adquire novos usos e se reorganiza estruturalmente ao longo do tempo. Hopper e Traugott (1993, p. 15) definem a gramaticalização como “o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.”

Além da definição geral, Hopper (1991) descreve cinco princípios que estruturam o avanço da gramaticalização — estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização — todos altamente pertinentes à análise da trajetória de *para*. Esses princípios explicam, por exemplo, a coexistência das variantes *para* / *pra* / \emptyset (estratificação), o desgaste fonológico crescente (decategorização), a retenção parcial do valor de finalidade mesmo na ausência do conector (persistência) e a especialização da ausência em contextos previsíveis e integrados (especialização). Assim, o comportamento variável de *para* no PB encaixa-se precisamente no modelo de mudança gradual proposto.

É nesse quadro que se explica o comportamento variável da preposição *para*. A sua trajetória histórica, do latim ao PB, revela um processo de enriquecimento funcional, no qual *para* desloca-se de valores originalmente espaciais para usos temporais e finalísticos cada vez

mais abstratos. A redução fonológica (*pra*) e, posteriormente, a tendência à ausência, constituem etapas desse mesmo *continuum* de gramaticalização, impulsionado pela frequência de uso e pelas necessidades discursivas. Assim, o estudo da variação de *para* exemplifica de modo claro como itens preposicionais se reconfiguram no sistema a partir de motivações cognitivo-discursivas e padrões de uso recorrentes, confirmando o caráter probabilístico e não estático da gramática.

Convém destacar que a gramaticalização se desenvolve de forma gradual, acompanhando um crescente nível de abstração e envolvendo diferentes dimensões — cognitivas, pragmáticas, semânticas e sintáticas — conforme apontam Martelotta et al. (1996, p. 53–54). Esses domínios podem ser descritos do seguinte modo:

a) No plano cognitivo, a mudança ocorre por meio de processos metafóricos, pelos quais elementos vinculados a experiências concretas e léxicas passam a assumir funções mais abstratas no sistema gramatical.

b) No nível pragmático, o falante recorre a elementos mais concretos e familiares para transmitir ideias novas, buscando facilitar a interpretação do interlocutor. Segundo Traugott (1988), Traugott e König (1991) e Hopper e Traugott (1993), conforme sintetizado em Traugott (1995, p. 03), o processo inicial da gramaticalização envolve um fortalecimento pragmático, e não um enfraquecimento funcional. É nesse domínio pragmático que atua a metonímia, mecanismo de mudança em que se estabelece uma relação conceitual entre entidades contíguas, permitindo que um item linguístico originalmente associado a um referente passe a designar outro que se encontra no mesmo contexto — ainda que apenas inferido. Como explica Taylor (1989, apud Tavares, 2003, p. 74), trata-se de uma transferência motivada pela contiguidade conceitual, por meio da qual um significado é especificado com base em outro presente ou acessível no discurso.

c) Nível semântico: partindo de significados já estabelecidos, o falante passa a construir e tornar explícito um novo valor interpretativo para o ouvinte, ampliando ou redesenhando funções anteriores. Assim, observamos que *para* passa por um processo de especialização e esvaziamento parcial de seu sentido original locativo-direcional (“movimento até um alvo físico”). À medida que usos mais antigos servem de base interpretativa, os falantes passam a atribuir à preposição um valor cada vez mais abstrato e previsível, sobretudo o de finalidade. Assim, em contextos como *ir Ø fazer*, *pegar Ø comprar*, *sair Ø comer*, a relação teleológica já está inferida no par verbal, e o sentido de finalidade emerge mesmo sem a presença explícita do conector. Nessa perspectiva, a elisão documentada em ambos os *corpora* reflete um estágio

em que o valor semântico de *para* já foi amplamente integrado à estrutura argumental do verbo, tornando a marca formal dispensável em determinados contextos.

d) Nível sintático: determinados contextos estruturais favorecem o avanço da gramaticalização, esclarecendo por que a mudança se consolidou em uma direção específica e não em outra. Nesse sentido, a mudança se manifesta na distribuição das variantes ao longo dos contextos intra e interacionais finalísticos. Estruturas sintaticamente mais compactas — como as orações reduzidas de infinitivo, altamente integradas à oração matriz — favorecem sistematicamente a ausência. Esse padrão está em consonância com o princípio funcional segundo o qual certos ambientes estruturais estimulam o avanço da gramaticalização, pois oferecem suporte para que a função seja recuperável pela sintaxe e pelo encadeamento prosódico, mesmo sem a preposição. Por outro lado, contextos sintáticos mais complexos ou que rompem a continuidade informacional — como pausa, sujeitos não correferentes e orações desenvolvidas — inibem a elisão e favorecem a manutenção da forma plena, demonstrando que a mudança não avança de modo homogêneo, mas é sensível à arquitetura sintática da construção.

Assim, tanto no plano semântico quanto no sintático, os padrões observados em *para* revelam um processo contínuo de reanálise e redistribuição motivado pela previsibilidade da finalidade e pela compactação estrutural das orações — mecanismos centrais da gramaticalização que explicam a crescente preferência por *pra*, a manutenção de *para* em contextos marcados e o avanço da variante zero.

Essa dinâmica evidencia que a mudança não é aleatória: ela se ancora em princípios que regulam o desenvolvimento gramatical e orientam o percurso das formas ao longo do continuum de abstração e desgaste morfossintático.

- **Motivação Discursiva e Pragmática:** A mudança é motivada por práticas discursivas e sociais e fatores interacionais (ligados à negociação falante-ouvinte) são importantes na variação.

- **Variável Complexa e Escolaridade:** Diferentemente da Sociolinguística que privilegia o caráter discreto das categorias, o Funcionalismo foca no caráter *continuum* das categorias e variáveis. No âmbito metodológico, a vertente sociofuncionalista permite que estudos específicos operacionalizem essa visão ao agruparem variáveis independentes de natureza funcional em variáveis complexas escalares, como ocorre na análise dos graus de força manipulativa (cf. Givón, 1985; Tavares, 2003). Esse procedimento possibilita captar nuances sutis de variação que escalas de propriedades discretas poderiam negligenciar, oferecendo um refinamento na interpretação dos dados de uso.

3.4 CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS

A abordagem sociofuncionalista utiliza dados empíricos da língua utilizada em situações reais de uso, embora a análise de sincronias atuais permita uma observação direta e detalhada das ocorrências, a escolha do recorte temporal depende dos objetivos da investigação. Em estudos voltados à trajetória de mudança e à multifuncionalidade de um item, pode ser imperativo o recurso a dados de diferentes momentos históricos. Essa perspectiva diacrônica permite compreender como um item adentra em um domínio funcional específico e se estabiliza na gramática, fornecendo o contexto necessário para o posterior recorte da variável e a análise de seus condicionamentos no uso contemporâneo.

Os métodos valorizam o tratamento empírico com quantificação estatística como evidência para atestar variação e mudança, dando destaque à frequência das ocorrências. Os passos de análise tipicamente seguidos incluem:

1. Identificação de situações de uso variável em um domínio funcional²³ (como sequenciação discursiva, força manipulativa, referenciação, etc.).
2. Operacionalização da variável laboviana, isolando formas variantes que desempenham a mesma função.
3. Testagem de grupos de fatores diversos combinando fatores linguísticos, discursivos, estilísticos, sociais.
4. Controle refinado de fatores discursivo-pragmáticos (como planos discursivos, status informacional, fatores interacionais), muitas vezes utilizando tratamento analítico escalar.
5. Dupla Testagem: Fatores são testados isoladamente e, posteriormente, agrupados numa variável complexa escalar.
6. Interpretação da frequência das formas em contextos específicos como indício de especialização, generalização de significado ou retração de uso.

A interface sociofuncionalista explica particularmente bem fenômenos de variação e mudança linguística, especialmente aqueles que envolvem condicionadores de natureza funcional e/ou comportamento escalar/gradiente. A combinação do olhar sociolinguístico

²³ Domínio funcional é entendido como uma área de significação ou uma função comunicativa abstrata (como sequenciação discursiva, força manipulativa ou referenciação) que pode ser expressa por diferentes formas linguísticas em competição. É a partir do domínio funcional que se define o envelope de variação, delimitando onde as variantes operam e quais pressões motivacionais influenciam sua escolha.

(variação) e funcionalista (gramaticalização) é apontada como pilar para explicar a variação morfossintática.

O estudo de Guilherme (2018) sobre a gramaticalização da preposição *para* no português falado no Rio de Janeiro é particularmente elucidativo porque exemplifica, de modo concreto, a articulação entre os princípios funcionalistas e mecanismos variacionistas — núcleo do Sociofuncionalismo. Ao demonstrar que a redução da preposição constitui um processo de gramaticalização, o autor evidencia como mudanças fonético-morfológicas motivadas por pressões comunicativas (economia, previsibilidade, condensação estrutural) se convertem em padrões variáveis estabilizados socialmente, coerentes com a proposta laboviana.

Nesse mesmo sentido, a ausência de *para* em orações subordinadas finais reduzidas de infinitivo pode ser interpretada como desdobramento natural desses processos sociofuncionalistas. De um lado, a elisão reflete a etapa avançada da erosão morfofonológica — fenômeno classicamente descrito pelo Funcionalismo como produto da frequência e da automatização; de outro, a variação é sistematicamente condicionada por fatores estruturais e sociais, como prevê a Sociolinguística Variacionista. A análise da oração principal reforça essa leitura: verbos de movimento e deslocamento favorecem a redução e a ausência por ativarem processos de abstração semântico-pragmática, uma vez que *para* perde gradualmente seu valor locativo original e passa a funcionar predominantemente como marcador finalístico. Ao mesmo tempo, verbos regentes que induzem teleologia ampliam a coesão sintagmática da construção, reduzindo a necessidade de marcação formal.

Assim, tanto o estudo de Guilherme (2018) quanto os resultados desta pesquisa convergem para a mesma conclusão: a variação observada é inseparável da relação entre marcação, complexidade sintática e mudança gramatical. O Sociofuncionalismo, ao integrar condicionadores linguísticos internos e fatores sociocomunicativos, oferece o arcabouço teórico capaz de explicar simultaneamente a emergência estrutural da variante reduzida e sua difusão social na comunidade de fala.

3.5 CRÍTICAS E LIMITAÇÕES

Görski e Tavares (2015) alertam que, antes da consolidação da interface, existiam obstáculos a serem superados:

- Posição de Labov: Labov rejeitava explicitamente a associação com postulados funcionalistas em caráter explanatório, inclinando-se para o modelo formal chomskiano. Para

alguns, as posições de Labov impediam o alinhamento da Sociolinguística Variacionista com qualquer enfoque funcional.

- Racionalidade Científica: Foi debatida a validade epistemológica de reunir pressupostos de duas teorias distintas em um simples somatório, sendo defendida a necessidade de síntese em um "terceiro programa" com núcleo e heurísticas próprias.

- Funcionalismo Radical: A perspectiva funcionalista radical (Bolinger, 1977), que exigia uma correlação biunívoca entre forma e função (versão forte da iconicidade), representava um obstáculo, pois não admitiria a variação.

3.6 DESENVOLVIMENTO E DESDOBRAMENTOS

A interface sociofuncionalista em si é um desdobramento das abordagens originais, buscando aprofundar a compreensão da variação. O desenvolvimento no Brasil incluiu o refinamento do controle de condicionadores de natureza funcional e a ampliação do escopo gramatical para o nível do discurso. A interface tem se mostrado frutífera e instigante para o estudo de fenômenos de variação e mudança linguística.

3.7 CONTRIBUIÇÃO GERAL DA ABORDAGEM PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

A abordagem sociofuncionalista permite uma observação mais precisa do aspecto social da variação e da mudança, incorporando fatores interacionais ligados à negociação entre falante e ouvinte. Ela oferece a possibilidade de dupla testagem de fatores condicionadores (isolados e agrupados em variáveis complexas escalares), fornecendo subsídios para avaliar o caminho analítico mais significativo. A abordagem representa uma tentativa de síntese, visando um "terceiro programa". Ela compatibiliza a visão sociolinguística da variação como um sistema dinâmico e heterogêneo com a visão funcionalista da gramática derivada da experiência particular de cada indivíduo com a língua. Além disso, a interface liga a gramaticalização (processo funcionalista de mudança) à variabilidade (fenômeno sociolinguístico). A interface concilia o privilégio sociolinguístico do caráter discreto das variáveis com o enfoque funcionalista no caráter *continuum* das categorias, essencial para captar variações sutis.

A interface sociofuncionalista funciona como um microscópio mais potente para a linguística, capaz de captar não apenas a existência de diferentes elementos linguísticos (a variação), mas também as forças invisíveis do uso e da interação comunicativa que os ordenam e os transformam gradualmente ao longo do tempo.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, definimos a variável dependente — presença ou ausência de *para* — e os grupos de variáveis independentes (linguísticas, sociais e estilísticas), que estruturam a análise. Em seguida, descrevemos os *corpora*, o delineamento da amostra e a caracterização da população investigada. Por fim, apresentamos o ambiente e os procedimentos de análise estatística utilizados e explicitamos os contextos de restrição considerados.

Este estudo adota a Sociolinguística Quantitativa, ou Sociolinguística Variacionista, como enquadramento teórico-metodológico, proposto inicialmente por Labov (2008 [1972]). A abordagem variacionista busca compreender a variação linguística em contextos sociais específicos, utilizando procedimentos estatísticos para correlacionar variáveis linguísticas e extralinguísticas. Tal perspectiva é particularmente adequada à proposta desta dissertação, pois permite mensurar a presença ou ausência de *para* com valor final em contextos intra e interoracionais, fornecendo respaldo empírico para o teste de hipóteses formuladas.

4.1 CODIFICAÇÃO

4.1.1 Variável dependente

No presente estudo sobre a fala de informantes chapecoenses, a variável dependente analisada é composta por duas variantes:

- presença do conector *para* (plena, reduzida ou aglutinada)
- ausência do conector *para*

Para fins de processamento estatístico, definiu-se a ausência do conector como o valor de aplicação da regra variável. Essa escolha justifica-se por ser a variante inovadora no domínio funcional da finalidade, permitindo identificar com maior clareza quais fatores favorecem a ausência da preposição nos contextos intra e interoracionais. Assim, os resultados numéricos apresentados adiante referem-se à probabilidade de ausência da variante frente à sua presença na fala dos informantes das amostras VARSUL e VMPOSC.

4.1.2 Variáveis independentes

Para definição das variáveis linguísticas controladas nesta pesquisa, norteamos-nos pelos estudos anteriores sobre o uso de *para* (Seção 2.3). A partir desse levantamento, cuja análise estatística permitiu testar as hipóteses formuladas para cada condicionador, organizamos os fatores linguísticos em blocos de acordo com a natureza das variáveis independentes envolvidas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, sintáticas e semântico-pragmáticas) e os fatores sociais (a idade, a escolaridade e o gênero autodeclarado pelo informante). As variáveis estilísticas, por sua vez, foram definidas com base na oitiva sistemática das entrevistas, considerando-se a variação diafásica. Para tanto, observou-se o grau de formalidade mobilizado nas respostas, o tipo de registro empregado pelo informante (alternando entre temas profissionais, episódios emocionalmente marcados e assuntos mais descontraídos, como lembranças de infância) e o estilo situacional. A sistematização desse controle estilístico baseou-se em uma adaptação do Diagrama de Estilo — ou Árvore de Decisão laboviana (Labov, 2001) — ferramenta que permitiu segmentar o *corpus* segundo critérios sistemáticos de formalidade e monitoramento da fala. Essa apropriação metodológica possibilitou categorizar os trechos de fala em função do ajuste que o informante realiza diante do interlocutor, do tema e do canal de comunicação, garantindo maior precisão na análise dos condicionamentos situacionais.

Por fim, a variação diacrônica foi analisada por meio da comparação entre os dois períodos de coleta de cada um dos bancos analisados, ou seja, os dados do VARSUL e do VMPOSC foram coletados em momentos distintos — o primeiro no início da década de 1990 e o segundo há pouco mais de dez anos. Esses condicionadores, entendidos como propriedades internas e externas ao sistema linguístico, orientam a interpretação da variação e da mudança. Para identificar os contextos que favorecem cada variante, e seguindo as questões e hipóteses gerais levantadas na Introdução, as variáveis independentes controladas foram sistematizadas no Quadro 3, conforme se apresenta a seguir:

Quadro 3 - Variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas

Nível	Categoria	Descrição	Autor
Fonético-fonológico	Pausa	Presença ou ausência antes ou após o conector	Silva (2010); Ferreira (2014, 2018)
Morfossintático	Domínio da articulação do valor final	Intraoracional Interoracional	

	Configuração do segmento antecedente ²⁴	Oração finita no indicativo Oração finita em outros modos Oração não finita Sintagma nominal (SN) Outras configurações)	—
	Configuração do segmento introduzido por <i>para</i> ²⁵	Desenvolvida de subjuntivo Reduzida de infinitivo Sintagma nominal (SN) Outras configurações	Ferreira (2014, 2018); Almeida e Oliveira (2021); Huback (2022)
	Correferencialidade de sujeitos	Correferente Não correferente	Deoclécio (2011); Ramos e Silva (2022)
Sintático	Configuração da articulação final	Intraoracional: subordinação única; subordinação múltipla/encadeada; outras configurações Interoracional: entre dois períodos/enunciados independentes; entre enunciado antecedente e segmento final justaposto; em sequência discursiva ampliada; outras configurações	Deoclécio (2011); Ramos e Silva (2022)
Semântico-pragmático ²⁶	Tipo semântico do verbo	verbos de estado (estativos) verbos de movimento verbos de atividade	Wiedemer (2008); Deoclécio (2011)
Social	Faixa etária	VARSQL: 25-49 anos, 50+ VMPOSC: 07-14 anos, 15-24 anos, 25-49 anos	Wiedemer (2008); Silva (2010);

²⁴ Cumprir esclarecer que o segmento antecedente, na terminologia adotada neste trabalho, designa a unidade estrutural que precede o segmento de valor final, podendo corresponder, conforme o caso, a uma oração finita, a uma forma reduzida, a um sintagma nominal ou a outra configuração estrutural. Exemplos correspondentes a cada segmento são apresentados em 5.2.1.2.1.

²⁵ Cumprir esclarecer que o segmento introduzido por *para*, na terminologia adotada neste trabalho, designa a unidade estrutural que expressa o valor final e que se segue ao segmento antecedente, podendo corresponder, conforme o caso, a uma oração desenvolvida, a uma forma reduzida, a um sintagma nominal ou a outra configuração estrutural. Exemplos correspondentes a cada segmento são apresentados em 5.2.1.2.2.

²⁶ O controle dessa categoria não foi realizado pelo tipo aspectual do verbo. Considerou-se o valor semântico/funcional da preposição e da oração final: Guilherme (2018) analisou a redução da preposição de acordo com o valor semântico, sendo que os valores mais abstratos favorecem a redução e Huback (2022) a frequência relativa como fator que condiciona a redução fonética.

			Ferreira (2014, 2018)
Social	Sexo	Feminino, masculino	Silva (2010); Ferreira (2014, 2018)
Social	Grau de escolaridade	VARFUL: Primário, Ginásial, Colegial VMPOSC: Fundamental I, Fundamental II, Médio, Superior	Wiedemer (2008); Silva (2010); Ferreira (2014, 2018)
Diacrônico	Período da amostra	VARFUL (1990) VMPOSC (2014)	—
Estilístico	Estilo	formal: resposta, residual e palanque (<i>soapbox</i>) casual: infância, narração e tangente	—

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

4.2 CORPORA

4.2.1 Delineamento da amostra: definição dos critérios de seleção dos informantes e descrição da metodologia de coleta de dados

Esta pesquisa investiga uma amostra de 40 entrevistas do banco de dados do VARFUL e do VMPOSC. Como falamos anteriormente, o primeiro possui entrevistas coletadas entre os anos de 1989 e 1996, já o segundo projeto abarca entrevistas coletadas mais recentemente, a partir de 2014, possibilitando uma comparação diageracional e diacrônica entre eles. A soma desses dois enfoques — geracional dentro de cada período e diacrônico entre períodos — permite verificar simultaneamente o estado atual da mudança e sua trajetória histórica de 23 anos de diferença.

Para efeito de organização analítica, começamos pela apresentação do VARFUL.

O projeto VARFUL é composto por um extenso banco de entrevistas sociolinguísticas de 288 falantes urbanos distribuídos em 12 cidades dos estados do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages) e Paraná (Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco). O projeto oferece um rico material para investigação da variação em diversos níveis gramaticais do português falado no Sul do Brasil, contemplando diferentes etnias, níveis de escolaridade, faixas etárias e sexo. Desta forma,

o projeto testa teorias de variação e mudança linguística e critérios de amostragem estratificada. Os falantes foram selecionados por preencherem os seguintes pré-requisitos: a) monolíngues em português (exigência aplicável aos entrevistados das capitais, mas não às áreas bilíngues); b) terem residido na cidade por pelo menos 2/3 de sua vida; e c) não terem vivido fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa.

A coleta de entrevistas do Projeto VARSUL iniciou pelo estado do Rio Grande do Sul em 1988 e se expandiu para os demais estados sulistas em 1990. A amostra básica foi completada em 1996, ano em que o banco de dados foi oficialmente inaugurado na UFRGS, durante o I Encontro de Variação Linguística do Cone Sul, de 02 a 04 de setembro. Essa amostra básica incluiu informantes distribuídos por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. As entrevistas foram transcritas em um sistema de três linhas (ortográfica, informações fonéticas relevantes e observações morfosintáticas e de velocidade da fala), armazenados eletronicamente e, posteriormente, as fitas-cassete originais foram regravadas em CD. Na atual gestão do Projeto VARSUL, está em desenvolvimento o projeto em rede “Estudo da Mudança Linguística em Tempo Real: ampliação do Banco de Dados de Fala do Projeto VARSUL”²⁷, financiado pela Chamada CNPq/MCTI nº 10/2023 – Universal. Assim, o VARSUL encontra-se em constante atualização e ampliação, incorporando novas amostras em todas as sedes, incluindo regiões, faixas etárias e níveis de escolaridade não contemplados na amostra inicial.

Para efeito de organização analítica, passamos à apresentação do VMPOSC.

O projeto VMPOSC é composto por um banco de dados sociolinguísticos de fala e de escrita criado em 2012, mas ainda em processo de composição, que reúne 16 entrevistas sociolinguísticas com informantes de Chapecó. A proposta contempla três faixas etárias (7 a 14 anos, 15 a 24 anos, 25 a 49 anos) e todos os níveis de escolaridade, inclusive os não contemplados à época de coleta da amostra base do VARSUL, complementando a pesquisa no oeste catarinense. O método de entrevista sociolinguística também contemplou a coleta de narrativas de experiência pessoal, de narrativa recontada, de relato de descrição, de relato de opinião e de relato de procedimento. A escolha dos informantes para compor a amostra obedeceu ao seguinte perfil: (i) falante de português; (ii) morador da cidade há pelo menos 2/3 da sua vida; (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua; (iv) não causar estranheza a outros falantes da região; (v) os pais devem ter nascido na cidade.

²⁷ Informações detalhadas podem ser consultadas em Monguilhott, Coelho e Brescancini (2025).

As entrevistas de cada um dos bancos foram coletadas²⁸ na própria cidade de residência do informante, no nosso caso em Chapecó, e apresentaram duração média entre 40 a 60 minutos. Os tópicos abordados nas entrevistas de ambos os bancos envolviam infância, mudanças com o desenvolvimento da cidade, hábitos e costumes diários, como se comportam os vizinhos e outras questões do cotidiano. Os bancos (principalmente o VARSUL) explorou questionamentos sobre imigração alemã e italiana, inferindo perguntas sobre como os ascendentes dos entrevistados chegaram ao Brasil, como eram as festas, comidas típicas e costumes. No decorrer das entrevistas para o final, algumas questões sobre opinião política do momento, situação econômica do país, educação e futuro foram levantadas. Vale ressaltar que, antes ou entre uma resposta e outra, havia espaço para conversas livres.

Segundo o próprio endereço eletrônico do VARSUL²⁹, em 1991, época da coleta da amostra de entrevistas em Chapecó, a cidade foi recenseada com uma população de 122.889 habitantes. Porém, de acordo com o IBGE (2014), a cidade de Chapecó atingiu a marca de 200.672 habitantes, momento de captação das entrevistas do VMPOSC. Percebe-se, portanto, que o crescimento populacional de Chapecó ascendeu aproximadamente 63% em 23 anos que distanciam o período de coleta dos dois bancos, resultando em um acréscimo de 77.783 pessoas. Esse intervalo temporal entre as coletas (VARSUL, 1991, e VMPOSC, 2014) já aponta para a coexistência de momentos sociolinguísticos distintos.

A análise de longo prazo, considerando atualmente a população de Chapecó de 282.648 habitantes (IBGE, 2025), também revela que a tendência de crescimento acelerou, adicionando mais 81.976 habitantes em apenas 11 anos (2014-2025), um aumento de 40,85% sobre o período VMPOSC. Essa comparação demonstra que os dados linguísticos de 1991 e 2014 foram capturados em uma comunidade de fala em rápida e contínua transformação demográfica, que totalizou um crescimento de aproximadamente 130% em 34 anos. Esse fator de intensa heterogeneidade e fluxo populacional deve ser crucialmente considerado ao interpretar as diferenças ou mudanças linguísticas observadas entre bancos.

De acordo com Rost Snichelotto (2012), Chapecó é considerado um município estratégico no Oeste catarinense, cuja história linguística e social se inicia com a presença dos povos originários Kaingang e Guarani, que habitavam a região. Posteriormente, a cidade

²⁸ As entrevistas do VMPOSC foram coletadas, em 2014, por diferentes mestrandos do PPGEL integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos Sociolinguísticos e Interfaces: inicialmente por Eliane Scherer e Eduardo Berger; posteriormente por Kelly Trapp e André Fabiano Bertozzo; e, ainda, por Gabriel Augusto Scheffer e Greici Moratelli Sampaio — juntamente com os graduandos Grazieli Pigatto (Letras – Português e Espanhol) e Carlos Eduardo Cardoso (História).

²⁹ Para mais informações, consulte www.varsul.org.br

consolidou-se a partir do século XX, após a solução do Contestado de 1910, com intensos fluxos migratórios internos (principalmente do Rio Grande do Sul) e diversas ondas de imigração europeia (principalmente alemães e italianos). Essa complexa formação populacional, que inclui a convivência entre as línguas indígenas, a portuguesa e as de imigração, resultou em um ambiente de contato dialetal e sociolinguístico acentuado como um objeto de estudo privilegiado para a análise de variação e mudança linguística no país. Mesmo sendo reconhecida como município em 1917, apuramos nas entrevistas do VARSUL que os primeiros processos de urbanização da cidade ocorreram a partir de 1950 com a chegada das primeiras indústrias, agroindústrias e ascensão do comércio.

Como informado, considerando os dois bancos, o levantamento totalizou 40 entrevistas de falantes residentes em Chapecó, mesmo que nem todos tenham nascido no município, mas oriundos de regiões próximas ou moradores de longa data. Desses 40 registros, 24 entrevistas provêm do VARSUL e 16 do VMPOSC. Essa diferença no número de informantes gerou assimetria entre as amostras, o que também se refletiu no número de ocorrências, aspectos que trataremos no Capítulo 6 (Resultados e discussão). A distribuição detalhada de cada uma das amostras pode ser visualizada nas tabelas a seguir:

Tabela 1: Distribuição da amostra do VARSUL Chapecó

VARSUL	Escolaridade					
	P		G		C	
	M	F	M	F	M	F
25-49	2	2	2	2	2	2
50+	2	2	2	2	2	2
Total	24 informantes					

Fonte: elaborada pelo autor (2025) com base em Monguilhott, Coelho e Brescancini (2025)

A amostra VARSUL (12 que se autodeclararam do sexo feminino e 12 que se autodeclararam do sexo masculino) foi composta por adultos acima de 25 anos (12 entre 25-49 e 12 com 50 anos ou mais). No que tange à escolaridade dos 24 informantes, observa-se uma

distribuição equilibrada entre os três níveis de escolaridade: 8 com ensino primário, 8 com ensino ginásial e 8 com colegial.

Tabela 2: Distribuição da amostra do VMPOSC

VMPOSC	Escolaridade							
Faixa etária	EF1		EF2		EM		ES	
	M	F	M	F	M	F	M	F
7-14	2	2	2	2				
15-24					1	1	1	1
25-49							2	2
Total	16 informantes							

Fonte: elaborada pelo autor (2025) com base em Rost Snichelotto (2012)

A amostra do VMPOSC (16 participantes, com 8 de cada gênero) está constituída, até este momento, em grande parte pela faixa etária mais jovem (8 sujeitos entre 7-14 anos, 4 entre 15-24 e 4 entre 25-49 anos). Em relação ao nível de escolaridade desse segundo conjunto de informantes, 4 cursavam os anos iniciais do Fundamental (EF1), 4 os anos finais do Fundamental (EF2), 2 possuíam Ensino Médio (EM) e 8 o Ensino Superior (ES).

Após a apresentação da distribuição dos informantes nas tabelas anteriores, esclarecemos que todos os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos estruturados de forma padronizada. Esses códigos seguem quatro critérios:

- (a) o gênero autodeclarado — feminino (F) ou masculino (M);
- (b) a ordem de audição de cada entrevista, numerada de 1 a 4;
- (c) o nível de escolaridade, respeitando as distinções entre os dois bancos: no VARSUL, os informantes são classificados como primário (P), ginásial (G) e colegial (C), enquanto no VMPOSC a escolaridade segue a nomenclatura atual — fundamental anos iniciais (F1Ciclo), fundamental anos finais (F2Ciclo), ensino médio (M) e ensino superior (S); e
- (d) a faixa etária — 7 a 14 anos, 15 a 24 anos, 25 a 49 anos e 50 anos ou mais.

Essa codificação permite organizar sistematicamente os dados e facilita a análise comparativa entre os diferentes perfis sociolinguísticos incluídos no estudo.

4.2.2 Procedimentos de tratamento e análise dos dados

Nesta seção, descrevemos os procedimentos específicos adotados para o tratamento e a análise dos dados, incluindo as etapas de coleta, categorização e interpretação que subsidiaram a apresentação dos resultados e a discussão.

Primeiramente, ouvimos as 16 entrevistas do banco de dados do VMPOSC e, em seguida, as 24 entrevistas do projeto VARSUL. Como a pesquisa buscou o uso de *para* com valor final em contextos intra e interoracionais, coletamos os dados pelas etapas a seguir detalhadas

A análise das entrevistas dos dois projetos foi conduzida tanto em áudio, quanto em suas respectivas transcrições. Em vista disso, constatamos que as transcrições nem sempre foram fiéis às falas originais dos entrevistados, seja pelo fato de a escrita transcrita corrigir a fala do informante com o parâmetro da norma culta, seja por incompreensões resultantes de ruídos no áudio que levaram a modificar sentenças ou vocábulos.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi que, nos momentos em que o informante utilizava *para*, julgávamos se ocorria o valor semântico-discursivo de finalidade. Em muitos casos, porém, a transcrição divergia do áudio, pois constatamos que transcritores tendem à correção ortográfica pelos parâmetros dos dicionários ou o programa de transcrição, de nome não informado, utilizado pelos entrevistadores capta outro vocábulo parecido ou não capta nada, dependendo do volume do áudio da entrevista. Quando essas discrepâncias ocorriam, realizávamos novamente a oitiva, principalmente ao se tratar da variante ausente, que, por diversas vezes, aparecia representada em transcrições pela vírgula. Esse padrão de anotação nos chamou a atenção, pois sugeria a falta de alguma representação gráfica adequada no ponto em que o conector finalístico era esperado.

Em seguida, observamos a configuração sintática da articulação final, considerando, de um lado, o segmento antecedente e, de outro, o segmento introduzido por *para*, a fim de identificar, quando pertinentes, pessoa, tempo e modo verbais, bem como o aspecto semântico dos verbos e a correferencialidade — ou não — entre os sujeitos. Nos contextos intraoracionais, essa análise incidiu sobre a relação entre a oração matriz e a oração final; nos contextos interoracionais, voltou-se para a relação entre o enunciado antecedente e o segmento subsequente de valor final. Em alguns casos, identificamos também articulações em que *para*

se associa não a uma oração, mas a sintagmas nominais ou a outras configurações estruturais, posicionados antes ou depois do conector.

Ainda no levantamento das ocorrências, distinguimos os casos em que a articulação final se realizava no interior de um único período — em configurações intraoracionais mais integradas — daqueles em que se distribuía entre períodos ou enunciados distintos, caracterizando contextos interoracionais. Nos casos intraoracionais, consideramos, ainda, se a construção se organizava por subordinação única ou por encadeamento sintático mais complexo; nos interoracionais, observamos se o valor final emergia da relação entre dois enunciados contíguos ou de uma sequência discursiva mais ampla. Adicionalmente, levamos em conta a presença ou ausência de pausa antes e/ou após o conector.

Por fim, identificamos os contextos em que os falantes produziam enunciados com semântica finalística. Para isso, analisamos o tema subjacente à pergunta do entrevistador e, assim, classificamos cada ocorrência na categoria estilística correspondente. O detalhamento desta variável estilística consta da seção que trata de variáveis independentes.

4.2.2.1 Tratamento estatístico dos dados

Para responder às perguntas desta pesquisa e testar as hipóteses formuladas, o tratamento estatístico das ocorrências foi conduzido em duas etapas. Inicialmente, os dados foram organizados em planilhas no Excel, de modo a estruturar cada *token* da preposição *para* com seus respectivos fatores linguísticos, sociais e estilísticos. Em seguida, todo o processamento estatístico foi realizado no ambiente R, por meio do Programa RStudio (RStudio Team, 2024). O RStudio é um ambiente de desenvolvimento integrado (IDE) de código aberto (ou software livre) amplamente utilizado em pesquisas variacionistas. Esse ambiente nos permitiu transformar as ocorrências codificadas em um banco de dados estruturado, possibilitando a modelagem estatística e a geração automatizada de gráficos, que fundamentam a apresentação dos resultados desta dissertação.

Para a modelagem propriamente dita, empregamos o Modelo Linear Generalizado (GLM)³⁰, implementado no ambiente R (pacote *lme4*; Bates *et al.*, 2015). Esse tipo de modelo amplia a regressão linear tradicional e é particularmente adequado para analisar variáveis de

³⁰ Cabe destacar que o GLM não fornece diretamente os pesos fatoriais no intervalo de 0–1, tal como tradicionalmente apresentados em programas variacionistas como o Goldvarb. O GLM retorna coeficientes em *log-odds*, acompanhados de erros-padrão e valores de significância, e são esses coeficientes que indicam a direção e a força do efeito dos fatores. Quando necessário, os pesos fatoriais podem ser obtidos por derivação matemática a partir dos *log-odds*, embora não constituam um output nativo do modelo.

resposta que não seguem uma distribuição normal, como é o caso das variantes de *para* (variável dependente binária). O GLM combina a distribuição de probabilidade (binário), um preditor linear composto pelas variáveis independentes e uma função matemática de ligação que relaciona ambos os componentes. Trata-se de um procedimento robusto, que considera a hierarquia e a variação inerente aos indivíduos e permite avaliar o peso relativo de cada fator formal, funcional e social no condicionamento das variantes.

As saídas do modelo incluem *log-odds* (coeficientes), erros-padrão e testes de significância (p-valor). Embora os pesos fatoriais (0–1) não sejam gerados diretamente, podem ser calculados a partir dos *log-odds*, permitindo interpretar quais fatores favorecem ($>0,5$) ou desfavorecem ($<0,5$) a realização de cada variante. É mister mencionar, contudo, que ocorrências de incidência muito baixa apresentam limitação estatística, razão pela qual foram agrupadas em categorias mistas para assegurar a estabilidade analítica.

Aplicamos ainda, no ambiente R, o modelo Linear Misto Generalizado (GLMM) cuja função é observar não só os efeitos fixos, como também os efeitos aleatórios por meio de uma comparação diastrática e diageracional dentro de cada amostra e, posteriormente, entre amostras. Em outras palavras, o pacote estatístico nomeia como efeito aleatório o comportamento de cada falante dentro da amostra de forma qualitativa e não como mais um dado quantitativo no *corpus* — considera a produção das variantes por falante.

Em conformidade com as diretrizes de integridade acadêmica, declaramos que os *scripts* foram produzidos com auxílio da inteligência artificial Gemini AI (Google, 2025) versão flash 2.5. A ferramenta foi empregada especificamente para auxiliar na elaboração e no refinamento dos *scripts* de automação e processamento estatístico dos dados provenientes das amostras VARSUL e VMPOSC a fim de adaptarmos a linguagem técnica do ambiente R em uma linguagem mais próxima do entendimento do leitor. O uso da IA limitou-se ao suporte técnico de programação, sendo que todos os *outputs* gerados foram submetidos a revisão, garantindo a acurácia dos procedimentos de análise. Ressalta-se que a IA não foi utilizada para a interpretação teórica dos fenômenos linguísticos, redação de conteúdo intelectual ou tomada de decisões analíticas, tarefas que realizamos integralmente e assumimos total responsabilidade pelo conteúdo final deste trabalho.

Por fim, cumpre esclarecer que, no processo de redação da dissertação, utilizou-se também o Gemini AI (Google, 2025) como ferramenta de apoio exclusivamente para revisão textual, com vistas ao aprimoramento da clareza, da coesão, da fluidez e da adequação formal do texto acadêmico. Seu uso restringiu-se à reformulação redacional, à uniformização terminológica e à sugestão de ajustes linguístico-estilísticos, sem substituição da autoria

intelectual da pesquisa, da análise dos dados, da interpretação dos resultados ou da responsabilidade do pesquisador pelo conteúdo apresentado.

4.3 DADOS QUE ENTRAM E DADOS QUE SAEM (RESTRICÇÕES)

Esta seção tem por objetivo aclarar os critérios que orientaram a inclusão e a exclusão de dados ao longo das etapas de coleta, codificação e análise. Ao detalhar quais ocorrências entram e quais saem do conjunto analisado, definimos os parâmetros empíricos que sustentam o estudo da variação de *para* em contextos de finalidade intra e interocasional, assegurando transparência metodológica e consistência na interpretação dos resultados.

4.3.1 Dados que entram (objeto de análise)

Os dados que integram o objeto de análise consistem em todas as sentenças que expressam intenção ou propósito final e que, em seu contexto de produção, envolveram a presença (ou a possibilidade) de *para*, seja na forma plena, reduzida, aglutinada ou omitida, tanto em contextos intra quanto interocasionais³¹. Seguem, a título de exemplificação, algumas ocorrências consideradas em nossa amostra:

(13) a. A gente se arrumava toda bonitinha *pra* ir tomar um sorvete." (F4F1Ciclo+50 VARSUL)

b. [...] aprender o chinês porque eu gostaria de uma vez de ir lá pra China né θ -conhecer as comida..." (M2F1Ciclo7a14 VMPOSC)

c. [...] ah, salame tem que carnear o porco (pausa) carnear o porco, daí tira a carne - tira a banha, depois tira a carne. E daí tem que tirar a banha da carne θ fazer o salame, né? (M2F1Ciclo25a49 VARSUL)

d. Porque não adianta pegar o dinheiro no fim do mês e gastar tudo *pa* comer o mês inteiro. Né? (M2F1Ciclo25a49 VARSUL)

³¹ Nossa intenção inicial foi coletar dados das amostras apenas em períodos compostos por oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Contudo, com o avanço das audições, percebemos que outras configurações com valor final também se mostraram produtivas para a composição da amostra, incluindo estruturas com sintagmas nominais, períodos simples e períodos compostos, nos quais a construção final poderia ocorrer tanto de forma desenvolvida quanto reduzida, além de apresentar presença ou ausência de *para*.

Nos exemplos em (13), observam-se diferentes configurações intraoracionais de articulação do valor final, nas quais o segmento antecedente se relaciona a um segmento subsequente introduzido por *pra*, *pa* ou por zero (\emptyset).

Em (13a), o segmento antecedente “A gente se arrumava toda bonitinha” explicita a ação habitual realizada pela informante, enquanto o segmento introduzido por *pra* — “*pra* ir tomar um sorvete” — exprime a finalidade associada a essa ação. Trata-se, portanto, de uma articulação intraoracional em que o conector aparece realizado na forma reduzida *pra*, introduzindo uma construção final reduzida de infinitivo.

Em (13b), o informante enuncia, no segmento antecedente, o desejo de visitar a China: “eu gostaria de uma vez de ir lá *pra* China”. Nesse caso, é importante notar que a sequência “*pra* China” não veicula valor final, mas locativo-direcional, uma vez que integra a regência do verbo de movimento *ir*. A relação de finalidade se estabelece apenas no segmento subsequente “ \emptyset conhecer as comida”, em que o conector *para* não é realizado. Assim, a ocorrência é relevante porque mostra que, embora haja presença de *pra* no enunciado, o valor final propriamente dito se manifesta na articulação intraoracional sem conector, ou seja, zero (\emptyset).

Em (13c), o informante descreve o processo de produção do salame. O segmento antecedente “tem que tirar a banha da carne” apresenta uma construção modal formada pela locução verbal *ter que* seguida de infinitivo, enquanto o segmento subsequente “ \emptyset fazer o salame” explicita a finalidade da ação anteriormente descrita. A relação final é, portanto, estabelecida no interior do período, sem realização formal do conector, o que configura uma construção final reduzida de infinitivo com \emptyset .

Em (13d), o informante avalia o que considera um uso inadequado do dinheiro: “não adianta pegar o dinheiro no fim do mês e gastar tudo”. A esse segmento antecedente articula-se o segmento introduzido por *pa* — “*pa* comer o mês inteiro” —, que expressa a finalidade projetada. Nesse exemplo, tanto o segmento antecedente quanto o segmento final se constroem com formas infinitivas, o que contribui para uma articulação sintaticamente mais integrada. Além disso, a presença de *para* na forma mais reduzida *pa* evidencia um grau mais avançado de erosão formal do conector, sem prejuízo da interpretação finalística.

Em outras palavras, na mesma configuração sintática, consideramos o dado de finalidade e descartamos o que configura outro sentido.

4.3.2 Dados que saem (restrições)

Foram descartadas da análise todas as ocorrências de *para* que não exprimiam sentido de finalidade ou que, no contexto de uso, desempenhavam outra função morfológica ou sintática. Essas restrições foram necessárias para assegurar o recorte do fenômeno analisado e garantir que os resultados refletissem exclusivamente a variação de *para* em contextos de finalidade. A seguir, explicitamos os principais tipos de dados descartados:

(14)

a. Verbo Parar (3ª pessoa do singular do Presente do Indicativo)

Exemplo: "Na sinaleira lá em Xaxim, todo mundo *para*, aqui ninguém *para*" (F2F1Ciclo7a14 – VMPOSC)

b. Valor de Opinião

Exemplo: "[...] eu, pelo menos *pra* mim, o objetivo maior, é criar os filhos..." (M2M+50 – VARSUL)

c. Deslocamento/ direção (Advérbios de Lugar e Topônimos) — função locativa/espacial da preposição.

Exemplo (Advérbio): "comprei uma chacinha mais *pra* lá..." (M1F1Ciclo+50 – VARSUL)

Exemplo (Topônimo): "...eles tinham uma casinha lá e venderam terra lá *pra* vir *pra* Chapecó..." (F1F1Ciclo25a49 – VARSUL).

Nesta proposição, há um dado considerado parte da amostra pela semântica finalística (*pra* ir) e, justaposto, um descarte que expressa topônimo (*pra* Chapecó).

d. Proximidade temporal em expressões idiomáticas relativas a horas.

Exemplo: "...de manhã já saio [oito], dez *pras* oito, saio de casa..." (F1F1Ciclo25a49 – VARSUL)

e. Regência Verbal: O conector é descartado quando cumpre a função de objeto indireto ou complemento preposicionado, sendo regido por um verbo.

Exemplo: "Inclusive eu posso mostrar a documentação *pra* senhora..." (M2F1Ciclo+50 – VARSUL)

f. Desistência do Falante: A variante *pra* é descartada quando o falante inicia uma sentença, mas a interrompe antes de completar o sentido, abandonando o discurso e reformulando a fala.

Exemplo: "*Foi *pra-* e eu sou descendente dele, e, hoje, estou estudando na Suíça..." (M2M25a49 – VARSUL)

g. Deslocamento Temporal (Referencial)

Exemplo: "eu acho que da época dos meus pais *pra* hoje em dia é uma diferença muito grande..." (F1S25a49 – VMPOSC)

h. Repetição: O conector é descartado quando se trata de uma repetição imediata da fala.

Exemplos: "...e acabei não tendo facilidade *pra ... pra...*" (F1S25a49 – VMPOSC)

"Olha, eu *pra-* *pra* ser franca, namorar sério mesmo..." (F2F1Ciclo25a49 – VARSUL)

i. Posição (Estático/Locativo): O conector é descartado quando indica uma posição estática de um objeto ou pessoa em relação a outro (sentido de defronte a).

Exemplo: "...Era o padre de costas *para* o povo, né?" (F4F1Ciclo+50 – VARSUL)

j. Como parte de pronome interrogativo de propósito

Exemplo: "E tanta tecnologia *pra* quê?..." (M2M+50 – VARSUL)

k. Comparação/ escala

Exemplo: "Tá de caótico *pra... pra* caótico..." (F2S25a49 – VMPOSC)

l. Busca por escolha ou direção.

Exemplo: "...eu tô pensando *pra* que lado eu vô..." (F1S25a49 – VMPOSC)

Encerrada a descrição do delineamento metodológico, que compreendeu a composição do *corpus*, os critérios de seleção e exclusão de dados, os procedimentos de transcrição e codificação, a definição das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas, bem como as etapas de tratamento e modelagem estatística, passamos ao capítulo de apresentação dos resultados e discussão desta pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentamos o tratamento qualitativo e quantitativo dos dados. O objetivo geral é apresentar e discutir os resultados da investigação sobre a variação no uso de *para* com valor final em contextos intra e interoracionais, com base em amostras da fala de informantes chapecoenses provenientes dos bancos de dados do VARSUL e do VMPOSC. Primeiramente, fizemos um levantamento da frequência geral das variantes de *para* nas amostras de fala coletadas. Na sequência, analisamos os condicionadores linguísticos, sociais e estilísticos seguidos das respectivas hipóteses formuladas. A seleção dessas variáveis independentes foi guiada pelo levantamento bibliográfico prévio (Capítulo 2), que identificou os condicionantes mais recorrentes e relevantes na literatura sobre o uso de *para* em contextos finalísticos do PB. Em seguida, comparamos os diferentes recortes temporais das amostras, de modo a identificar semelhanças, diferenças e possível mudança — ou estabilidade — no uso das variantes de *para* ao longo dos últimos 23 anos.

5.1 USOS DE *PARA* COM VALOR FINAL NA FALA CHAPECOENSE

No presente estudo, a variável dependente consiste na presença ou ausência do conector de finalidade em contextos intra e interoracionais nas amostras VARSUL e VMPOSC. Em outras palavras, esta variável é constituída pela oposição entre duas variantes: a presença do conector (que engloba as formas plena, reduzida e aglutinada) e a sua ausência (omissão). Embora a presença do item seja quantitativamente superior nas amostras, **elegemos a ausência como o valor de aplicação para fins de processamento estatístico**. Essa escolha permite analisar o fenômeno sob a ótica da inovação linguística, identificando os fatores que favorecem a ausência da preposição em detrimento de sua presença.

Diante dos dois conjuntos de amostras utilizadas, procedemos, inicialmente, a duas rodadas estatísticas separadas, uma para cada *corpus*. Para cada uma das variantes investigadas, o programa estatístico selecionou os grupos de fatores mais relevantes, permitindo identificar quais deles favorecem ($> 0,5$) ou desfavorecem ($< 0,5$) a aplicação de determinada variante. Assim, as duas amostras indicaram que:

(i) A presença de *para* tende a ser preservada em contextos de articulação final menos integrada, sobretudo em configurações sintáticas e prosódicas mais complexas, como contextos intraoracionais com maior densidade estrutural e ocorrências marcadas por pausa;

(ii) A ausência de *para* tende a ser favorecida em contextos de maior integração entre o segmento antecedente e o segmento final, bem como em configurações de menor complexidade estrutural, em sequências enumerativas e, mais recentemente, por condicionadores sociais específicos, como o gênero masculino.

Em conjunto, tais resultados reforçam a hipótese de que o sistema chapecoense se encontra em curso de mudança, caracterizado pelo avanço gradual das estratégias de redução e ausência de *para*, embora a presença do conector permaneça produtiva e resistente em determinados contextos estruturais, motivacionais/funcionais e sociais.

5.1.1 Análise formal das variantes de *para*: distribuição, redução e coalescência

5.1.1.1 Frequência geral: ausência *versus* presença

Os estudos anteriores convergem para a existência de um *continuum* de redução sistemática da forma plena *para*. Esse fenômeno manifesta-se desde a predominância de *pra* e *pa* na fala (Silva, 2010; Ferreira, 2014, 2018; Almeida; Oliveira, 2021) até processos de erosão registrada no Rio de Janeiro (Guilherme, 2018) e a quase total ausência de *para* em estruturas finais da fala de Vitória (Deoclécio, 2011). Dado que essa tendência se reflete inclusive na escrita formal (Ramos e Silva, 2022), a presente pesquisa parte da premissa de que a ausência da preposição representa o estágio final dessa trajetória de enfraquecimento. Portanto, **nossa expectativa é que, na fala chapecoense, a ausência da preposição constitua a variante mais recorrente**, superando as realizações fonéticas *pra* e *pa*, bem como a forma plena *para* cujo uso tenderá a ocorrer de modo residual. Em outras palavras, espera-se que o VARSUL e o VMPOSC apresentem um índice significativo de ausência de *para*, sinalizando que a cidade chapecoense pode estar avançando etapas no *continuum* de gramaticalização de *para*, com a ausência competindo de modo mais expressivo com a presença.

Do total de 40 entrevistas, extraíram-se todas as ocorrências de ausência e presença de *para* com valor final em contextos intra e interacionais. De modo geral, foram localizadas 1.370 ocorrências das variantes, sendo 996 no VARSUL e 374 no VMPOSC, apesar da assimetria entre as duas amostras, conforme comentado no Capítulo 4 (Metodologia).

A frequência geral dos dados encontra-se na Tabela 3:

Tabela 3: Frequência da ausência e da presença de *para* por *corpus*³²

<i>Corpus</i>	Ausência	Presença	Total
VARFUL	141	855	996
VMPOSC	55	319	374
Total	196 (14,3%)	1174 (85,7%)	1370

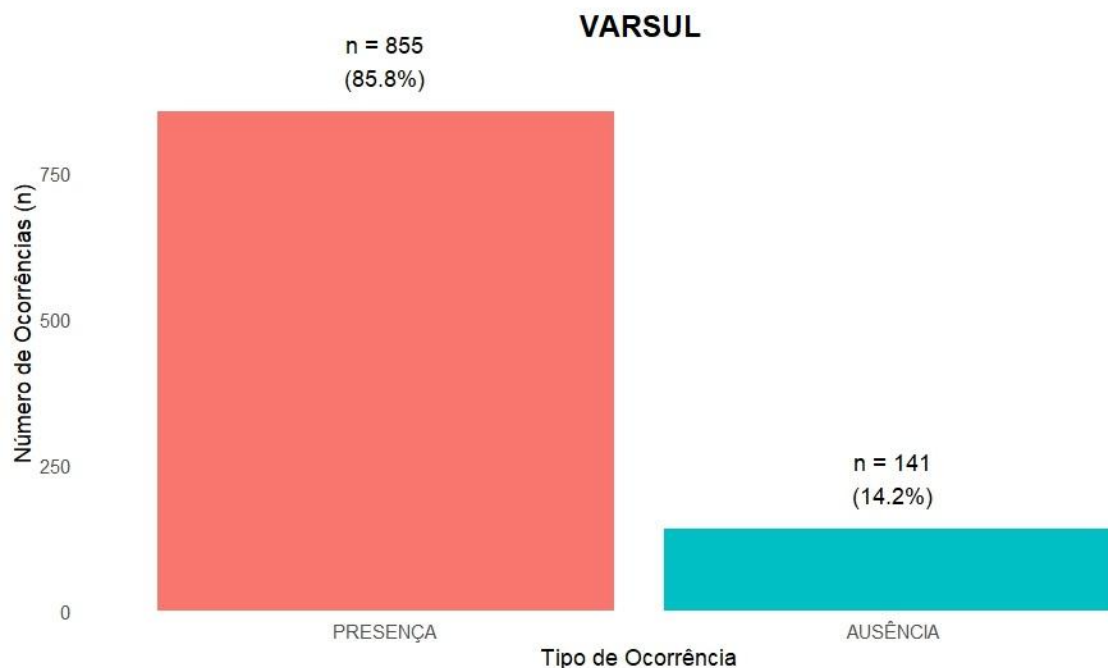
Fonte: elaborada pelo autor (2025)

Os resultados apresentados na Tabela 3 contrariam parcialmente a hipótese inicial de que a ausência de *para* seria a forma mais recorrente na fala chapecoense. A menor parte das ocorrências corresponde à ausência (196 casos) e a maior parte à presença do conector (1.174 casos) no VARFUL e no VMPOSC, o que representa, respectivamente, 14,3% e 85,7% do total. Esses números sinalizam que a ausência de *para* não se configura como variante produtiva nas duas amostras analisadas e que esse processo ainda não alcançou o estágio previsto na hipótese, mas se observa um quadro de competição estável no qual: (i) a ausência emerge como variante inovadora, porém restrita, ou seja, existe estabilidade proporcional entre as amostras, independentemente da diferença de tamanho; e (ii) a presença do conector (*para, pra, pro, pa, etc.*) continua sendo a forma mais frequente.

Em síntese, os resultados indicam que a ausência de *para* é uma variante em uso na fala chapecoense sem substituir a presença da forma e configura-se como variante de baixa frequência, porém significativa, coerente com um estágio intermediário de mudança linguística.

A seguir, são apresentadas hipóteses específicas para cada amostra (VARFUL e VMPOSC), formuladas com base no comportamento esperado das variantes ausência e presença de *para*. Tais expectativas alinham-se tanto aos estudos anteriores quanto à natureza sociolinguística dos *corpora*. Complementarmente os Gráficos 1 e 2 reúnem a distribuição das ocorrências de *para* por condição (ausência vs. presença) em cada uma das amostras:

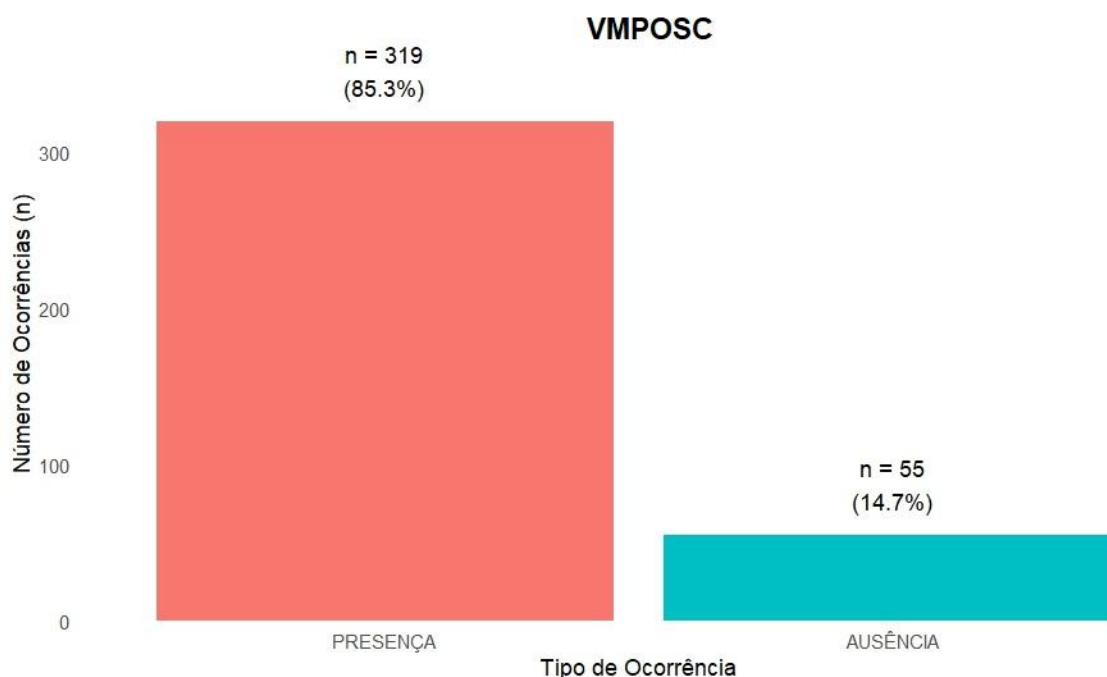
³² O teste do qui-quadrado aplicado indicou ausência de efeito estatístico da variável *corpus* sobre a distribuição entre presença e ausência de *para* ($\chi^2 = 0,0296$; $p = 0,8634$), evidenciando que as proporções observadas nos dois conjuntos de dados não diferem de maneira significativa.

Gráfico 1: Frequência da ausência e da presença de *para* - VARSUL

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

No Gráfico 1, do total de 24 entrevistas, observa-se que o fenômeno variável está ativo, mas a hipótese de frequência de ausência de *para* não se confirma plenamente no VARSUL. Observa-se predomínio da presença do conector nas entrevistas de Chapecó: 855 ocorrências (85,8% da amostra); ao passo que a ausência do conector registrou menor frequência: 141 ocorrências (14,2% da amostra). Esse resultado indica que, nas entrevistas do VARSUL, a presença de *para* continua sendo a opção canônica para codificar e marcar finalidade em contextos intra e interacionais. Ainda assim, contudo, é possível indicar que a variante ausência é uma das marcas finalísticas, sinalizando o que pode ser o início de um processo inovador na amostra do VARSUL.

Passamos, então, aos resultados do VMPOSC para verificar se o padrão de ausência *versus* presença de *para* se reproduz ou apresenta um perfil distinto nesta amostra chapecoense.

Gráfico 2 – Frequência da ausência e da presença de *para* - VMPOSC

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

No Gráfico 2, do total de 16 entrevistas, o padrão geral de uso manteve-se semelhante aos resultados da amostra do VARSUL, com a indicação de um processo variável em curso na fala dos informantes chapecoenses. A ausência equivale a 14,7% (N = 55 ocorrências), enquanto a presença do conector com valor final em contextos intra e interacionais é predominante: 85,3% (N= 319 ocorrências). Esse resultado revela que a variante ausência já circula de forma consistente na fala dos informantes de Chapecó, apesar da predominância da variante presença de *para*.

Comparativamente, os dois gráficos revelam um quadro de notável estabilidade: tanto no VARSUL quanto no VMPOSC, a ausência mantém-se como variante de menor frequência, porém sistemática (14,2% vs. 14,7%). Em contrapartida, a presença de *para* é favorecida, apresentando índices quase idênticos em ambas as amostras (85,8% vs. 85,3%). Apesar das diferenças de tamanho entre as amostras, as proporções praticamente coincidem, o que sugere que, nas duas bases, a ausência do conector já se revela como opção recorrente na fala chapecoense.

5.1.1.2 O *continuum* de erosão fonológica (para > pra > pa)

Os estudos variacionistas e sociofuncionalistas apontam que *para* percorre um *continuum* de simplificação morfofonológica, que envolve dois mecanismos centrais: **síncope** (supressão de um fonema no interior de uma palavra, neste caso uma vogal átona medial, modificando a estrutura silábica de CCV (consoante + consoante + vogal) para CV (consoante + vogal) gerando *pa*) e **erosão fonética** (redução progressiva do morfema *e*, conseqüentemente, do fonema, incluindo perda da vibrante /r/, gerando *pa* e, em último estágio, zero). Esse percurso, atestado por Lucena (2006) e mencionado por Ferreira (2018) e Guilherme (2018), integra um processo mais amplo de gramaticalização, no qual itens altamente frequentes tendem a perder substância fônica sem perda de valor funcional. A redução de *para* a *pra* também é um registro já destacado por Rocha Lima (2000) apontando seu uso comum na fala e por escritores.

Observa-se, a seguir, uma ocorrência que ilustra esse fenômeno:

(15) “...aí uns anos depois acabou surgindo ... acabei fazendo a minha primeira tatuagem enfim e uns anos depois surgiu a oportunidade de ... *pra* trabalhar junto com o Rafa né que foi o guri que fez as minhas tatuagens né até então... e *para* ele ver os meus desenhos enfim ... (M2S25a49 - VMPOSC)

Em (15), a síncope da vogal átona /a/, resultando na forma erodida "*pra* trabalhar" (proposição final reduzida de infinitivo), ilustra a tendência em simplificar itens de alta frequência, ao passo que a forma plena "*para* ele ver" (antecedendo uma construção com sujeito expresso “ele”) ilustra a propensão do falante em preservar a forma completa do conector em oração adverbial final reduzida de infinitivo, todavia com sujeito “ele” expresso.

Tomando como referência os estudos anteriores, formulamos a hipótese de que a fala chapecoense avançou nesse *continuum*, deslocando-se gradualmente da presença da forma plena (*para*) passando pelas variantes mais erodidas (*pra*, *pa*) até a sua ausência (Ø) em contextos intra e interoracionais. Assim, espera-se que o VARSUL (1990) apresente um estágio intermediário — com *pra* predominante e *pa* emergente — e que o VMPOSC (2014) reflita um estado ainda mais avançado, com redução do uso de *para* e fortalecimento de *pra* e Ø.

Para testar essa hipótese, a variável foi estruturada em quatro níveis:

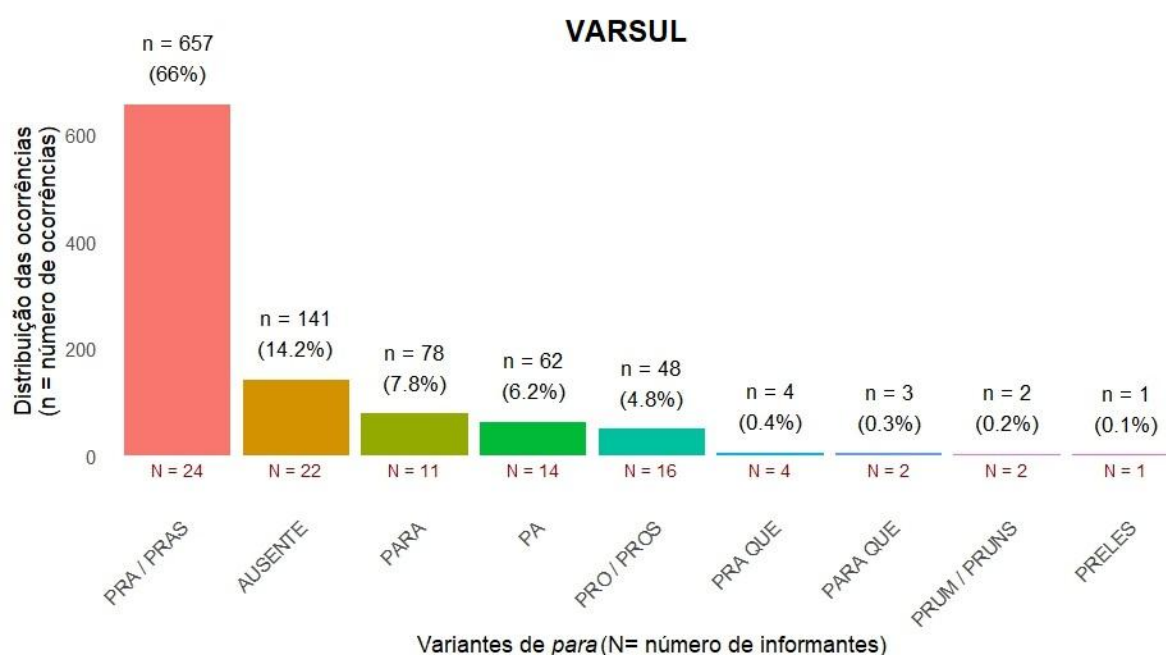
- Forma plena: *para*.
- Forma reduzida I: *pra* (com síncope da vogal /a/).
- Forma reduzida II: *pa* (com síncope da vibrante /r/ em estágio mais avançado).
- Forma zero: \emptyset (ausência do conector).

Assim, espera-se que a forma *pra* se constitua como a variante prototípica mais frequente nos *corpora* de Chapecó, uma vez que o processo de erosão fonética impulsiona a retração da forma plena *para* e o aumento da forma zero, sem que a variante intermediária *pa* alcance consolidação significativa na região.

5.1.1.2.1 Análise da variação e evidências

Para fornecer uma visão imediata da distribuição total, todas as variantes de *para* (plena, reduzidas, aglutinadas e zero) foram consolidadas nos Gráficos 3 e 4, mas a análise subsequente foi conduzida de forma segmentada, explorando as formas por meio de confrontos específicos (i. plena vs. reduzidas vs. zero; e ii. plena vs. aglutinadas vs. zero), a fim de examinar as forças que regem a variação de *para* nas duas amostras.

Gráfico 3 – Distribuição das variantes - VARSUL



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Primeiramente, vamos concentrar nossa atenção nos resultados do Gráfico 3, que permitem observar o contraste entre a forma plena, suas formas reduzidas e a forma zero. A distribuição percentual revela que a ausência da preposição *para* ocupa a segunda posição em Chapecó, com 14,2% (141 tokens). Esse dado confirma que o uso do conector em sua forma reduzida (*pra*, *pro*, *prum*, *preles*, *pa*, etc.) é um processo altamente produtivo na fala chapecoense registrada pelo VARSUL, consolidando-se ao lado da variante plena como uma marca característica da região.

Dentre as variantes da forma reduzida, *pra* apresenta-se como a massivamente preferida, correspondendo a 66% das ocorrências (657 tokens) e sendo produzida por todos os informantes. Já a forma *pa*, embora empregada por 14 informantes, mantém-se residual, com 6,2% das ocorrências (62 tokens). A forma plena *para*, por sua vez, com 7,8% (78 tokens produzidos por 11 informantes), o que mostra retração significativa, compatível com o avanço das formas reduzidas.

O detalhamento do gráfico evidencia que a preposição *para* se distribui pelo seguinte *continuum* de redução fonológica:

$$para > pra > pa > \emptyset$$

Dentro desse *continuum*, *pra* representa a etapa mais estável e produtiva da redução, funcionando como variável de intermediária na formação de outras estruturas, inclusive aglutinadas. A forma *pa*, embora seja formalmente uma redução de maior erosão, não adquiriu vitalidade suficiente para concorrer com *pra*, permanecendo como forma marginal e pouco sistemática.

A frequência de *para* (7,8%) confirma a tendência já descrita em estudos da língua falada no Sul: a forma plena aparece principalmente em contextos monitorados ou estilisticamente mais formais. No *corpus* analisado, a baixa produtividade da forma plena indica preferência por estruturas mais curtas e foneticamente econômicas, o que é coerente com processos típicos de gramaticalização e redução. Vejamos um exemplo de cada uma das formas:

(16) a. E começaram dar cursos, curso *pra* gestante, curso *pra* mães, né? (F1Ciclo+50 VARSUL)

b. Nós que somos pequenos comerciantes, nós chegamos lá \emptyset cobrar uma conta, demora dois, três anos. (M2F1Ciclo+50 VARSUL)

c. [...] e daí o nosso trabalho era assim, né? por exemplo, ir nos bairros Ø iniciar um trabalho tanto de igreja como de assistente social, né? (F1F1Ciclo+50 VARSUL)

d. Eu sei dizer que eu lutei três anos *para* poder (pausa) conseguir o bendito certificado. (M1M+50 VARSUL)

e. Eu não tenho nada em mão, eu não tenho poder nenhum, eu não tenho nem uma pá. Uma pá *pa* tampar um buraco, eu não tenho. Eu só levo o conhecimento [...] (M2F1Ciclo+50 VARSUL)

f. Ele (o pai) fazia muitas ferramentas agrícolas: carroças, arados, ele fazia, assim, coisas *pra* (pausa) *pros* agricultores trabalhar. (F1M25a49 VARSUL)

g. Poderia se dar o alemão (ensino de língua) para os de origem alemã *pra que* isso não seja esquecido. (F1M25a49 VARSUL)

h. Ninguém mais, assim, faz grandes plantações como se fazia antigamente, *para* (pausa) *que* seja vendido. (F1M25a49 VARSUL)

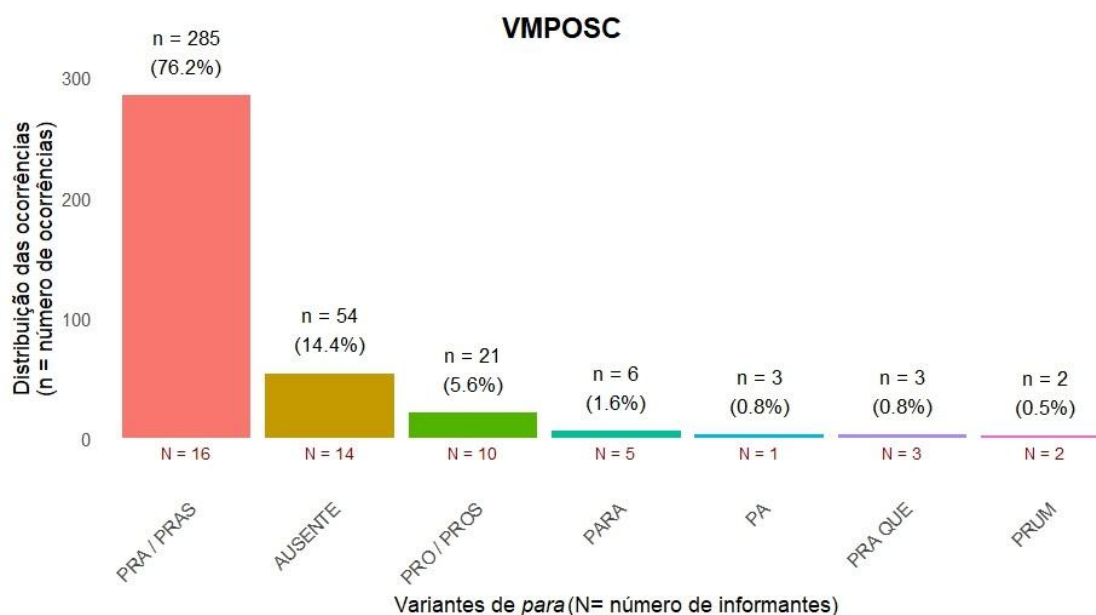
i. Aí é uma coisa que é típica (prato típico), é claro que é *pra* angariar fundos *prum* clube. (M1M25a49 VARSUL)

j. [...] tinha vezes que iam lá e roubavam galinha, né? a título de roubar, porque é tudo colono, tinha só *pa* roubar, *preles* chegar em algum lugar e fazer uma janta. (M1M25a49 VARSUL)

Portanto, os resultados confirmam integralmente a hipótese, evidenciando a expansão de *pra*, a retração da forma plena *para* e a baixa produtividade de *pa*, reforçando o papel da erosão fonética na preferência pela forma reduzida dominante nos dados do VARSUL.

Vejamos no Gráfico 4 o comportamento específico da forma plena em comparação às formas reduzidas e à forma zero de *para* na amostra do VMPOSC:

Gráfico 4 – Distribuição das variantes - VMPOSC



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O Gráfico 4 evidencia a mesma tendência observada nos resultados da amostra do VARSUL: a ocorrência da variante zero, a supremacia das formas reduzidas e a baixa frequência da forma plena na fala chapecoense do VMPOSC. A distribuição percentual confirma a variante ausência da preposição em contextos intra e interoracionais, ocupando a segunda posição com 14.4% em Chapecó (54 *tokens*). Contudo, a variante presença do conector sob formas reduzidas (*pra/pras*; *pro/pros*; *prum*; e *pa*) manteve-se como a variante mais frequente, reiterando a produtividade desse fenômeno.

Dentre as variantes da forma reduzida, *pra* apresenta-se em 16 entrevistas, alcançando 76,2 % das ocorrências (285 *tokens*). Já a forma *pa*, embora presente, mantém-se residual, com 0,8% das ocorrências (3 *tokens*). Assim como no VARSUL, *pa* não alcança estabilidade: permanece residual, eventual e limitada a poucos falantes. A forma plena *para*, por sua vez, com 1,6% (6 ocorrências produzidas por apenas 5 falantes) confirma a retração como na amostra do VARSUL. Essa distribuição confirma que a variante ausência do conector também se configura como um processo ativo na variedade chapecoense, evidenciando a preferência pela redução na fala local e o crescimento de sua frequência em relação aos dados do VARSUL.

Vejamos alguns exemplos:

(17) a. Assim, o meu tio ele veio *pra* morar só que ele não quis morar. (M1F1Ciclo7a14 VMPOSC)

b. Um ano novo passado foi legal porque a gente passou m Passo Fundo... tinha champanha *pra* criança, comida. (M1F1Ciclo7a14 VMPOSC)

c. O Goio-Ên... fizeram uma espécie de praia *pras* pessoas poder ir e é bem bonita a vista que tem lá de cima, tem uns restaurantes legais que a gente fica Ø comer peixe e olhar a vista. (F2F2Ciclo7a14 VMPOSC)

d. No domingo nós saímos *pa* dar uma volta... (pausa) de carro, Ø jogar bola, Ø andar de bicicleta, Ø jogar vídeo game. (M2F1Ciclo7a14 VMPOSC)

e. A gente se reunia aqui (casa de infância) Ø passar o Natal e o Ano Novo.

f. Às vezes é intenso (o trânsito), tem as horas de ...são mais movimentadas, meio dia que as pessoas vêm *pro* almoço, de manhã, lá pelas sete, oito da manhã, que as pessoas vêm *pro* trabalho [...] (F2F2Ciclo7a14 VMPOSC)

g. Sobre o ensino no Brasil: fraco, muito fraco. Porque governo não dá a bola *pros* estudos, estudos e quer que as pessoas sejam burras e vão atrás deles sempre. (F1M15a24 VMPOSC)

h. [...] eles (diretores da escola) só podem me tirar ou no caso o professor efetivo voltar, *pra que* seja botado naquela vaga, ou que a vaga se extinga [...] a gente vai fazer vários movimentos durante o ano, e já que o governo não vai mudar em opinião em relação a algumas questões, aí que são direitos nosso, não tamos lutando *para* ampliar direito, *pra* ter [...] (M1S25a49 VMPOSC)

i. [...] fogão a lenha a gente tinha em casa, mas usava só no inverno e fazia mais coisas assim (pausa) *prum...prum* jantar em família, *pra* alguma coisa em fim de semana, até porque era mais trabalhoso corta lenha. (F1S25a49 VMPOSC)

Em síntese, o aumento da **ausência do conector** é o dado central que confirma a hipótese desta pesquisa: a fala chapecoense apresenta um estágio avançado de erosão fonológica. Ao comparar o VMPOSC (2014) com o VARSUL (1990) — este último interpretado como um estágio intermediário —, observa-se que o sistema evoluiu em direção a variantes mais erodidas. Esse quadro é ratificado não apenas pelo crescimento da variante ausência, mas também pelo fortalecimento de *pra* (76,2%), pela retração da forma plena *para* (1,6%) e pela presença residual de *pa* (0,8%).

5.1.1.3 Coalescência e fusão morfológica

A coalescência é o processo de fusão ou junção de elementos linguísticos contíguos, como palavras ou sons, que, originalmente, constituíam unidades independentes, formando um novo item ou uma nova estrutura fonológica e morfológicamente integrada.

Na descrição das gramáticas e nos estudos linguísticos, a coalescência é amplamente reconhecida como um dos principais mecanismos de redução e reanálise morfofonológica envolvendo a preposição *para*. Bechara (2009) destaca que formas como *pra*, *pro(s)* e *pra(s)* configuram variantes legítimas do uso, resultantes tanto de erosão e síncope em posição átona (*para* → *pra*; *pra* → *pa*) quanto de cliticização e coalescência por sândi, especialmente em sequências com artigos (*para* + *o* → *pro*; *para* + *a* → *pra*; *pros/pras*). Bagno (2012) reforça essa interpretação ao descrever a trajetória de erosão (*para* → *pra* → *pa*) e os processos de fusão com itens subsequentes, indicando que tais realizações não comprometem o valor semântico-finalístico do conector. No âmbito dos estudos funcionalistas, Guilherme (2018) demonstra que a preposição *para* no Rio de Janeiro percorre um *continuum* de gramaticalização caracterizado por redução fonética e intensa coalescência com artigos e pronomes, documentando formas como *pro*, *p'o* e *p'cê*. Em conjunto, esses autores convergem na interpretação de que a coalescência de *para* constitui um fenômeno sistemático e produtivo no PB contemporâneo, articulando erosão fonética, fusão morfológica e reanálise gramatical.

A fala dos informantes do VMPOSC ilustra esse processo de coalescência de *para*. Em um dos trechos, o entrevistador questiona o entrevistado sobre a dinâmica das relações de vizinhança durante sua infância:

(18) É, uma vizinhança rotativa, bem isso, mas claro que tinha sempre os de sempre, tinha. Era um pessoal que a gente sempre brincava ali na rua né. Era uma rua movimentada durante o dia, mas depois do horário comercial assim era bem tranquilo, né? E depois a gente mudou *pro* Presidente Médice, né? (M2S25a49 - VMPOSC)

Em (18), ao narrar sua mudança de domicílio, o entrevistado produz a forma coalescida *pro* em “[...] *pro* Presidente Médice, né?”, resultado da fusão entre a preposição *para* e o artigo definido masculino *o*. Esse tipo de forma segue o padrão descrito por Guilherme (2018), que identifica expressões como “vou *pra* casa”, “levar *pro* campo” e “falar *p'o* meu irmão” como exemplos prototípicos de coalescência envolvendo *para*. Assim, a

fusão não apenas reduz o material fonético, mas também otimiza a fluidez prosódica no encadeamento sintático entre a regência verbal e o complemento nominal.

Para o controle da variável coalescência, foram consideradas a forma plena, as principais formas aglutinadas resultantes da fusão entre *para* e o elemento subsequente e a forma zero, a saber³³:

- forma plena: *para*
- formas coalescentes: *pra(s) > (para + a (s)); pro(s) > (para + o (s)); prum(ns) > (para + um (ns)); prele(s) > (para + ele(s))*
- forma zero: \emptyset

No caso de *para*, a coalescência manifesta-se na fusão da preposição *para* com o termo seguinte, como demonstrativos, pronomes e artigos, produzindo as formas exemplificadas acima. Convém alertar que nem todas as formas reduzidas devem ser automaticamente classificadas como casos de coalescência. As formas *pra* e *pa* podem resultar, em muitos contextos, apenas de redução fonética de *para*, sem fusão morfológica com o elemento subsequente; somente em contextos específicos *pra* pode assumir valor coalescente. Por exemplo, em *vou pra casa*, a forma *pra* funciona como simples redução, pois não há artigo entre a preposição e o substantivo. Em contraste, em *levar pro campo*, observa-se efetivamente a coalescência, pois *pro* deriva da fusão entre *para* e o artigo *o*. O mesmo raciocínio aplica-se às aglutinações envolvendo o artigo feminino. Em construções como *vou pra escola estudar* ou *trouxe o material pra aula*, a forma superficial *pra* corresponde à fusão de *para + a*, ainda que o artigo feminino seja apagado fonologicamente. Nesse caso, a estrutura subjacente revela coalescência, e não mera redução, pois o artigo está incorporado à preposição. Assim, somente as formas como *pro*, *pros*, *prum*, *pruns* e *prele* e os contextos de *pra* derivado de *para + a* constituem, de fato, aglutinações, pois derivam da fusão entre *para* e artigos ou pronomes subsequentes.

Tendo isso em vista e tomando como referência as descrições gramaticais e literatura consultada, que apontam a coalescência como mecanismo sistemático de redução e reanálise da preposição *para* no PB, nossa hipótese é que a fala chapecoense acompanha esse contínuo de mudança, avançando progressivamente nos processos de erosão fonética e fusão

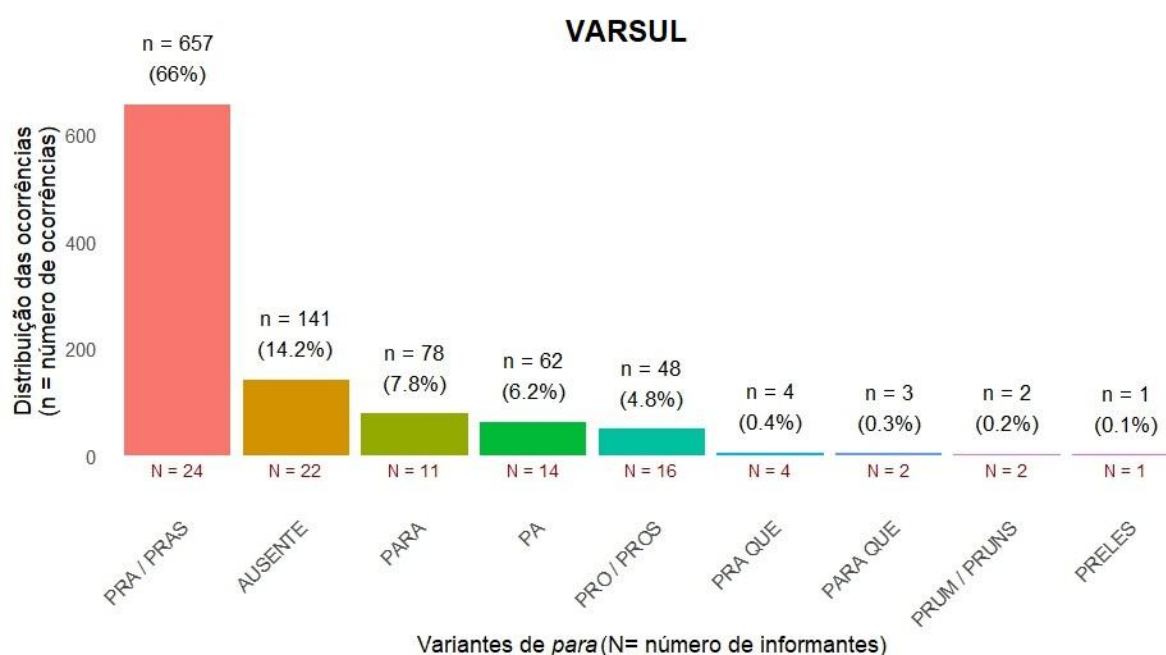
³³ Existem outros resultados de gramaticalização por coalescência como *pruma (s) (para + uma(s))*, *prela(s) (para + ela(s))*, *praquela(s) (para + aquela(s))* etc. No entanto, nenhuma destas ocorrências foram observadas em nossa amostra. Algumas sentenças com o processo de coalescência podem ser constatadas nos exemplos anteriores em (18) e (19).

morfofossintática. Assim, espera-se que o VARSUL (1990) represente um estágio intermediário desse percurso — no qual a forma plena *para* ainda mantém alguma produtividade, enquanto formas coalescentes como *pro/pros* emergem, mas sem predominar — ao passo que o VMPOSC (2014) tenda a refletir um estágio mais avançado, marcado pela retração acentuada da forma plena e pela maior frequência das formas aglutinadas (*pro*, *pros*, *prum*). Partimos do pressuposto de que a coalescência, por ser favorecida em expressões de alta frequência e uso automatizado, tende a se intensificar ao longo do tempo, consolidando-se como alternativa preferencial na fala espontânea.

5.1.1.3.1 Análise da coalescência e evidências

Ressalta-se que a apresentação dos Gráficos 3 e 4 foi conduzida de forma segmentada. A partir deste ponto, passamos a confrontar a **variante** ausência com a presença representada pelas formas do paradigma (plena e reduzidas/aglutinadas) a fim de examinar as pressões que regem a variação de *para* em ambas as amostras. Para facilitar o acompanhamento da análise, o Gráfico 5 é reproduzido a seguir:

Gráfico 5 – Distribuição das variantes - VARSUL



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Os resultados do Gráfico 5 revelam que a ausência da preposição já é um fenômeno estabelecido na fala chapecoense, apresentando uma frequência que, embora minoritária, supera o conjunto das formas coalescentes. Nas entrevistas do VARSUL, a variante ausência registrou 14,2% das ocorrências, consolidando-se como uma estratégia sistemática de simplificação à frente das formas coalescidas como *pro/pros*, *prum* e *preles*, que somam apenas 5,1%. Esse dado sugere que o sistema prefere a ausência ou a redução (*pra*, com 66%) à manutenção de aglutinações complexas. Estas últimas, como *prum/pruns* (0,2%) e *preles* (0,1%), ocorrem de forma pontual e idiossincrática, muitas vezes restritas a uma única ocorrência por informante. Assim, a ausência do conector desenha-se como um estágio de erosão mais produtivo do que a própria aglutinação morfológica na amostra analisada.

Abaixo, apresentam-se dois exemplos que ilustram a variação discutida.

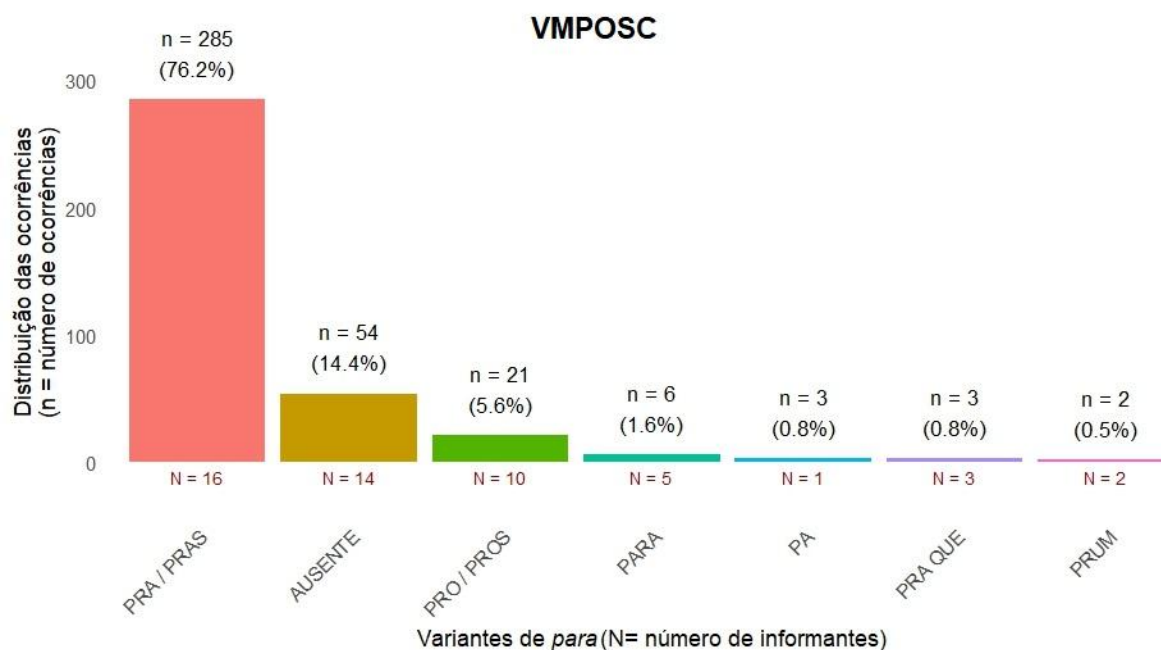
(19) a. [...] nós temo um galpãozinho aí e nós fizemo janta *pros* amigos e (pausa) da família, né? mais. (M2F2Ciclo25a49 VARSUL)

b. [...] eram os burros que eles tinha lá, que eles trabalhava (pausa) *pruns* que tinham uma granja lá fora. (F3F1Ciclo+50 VARSUL)

Portanto, no caso do VARSUL, a hipótese é confirmada, pois os resultados mostram um estágio intermediário da mudança: a ausência da preposição já se manifesta de modo sistemático, embora ainda não o domine. Nesse cenário, a variante ausência coexiste com a forma plena, que permanece funcional, demonstrando que a trajetória de erosão fonológica está em pleno curso, mas ainda não atingiu o estágio de ausência generalizada.

Passamos agora aos resultados do VMPOSC, apresentando novamente o Gráfico 6.

Gráfico 6 – Distribuição das variantes - VMPOSC



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O Gráfico 6 revela um cenário claro de avanço no processo de erosão da preposição *para* na fala chapecoense contemporânea, consolidando a ausência da forma como um índice altamente expressivo. Esse estágio avançado de mudança é evidenciado, primeiramente, pela retração da forma plena *para*, que aparece com apenas 1,6% das ocorrências (6 *tokens* distribuídos entre 5 informantes), indicando o enfraquecimento do uso não erodido da preposição no VMPOSC.

Nesse contexto de esvaziamento da forma plena, a ausência da preposição destaca-se como o desdobramento mais radical do *continuum* de erosão fonológica. Ao confrontarmos a ausência com as variantes preenchidas, observamos que aquela já supera amplamente a forma plena, revelando que o sistema tende à ausência do conector. Esse avanço da variante ausência sugere que a fala chapecoense ultrapassou o estágio de mera redução fonética, caminhando para uma reconfiguração sintática na qual o preenchimento da preposição torna-se facultativo ou dispensável em diversos contextos.

As formas aglutinadas, embora apresentem vitalidade e também superem a forma plena, situam-se em um patamar de produtividade (6,1%) inferior ao movimento de ausência. Dentro do grupo das aglutinações, as formas *pro/pros* (5,6%) e *prum* (0,5%) confirmam que a coalescência ocorre preferencialmente com artigos masculinos. Entretanto, o fortalecimento dessas variantes é, em última análise, um passo intermediário que reforça a trajetória de erosão

que culmina na ausência. Enquanto no VARSUL as aglutinações ainda eram menos frequentes que a forma plena, no VMPOSC ocorre o oposto, sinalizando que a resistência do paradigma preenchido cedeu espaço à simplificação. Seguem abaixo exemplos do grupo das aglutinações no VMPOSC:

(20) a. Eu mudaria muita coisa, ah, mas acredito que tipo as escolhas que eu fiz, todas foram válidas *pro* meu crescimento. (M1S15a24 VMPOSC)

b. Eu acho um absurdo que os prefeitos, governadores e presidentes deveriam investir mais dinheiro em policiais, em segurança *pros* habitantes [...] (F2F2Ciclo7a14 VMPOSC)

Em síntese, os dados do VMPOSC revelam uma forte retração de *para*, o fortalecimento das formas coalescentes e, acima de tudo, a consolidação da ausência como marca de um estágio avançado no processo de gramaticalização. Esse cenário confirma que a amostra contemporânea representa o ponto mais extremo do *continuum* de erosão e fusão registrado nesta pesquisa, no qual a variante ausência emerge como peça-chave da reconfiguração pronominal e preposicional do PB.

5.2 RESULTADOS DA ANÁLISE DE REGRESSÃO LOGÍSTICA

Como informado, a fim de apurarmos os resultados relevantes de nossa amostra, empregamos a modelagem estatística GLM (Modo Linear Generalizado) implementados no ambiente R (pacote lme4; Bates *et al.*, 2015). A análise incorpora efeitos fixos (variáveis cujas estimativas quantificam o efeito médio de seus níveis específicos sobre a resposta) e o pacote GLMM (Modelo Linear Misto Generalizado) para efeitos aleatórios (variáveis categóricas que modelam a estrutura de correlação e a variação não explicada entre os grupos ou indivíduos, em outras palavras, considera o aumento ou diminuição da amostra, considerando a idiosincrasia do falante). Este procedimento, tipicamente realizado em modelos hierárquicos, retorna estimativas mais robustas ao controlar a variação inerente aos indivíduos (ou outras unidades de agrupamento). A modelagem acusou instabilidade nos valores, sugerindo cenário de quase-separação ou separação total dos dados, o que compromete a relevância estatística da análise, por este motivo foi aplicado o Método de Firth para corrigir valores muito elevados

e/ou desvios-padrão muito altos. O método tem a capacidade de adicionar um termo de penalização à função de verossimilhança e evitar que os coeficientes tendam ao infinito.

É mister mencionar que há uma limitação do modelo em relação a ocorrências com incidência muito baixa, pois o cálculo da relevância estatística e a convergência do modelo tornam-se inviáveis. Por essa razão, as ocorrências de baixa incidência são agrupadas em uma nova categoria mista.

Transformando a teoria em dados reais de nossa amostra, foi criado o ambiente binário: ausência *versus* presença do conector em contextos intra e interoracionais. Se considerássemos cada variante da forma de ausência do conector, o cálculo de relevância estatística se tornaria inviável pela baixa incidência neste momento. Realizamos, então, duas rodadas, uma em cada banco de dados, controlando:

a) variáveis linguísticas: presença ou ausência de pausa, domínio de articulação do valor final (intraoracional ou interoracional); configuração do segmento antecedente; configuração do segmento introduzido por *para*; configuração sintática da articulação final; correferencialidade dos sujeitos; correferencialidade dos sujeitos.

b) variáveis sociais: sexo, faixa etária e nível de escolaridade; e

c) variáveis estilísticas: estilo formal e casual

Primeiramente selecionamos a amostra de dados do VARSUL como primeira rodada de análise. Os resultados mais relevantes só foram possíveis de analisar no momento em que a modelagem estatística agrupou variáveis por categorias mais amplas. Nesse processo, foram reunidas as categorias referentes à configuração do segmento antecedente e do segmento introduzido por *para*, incluindo formas verbais de baixa frequência, em diferentes modos e tempos, bem como os níveis de escolaridade em um grupo residual denominado “outros” (ginásio e colegial no VARSUL; ensino fundamental II, ensino médio e ensino superior no VMPOSC) e ainda os estilos de fala de baixa frequência, agrupados na categoria “outras casuais” (infância e tangente).

Depois, examinamos a razão de chance da ausência ou da presença do conector *para* com valor final de acordo com os grupos variáveis expostos na Tabela 4 e sintetizados no Gráfico 7. A execução do modelo estatístico permitiu identificar a significância dos fatores, indicada por asteriscos, que correspondem a diferentes faixas de *p*-valor (* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$). Na coluna *estimate* (coeficiente *logit*), valores positivos indicam que o fator favorece a aplicação da regra variável, ao passo que valores negativos indicam que o fator desfavorece a presença da variante analisada. Essa interpretação conjunta dos coeficientes e

dos níveis de significância fornece a base empírica para a análise dos condicionamentos internos e externos ao fenômeno em estudo.

Tabela 4 - Análise de regressão logística dos efeitos mistos - VARSUL

Intercept 1.448³⁴					
Variável	Coefficiente (Logit)	Desvio Padrão	Odds Ratio (OR)	p-valor	Significância
Variáveis linguísticas					
Configuração do segmento antecedente: forma reduzida de infinitivo	-0.688	0.208	0.503	1.29e-03	**
Configuração do segmento antecedente: outras configurações	-0.138	0.371	0.871	0.716	
Configuração do segmento introduzido por <i>para</i> : outras configurações	1.639	0.364	5.150	8.63e-08	***
Presença de pausa	0.760	0.393	2.138	0.0380	*
Configuração da articulação final: sequência enumerativa	-0.775	0.208	0.461	3.09e-04	***
Sujeitos não correferenciais	0.526	0.458	1.691	0.230	
Variáveis sociais					
Gênero: Masculino	0.131	0.206	1.140	0.529	
Faixa Etária: 50 anos ou mais	-0.016	0.203	0.984	0.937	
Escolaridade: Outros	-0.001	0.214	0.999	0.996	

³⁴ O Intercepto (ou *Baseline*) representa o ponto de referência central de toda a análise estatística. Ele é o primeiro coeficiente (β_0) calculado pelo modelo e corresponde à chance inicial (*log-odds*) de ocorrência da variável dependente — ou seja, a presença ou ausência do conector — quando todas as variáveis preditoras (os efeitos fixos, como sexo, idade, pausa, etc.) estão em seus respectivos níveis de referência (ou *Baseline*). São chamados níveis de referência as categorias de maior volume quantitativo (gênero feminino, oração principal desenvolvida de indicativo, ausência de pausa etc.) dentro das variáveis, elas se localizam no *Baseline*.

Variáveis estilísticas					
Estilo: Formal	0.727	0.229	2.068	1.52e-03	**
Estilo: Outras casuais	0.312	0.227	1.366	0.171	

Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

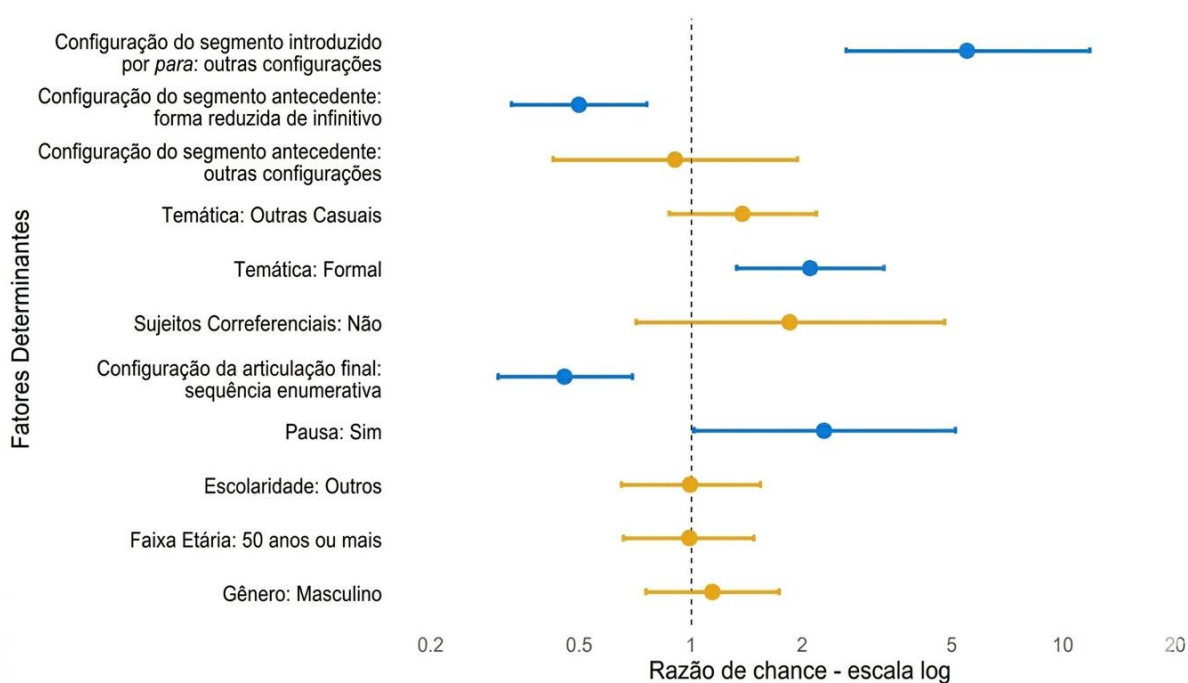
A análise dos coeficientes logísticos apresentados, na Tabela 4, permite identificar, de maneira direta, o sentido do efeito exercido por cada fator selecionado pelo modelo. No caso do VARSUL, observam-se dois fatores linguísticos se mostram favorecedores da presença de *para*: a configuração do segmento introduzido por *para* em outras configurações e pausa. O primeiro condicionador apresenta o coeficiente positivo mais elevado (1,639), configurando-se como o contexto que mais favorece a presença do conector finalístico. Esse resultado indica que segmentos introduzidos por *para* em estruturas mais complexas e menos reduzidas aumentam a probabilidade de presença de *para*. O segundo condicionador também exibe coeficiente positivo (0,760), sugerindo que a presença de pausa cria um ambiente prosódico que estimula a manutenção do conector, ainda que parte da literatura previsse o efeito oposto. O fator estilístico temática formal apresenta coeficiente positivo relevante (0,727), indicando que estilos mais monitorados favorecem a presença do conector, em consonância com modelos variacionistas baseados em grau de monitoramento estilístico.

Por outro lado, é sobretudo no conjunto dos fatores com coeficientes negativos que se evidenciam a ausência de *para*. Nesse domínio, destacam-se a configuração do segmento antecedente: reduzida de infinitivo (coeficiente = -0,688) e a configuração da articulação final: enumeração (coeficiente = -0,775). Em termos interpretativos, isso significa que tais contextos reduzem a probabilidade de realização explícita do conector e, por consequência, aumentam a propensão à sua ausência. No primeiro caso, a maior integração sintática entre o segmento antecedente e o segmento final favorece a economia estrutural e torna o conector menos necessário do ponto de vista formal. No segundo, a fluidez discursiva própria das sequências enumerativas parece licenciar com maior facilidade o apagamento, já que a relação de finalidade pode ser recuperada inferencialmente pelo encadeamento do discurso. Assim, mais do que simples contextos desfavoráveis à presença, esses fatores se configuram como ambientes particularmente propícios à ausência de *para*. Em síntese, os resultados do VARSUL mostram que a variação de *para* em contextos finais intra e interoracionais é condicionada por fatores sintáticos, prosódicos e estilísticos; contudo, sobressai, de modo especial, o papel dos

contextos que favorecem sua ausência. As configurações com segmento antecedente reduzido de infinitivo e com articulação final enumerativa apontam para um quadro em que a ausência do conector não constitui um fato marginal, mas uma possibilidade estruturalmente motivada, associada a contextos de maior integração e de maior fluidez discursiva.

Para visualizar de forma integrada o efeito de cada variável selecionada pelo modelo, apresentamos, a seguir, o Gráfico 7, no qual se destacam os fatores que favorecem ou desfavorecem *para* no *corpus* VARSUL.

Gráfico 7 - Razões de chance dos fatores que influenciam *para* no VARSUL



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

O gráfico estabelece o critério para a significância estatística de um fator mediante a observação do seu intervalo de confiança (IC) em relação à linha de "não efeito" com valor 1.0. Quando o intervalo de confiança cruza a linha central (1.0), como demonstrado pela representação laranja, o fator em estudo não é estatisticamente significativo, indicando que a diferença ou associação observada pode ser atribuída ao acaso. Por outro lado, quando o intervalo de confiança não cruza 1.0, conforme a representação azul, o fator é considerado estatisticamente significativo, pois o efeito nulo é robustamente excluído. Em termos linguísticos práticos, a linha laranja não fornece resultados seguramente significativos, enquanto a linha azul representa resultados confiáveis.

A linha vertical pontilhada representa o valor Odds Ratio (OR) = 1, que corresponde ao ponto de neutralidade do modelo logístico: trata-se do limite que separa fatores que favorecem daqueles que desfavorecem o conector *para*. Os pontos que se situam à direita dessa linha sinalizam um aumento na chance de ocorrência da variante, enquanto os pontos à esquerda indicam redução dessa chance. A relevância estatística de cada fator é dada pelos intervalos de confiança (barras horizontais), que, quando não cruzam a linha de referência, evidenciam que o efeito observado é estatisticamente confiável e significativo.

O método estatístico sempre selecionará categorias mais relevantes e abundantes a serem fixadas. Nesta análise do comportamento variável nas entrevistas do VARSUL, as categorias basilares foram: linguísticas — segmento antecedente em oração finita no indicativo, segmento introduzido por *para* em forma reduzida de infinitivo, ausência de pausa, articulação final sem enumeração e sujeitos correferenciais; sociais — gênero feminino, faixa etária: 25 a 49 anos, escolaridade: fundamental 1; e estilística — temática casual, com predomínio da categoria narrativa.

Do ponto de vista dos fatores linguísticos, aquele de maior relevância estatística e maior magnitude de efeito é configuração do segmento introduzido por *para*: outras configurações — categoria que reúne todas as possibilidades de realização, à exceção da configuração basilar mais representativa, a forma reduzida de infinitivo. Sua razão de chance, que é superior a cinco (>5), indica que a presença desta categoria aumenta em mais de cinco vezes a chance de ocorrência do conector, sendo este o achado de maior destaque no modelo.

Outros dois fatores também demonstram um aumento significativo na chance de ocorrência. O fator linguístico presença da pausa: sim e o fator estilístico temática: formal também exibem razões de chance superiores a um (>1) e seus intervalos de confiança não tocam a linha de referência. A presença da pausa tem uma razão de chance que é de 2,3 vezes maior que o seu *baseline* (Pausa: não), enquanto o estilo formal indica uma chance que é de 2,1 vezes maior do que sua referência, ambos confirmando uma influência positiva e estatisticamente confiável. Tanto a pausa, quanto a formalidade do discurso atuam como um suporte para a inserção do conector pelo fato do efeito prosódico permitir que o falante elabore seu discurso ao recorrer ao seu léxico, da mesma forma que as respostas formais exigem critérios de formalidade discursiva que fazem o falante refletir em suas divagações.

Por outro lado, dois fatores linguísticos demonstram um efeito redutor altamente significativo. As categorias configuração da articulação final: sequência enumerativa e configuração do segmento antecedente: forma reduzida de infinitivo exibem Razões de Chance inferiores a um (OR < 1), e seus respectivos intervalos de confiança situam-se claramente à

esquerda da linha de referência. Isso indica que a presença destes níveis aumenta significativamente a chance de ocorrência da variável ausência do conector. Os resultados corroboram com a máxima sobre a lei do menor esforço no uso linguístico: contextos sintáticos mais compactos ou de menor complexidade estrutural tendem a desfavorecer a marcação explícita de finalidade. Do mesmo modo, em períodos compostos formados por enumeração, observa-se a tendência a marcar com o conector a primeira oração final da sequência, ao passo que as demais tendem a ser produzidas sem o conector, sob o efeito da elipse, propriedade presente em vários contextos de fala.

Os demais fatores não demonstraram uma influência estatisticamente confiável: no âmbito linguístico, a não correferencialidade do sujeito e a configuração do segmento antecedente em outras configurações, distintas da forma basilar de oração finita no indicativo; no âmbito extralinguístico social: o gênero masculino, a faixa etária 50 anos ou mais, e os níveis de escolaridade: ensino fundamental 2 e médio e no âmbito extralinguístico estilístico os outros estilos casuais. Conforme visualizado no gráfico e confirmado pelos valores de p-valor, os intervalos de confiança destes fatores cruzam a linha de referência de Razão de Chance igual a um. Isso sugere que o efeito observado não é diferente de zero no nível de significância adotado, sendo, portanto, irrelevante.

Aplicamos o mesmo procedimento analítico ao modelo estatístico GLM no ambiente RStudio, interrogando a razão de chance da ausência ou da presença do conector *para* em contextos finais intra e interoracionais, de acordo com as variáveis controladas no *corpus* VMPOSC. Os resultados obtidos foram demonstrados na tabela 5 e sintetizados no gráfico X a seguir:

Tabela 5 - Análise de regressão logística dos efeitos mistos - VMPOSC

Intercepto 2.136					
Fator	Coefficiente (Logit)	Desvio Padrão	Odds Ratio (OR)	p-valor	Significância
Variáveis linguísticas					
Configuração do segmento antecedente: forma reduzida de infinitivo	-1.335	0.364	0.263	3.99e-04	***
Configuração do segmento antecedente: outras configurações	1.968	1.449	7.159	0.0958	,

Configuração do segmento introduzido por <i>para</i> : outras configurações	1.629	0.642	5.099	0.0032	**
Presença de pausa	2.345	1.391	10.432	0.0210	*
Configuração da articulação final: sequência enumerativa	-1.148	0.333	0.317	7.83e-04	***
Sujeitos não correferenciais	0.651	0.432	1.917	0.1276	

Variáveis sociais

Gênero: Masculino	-0.802	0.338	0.448	0.0206	*
Faixa Etária: 15 a 24 anos	0.481	0.769	1.618	0.540	
Faixa Etária: 7 a 14 anos	0.420	1.058	1.523	0.701	
Escolaridade: Ensino superior	0.290	1.037	1.336	0.786	
Escolaridade: Outros	-0.444	0.447	0.642	0.336	

Variáveis estilísticas

Estilo: Formal	0.249	0.395	1.283	0.542	
Estilo: Outras casuais (infância e tangente)	-0.470	0.419	0.625	0.276	

[†]p< 0,1; * p< 0,05; ** p<0,01; *** p<0,001

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A Tabela 5 apresenta os resultados da amostra do VMPOSC, permitindo identificar os fatores que condicionam de forma estatisticamente significativa o conector finalístico *para*. A interpretação dos coeficientes logísticos (*logits*) revela não apenas o sentido do efeito, favorecedor ou desfavorecedor, mas também a magnitude relativa de cada condicionador na gramática variável da fala chapecoense.

Do ponto de vista estrutural, o fator configuração do segmento introduzido por *para*: outras configurações apresenta um coeficiente positivo elevado (1,629), constituindo-se no ambiente sintático que mais promove a presença de *para* na amostra. Esse resultado sugere que, em contextos de maior complexidade estrutural, como segmentos desenvolvidos ou introduzidos por conectores adicionais, os falantes tendem a preservar as formas de *para*

como estratégia de desambiguar relações semânticas e garantir transparência estrutural. Esse comportamento aponta para uma função discursivo-sintática que resiste à erosão, mesmo diante de um quadro geral de avanço das formas reduzidas.

Entre os condicionadores prosódicos, destaca-se a variável pausa, cujo coeficiente (2,345) representa o efeito favorecedor mais robusto do modelo. A presença de pausa aumenta de maneira substancial a probabilidade de presença de *para*, indicando que a segmentação prosódica favorece a recuperação ou manutenção do conector, mesmo em um sistema sujeito a intensa variação. Este resultado ganha relevo ao ser confrontado com achados divergentes na literatura, como os de Ferreira (2014) e Silva (2010), e sugere que, na comunidade chapecoense, a pausa atua como marca de planejamento discursivo que reforça a forma.

Em contrapartida, observa-se que a configuração do segmento antecedente: forma reduzida de infinitivo constitui um dos contextos mais fortemente desfavorecedores, com coeficiente negativo expressivo (-1,335). Esse resultado indica que segmentos antecedentes reduzidos, por sua natureza sintética e economia formal, criam um ambiente altamente propício à ausência do conector, contribuindo para o avanço de formas reduzidas. A tendência confirma uma regularidade encontrada em diversos fenômenos variáveis do PB, segundo a qual estruturas reduzidas ampliam a probabilidade de simplificação fonológica e morfossintática.

Também, no polo desfavorecedor, outro fator de destaque é a configuração da articulação final: sequência enumerativa, com coeficiente negativo significativo (-1,148). Esse contexto, típico de encadeamentos discursivos fluidos, favorece a ausência do conector, possivelmente por efeito cumulativo do paralelismo sintático e da previsibilidade semântica. Em sequências enumerativas, a relação finalística tende a ser inferida pelo contexto, reduzindo a necessidade de marcação explícita de *para*.

No âmbito das variáveis sociais, apenas o gênero masculino alcança significância estatística (coeficiente -0,802), indicando que homens tendem a realizar menos a forma do conector. Este resultado se alinha a padrões sociolinguísticos amplamente descritos, segundo os quais grupos masculinos frequentemente apresentam maior propensão a variantes reduzidas ou inovadoras. No caso específico deste estudo, essa tendência parece contribuir para o avanço da ausência do conector e para o enfraquecimento da forma na comunidade, reforçando o caráter diacrônico da mudança.

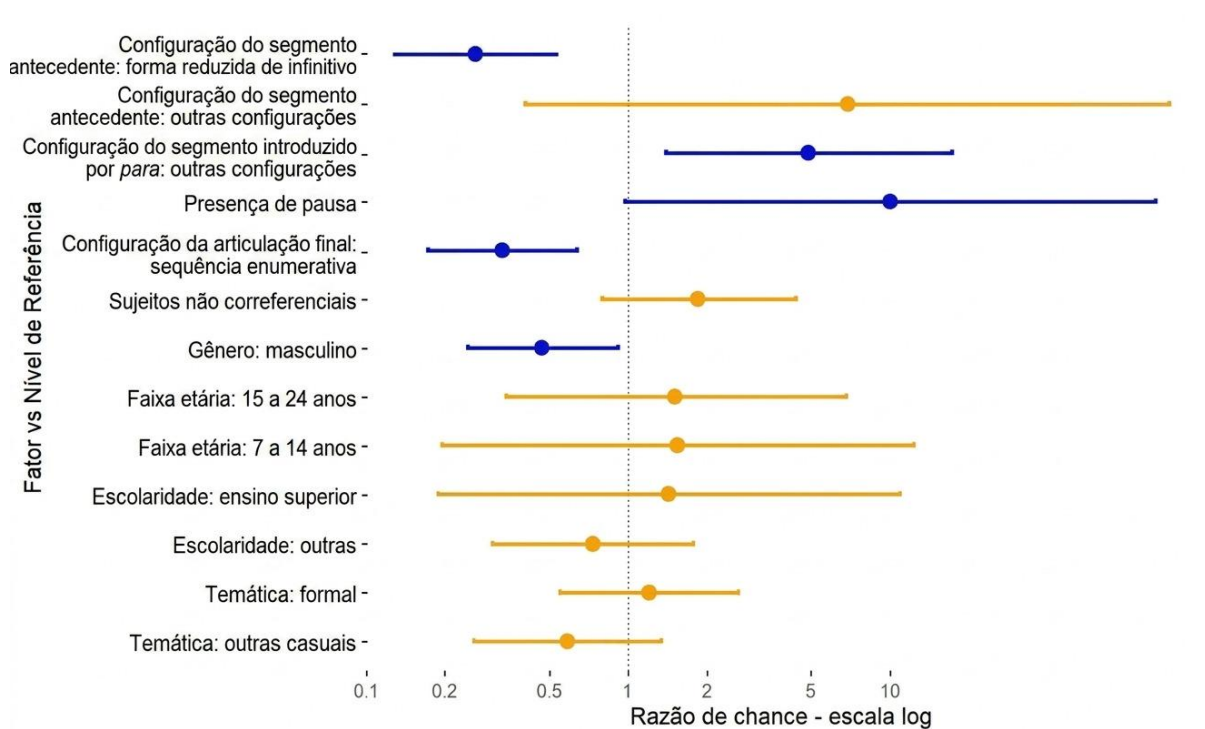
Por fim, observa-se que as variáveis estilísticas não foram selecionadas como significantes pelo modelo.

Esse resultado contrasta com os achados do VARSUL e sugere uma importante mudança estrutural no sistema variável: no VMPOSC, a ausência de *para* parece mais sensível ao monitoramento estilístico, indicando um estágio mais avançado de mudança, no qual fatores sociais e sintáticos exercem menor peso do que o ajuste estilístico do falante. Em termos variacionistas, isso configura um deslocamento da variável em direção a um processo de mudança de baixo nível, relativamente dependente de contextos formais de fala.

De modo geral, a análise das variáveis significantes no VMPOSC revela um quadro de mudança linguística mais avançada em comparação ao VARSUL. A forma *para* é cada vez mais restrita a contextos de maior complexidade estrutural ou de marcação prosódica, enquanto configurações mais reduzidas do segmento antecedente, articulações finais em sequência enumerativa e determinados grupos sociais impulsionam a simplificação formal do conector (redução, aglutinação e ausência). Esses resultados convergem para a hipótese de que a fala chapecoense avançou no contínuo de erosão e de coalescência de *para*.

Para visualizar de forma integrada o efeito de cada variável selecionada pelo modelo, apresentamos, a seguir, o Gráfico 8, no qual se destacam os fatores que favorecem ou desfavorecem *para* no *corpus* VMPOSC.

Gráfico 8 - Razões de chance dos fatores que influenciam *para* no VMPOSC



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Os resultados do VMPOSC atestam uma intensificação da variante na fala chapecoense. O OR do Intercepto subiu drasticamente para 8.463, indicando que, na condição de referência do modelo, a chance de ocorrência da variante era quase o dobro daquela observada no VARSUL. Esse aumento sugere que a forma se encontrava em estágio mais avançado de difusão na comunidade de fala, compatível com um processo de gramaticalização e de maior aceitação no uso.

Quanto aos fatores linguísticos, observa-se a manutenção das principais restrições sintáticas, ainda que com algumas nuances. A categoria configuração do segmento introduzido por *para*: outras configurações — isto é, realizações distintas da forma reduzida de infinitivo — mostrou-se fortemente favorecedora da presença do conector (OR = 5,099). Em contrapartida, o papel inibidor da categoria configuração do segmento antecedente: forma reduzida de infinitivo intensificou-se, uma vez que seu OR de 0,263 aponta forte associação com a ausência do conector. No que se refere às demais possibilidades de configuração do segmento antecedente, embora não se tenha verificado efeito estatisticamente confiável, a estimativa aponta tendência de favorecimento da presença de *para*. De modo semelhante, a não correferencialidade dos sujeitos, ainda que sem significância estatística, também parece inclinar-se à presença do conector e de suas variantes. Já a configuração da articulação final: sequência enumerativa apresenta intervalo de confiança inteiramente situado no polo desfavorável à presença, confirmando sua associação com a ausência de *para* e ratificando a interpretação de que, em sequências enumerativas, o conector tende a ser elidido a partir da segunda construção final (OR = 0,317). Em sentido oposto, a presença de pausa mostra efeito fortemente favorável à realização explícita do conector, com estimativa amplamente expandida no polo da presença e OR de 10,432, o que revela tratar-se de um dos contextos mais propícios à manutenção formal de *para*.

Os fatores sociais e estilísticos não exibem efeitos estatisticamente confiáveis, uma vez que seus coeficientes apresentam intervalos de confiança que cruzam a linha de neutralidade, produzindo apenas tendências sem força interpretativa robusta. Todavia, destaca-se que o gênero masculino emerge como um condicionador significativo da ausência do conector, com OR = 0,448, indicando redução substancial na probabilidade de presença de *para*. Trata-se de um resultado de grande relevância para a presente análise, pois sinaliza a atuação de um condicionador social no avanço da mudança linguística.

Em síntese, as duas amostras revelam que, de um lado, a presença de *para* é mantida principalmente em ambientes de maior complexidade estrutural e de marcação prosódica, como nas configurações mais complexas do segmento introduzido por *para* e na presença de pausa.

De outro lado, a ausência de *para* é impulsionada por configurações mais reduzidas do segmento antecedente, por articulações finais em sequência enumerativa e, mais recentemente, por fatores sociais (como gênero masculino). Em conjunto, esses resultados confirmam a hipótese de que o sistema chapecoense se encontra em processo de mudança, com progressivo avanço progressivo das estratégias de redução e ausência de *para*, ainda que a forma *para* permaneça produtiva em contextos estruturais específicos.

A partir desse panorama geral, cumpre agora examinar de forma segmentada os condicionadores que efetivamente estruturam o comportamento variável de *para* nas duas amostras. Para isso, organizamos a discussão em dois blocos principais: (i) os condicionadores linguísticos, que compreendem fatores fonético-prosódicos, morfossintáticos e sintáticos selecionados pelo modelo e que exercem influência direta sobre as formas de *para*; e (ii) os condicionadores extralinguísticos, que incluem variáveis sociais e estilísticas capazes de modular a escolha das variantes, ainda que com menor estabilidade estatística. A análise desses dois eixos permitirá compreender não apenas a hierarquia dos fatores que favorecem ou desfavorecem o conector, mas também o modo como padrões estruturais e sociais interagem na configuração da mudança linguística observada.

5.2.1 Condicionadores linguísticos

5.2.1.1 Nível fonético-fonológico

5.2.1.1.1 *Pausa*

a) Caracterização e hipóteses

O fator linguístico *pausa* (ou “posição em relação a pausas”) foi investigado nos trabalhos de Silva (2010) e Ferreira (2014, 2018) como condicionador da variação da preposição *para* (e suas variantes *pra* e *pa*) na fala do PB, geralmente relacionado à velocidade da fala e à supressão de segmentos.

A relevância dessa variável no uso de *para* tem se mostrado inconsistente na literatura sociolinguística. Em Araguatins (Silva, 2010), embora se partisse da hipótese de que a pausa inibiria a supressão segmental, os resultados da rodada binária (*pra* vs. *pa*) revelaram um peso relativo de 0,49 para *pra*, indicando neutralidade do fator. Em Londrina, entretanto, Ferreira (2014) encontrou o movimento oposto: o fator “com pausa” favoreceu de forma robusta a

variante *pra*, com peso relativo de 0,72, resultado que contradiz a hipótese de que a desaceleração da fala impediria a redução fonética. Já em Curitiba e Florianópolis, Ferreira (2018) controlou a variável “posição em relação a pausas”, mas o programa estatístico não a selecionou como significativa para explicar a ocorrência de *pra*. Em conjunto, esses estudos evidenciam que a influência da pausa é variável entre comunidades: neutra em Araguatins, fortemente favorecedora em Londrina e estatisticamente irrelevante em duas capitais do Sul.

Nesta pesquisa, controlamos quatro configurações possíveis da variável pausa: (i) com pausa e com conector; (ii) com pausa e sem conector; (iii) sem pausa e sem conector; e (iv) sem pausa e com conector. Nas ocorrências que seguem, ilustramos essas possibilidades, evidenciando como a presença ou ausência de pausa se articula com a manifestação — ou omissão — do conector finalístico.

(i) com pausa e com presença do conector:

(21) a. [...] tu não tem assim um, né? [pausa] uma oportunidade. Ou você faz o que te oferecem *pra* trabalhar, aquela coisa assim, você não tem, né? [uma] [pausa] uma, digamos assim, como escolher, é o que tem [pausa] *pra* te oferecer, entende? (F2M25a49 - VARSUL)

(ii) com pausa e com ausência de conector:

b. Temos aqui outras partes de turismo que fica perto [pausa] Ø visitar o Goio En, essas coisas... (M1F2Ciclo+50 - VARSUL)

(iii) sem pausa e com ausência de conector:

c. Olhou, não tinha mais a carne. E ele disse: "Eu não vou descer Ø buscar, nem que apodreça" [...] pois se tu não desce, eu vou descer. (F3F1Ciclo+50 - VARSUL)

(iv) sem pausa e com presença de conector:

d. Ele tentava atirar na raposa *pra* ela descer, não conseguia. (M2F2Ciclo7a14 - VMPOSC)

No primeiro exemplo, a informante tenta expressar a dificuldade que possui em arrumar emprego com pouca experiência em determinados setores, revelando o motivo de não ficar mais em Chapecó naquele momento. A pausa, na presença do conector *pra*, revela-se na tentativa de construir sentenças que tornem o seu discurso claro ou plausível para o entrevistador. Na sequência, a presença da pausa sem a presença do conector acontece em um momento de

narrativa casual em que a informante relata formas de realização de turismo em Chapecó. Na sequência, em uma situação de descontração da informante ao narrar um acontecimento passado, o conector foi elidido em contexto finalístico de fala contínua. Por fim, o fluxo da fala também é percebido com a presença de *pra* em uma narrativa de infância.

Dado o comportamento heterogêneo da variável pausa na literatura — neutra em Araguatins (Silva, 2010), fortemente favorecedora da redução em Londrina (Ferreira, 2014) e irrelevante em Curitiba e Florianópolis (Ferreira, 2018) —, nossa hipótese é que, nas amostras do VARSUL (1990) e do VMPOSC (2014), a pausa tenderá a não exercer papel decisivo na escolha das variantes da preposição *para*. Assim, espera-se que a variável apresente efeito neutro ou não seja selecionada como estatisticamente significativa em ambas as amostras, visto que a pausa não se apresenta como condicionador robusto e estável em diferentes comunidades de fala do PB.

a) Resultados e discussão

A Tabela 6 sintetiza a distribuição da presença e da ausência do conector *para* em relação à presença ou ausência de pausa, permitindo identificar de forma imediata os ambientes prosódicos que favorecem ou inibem a pausa nas duas amostras analisadas.

Tabela 6 – Efeito da pausa no uso de *para* (VARSUL e VMPOSC)

Ambiente	Realização	VARSUL	VMPOSC
Com Pausa	Ausência	7 (6,9%)	0 (0%)
	Presença	95 (93,1%)	24 (100%)
Sem Pausa	Ausência	134 (15,0%)	55 (15,7%)
	Presença	760 (85,0%)	295 (84,3%)
TOTAL	—	996	374

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A análise do VARSUL revelou que variável fator *pausa* exerce influência estatisticamente significativa sobre a presença de *para*, contrariando a hipótese inicial de neutralidade. A presença de pausa favoreceu de maneira consistente as diferentes formas de *para*, registrando 95 ocorrências com presença do conector (11,1%) diante de apenas 7 casos de ausência (5%) nesse ambiente. O teste de significância ($p = 0,037$) e o OR de 2,39 (IC95% [1,09; 5,27]) demonstra que a pausa torna cerca de duas vezes e meia mais provável a presença do conector em comparação com contextos de continuidade fônica.

No conjunto de 996 dados, observa-se que a maioria dos usos de *para* e suas variantes ocorre sem pausa (85,0%), o que confirma a natureza prosodicamente fraca do item.

Contudo, entre as ocorrências de ausência de *para* (134 *tokens*), a ausência de pausa é praticamente categórica, o que confirma o papel da fluência da fala como ambiente privilegiado para a redução. Assim, embora a pausa seja relativamente rara, ela funciona como um marcador prosódico de fronteira que inibe a supressão segmental, promovendo a seleção das diferentes formas de *para* e indicando maior monitoramento discursivo.

Em síntese, o comportamento do VARSUL se distancia do padrão neutro encontrado em Araguatins (Silva, 2010) e da irrelevância observada em Curitiba e Florianópolis (Ferreira, 2018). Em vez disso, aproxima-se de um padrão em que a pausa atua como condicionador robusto da presença do conector, contrariando diretamente a expectativa de que seu efeito seria neutro nesta amostra.

O VMPOSC apresentou um comportamento ainda mais contundente, evidenciando um efeito categorial da pausa sobre a presença do conector. Em 374 ocorrências, todas as produções em ambiente de pausa foram realizadas com *para* e variantes (24 *tokens*; 100%), enquanto todas as ausências ocorreram exclusivamente em continuidade fônica (55 *tokens*; 100%). Essa distribuição resultou em um OR tendente ao infinito ($OR = \infty$; $p = 0,033$, Fisher), caracterizando um condicionamento extremo: a pausa simplesmente bloqueia a ausência de *para*.

A virtual inexistência de ausências em posição pausada indica que, nesta comunidade, a pausa é um delimitador sintático-discursivo fortíssimo, que exige a presença do conector. Tal padrão aponta para um ajuste ainda mais sensível à prosódia do que o verificado no VARSUL, reforçando a interpretação de que a ausência é um fenômeno dependente de ambientes altamente fluentes, nos quais a economia articulatória pode operar sem interferência de fronteiras prosódicas.

Em comparação com a literatura, o VMPOSC também contraria a hipótese de neutralidade. Em vez de se aproximar da tendência observada em Ferreira (2018), o *corpus*

exibe um comportamento mais rígido, funcionando como um sistema em que a pausa determina a obrigatoriedade da forma. Trata-se do cenário mais forte entre todos os descritos na literatura para o PB.

Nos dois *corpora*, a pausa se mostrou um fator altamente condicionador, favorecendo a presença do conector, embora com intensidades distintas: significativa no VARSUL e categórica no VMPOSC. Esses achados contradizem a hipótese formulada, segundo a qual a pausa tenderia a não exercer papel decisivo na variação. Também se distanciam das evidências de neutralidade ou irrelevância relatadas em parte da literatura.

Os resultados convergem para um mesmo princípio prosódico: fronteiras discursivas marcadas por pausa favorecem *para* e variantes, enquanto a continuidade fônica constitui o ambiente exclusivo da ausência do conector. Assim, o comportamento observado em ambas as comunidades confirma que a ausência é um processo intimamente ligado à fluência articulatória, enquanto a pausa promove maior monitoramento e planejamento da fala, estabilizando a presença do conector.

5.2.1.2 Nível Morfossintático

Os fatores morfossintáticos controlam a arquitetura estrutural da articulação final, a relação de referência entre os sujeitos e os processos de fusão entre *para* e a classe gramatical seguinte. Alguns condicionadores também podem ser vistos em interface com processos fonéticos simultâneos. Passamos, então, à mensuração dos fatores morfossintáticos controlando categorias cruciais para a organização estrutural das sentenças analisadas, com base, sobretudo, nos resultados de Deoclécio (2011) e Ramos e Silva (2022). Iniciamos pela investigação da configuração do segmento antecedente, em suas diferentes realizações oracionais e não oracionais nos dois bancos de dados; em seguida, aplicamos o mesmo procedimento ao segmento introduzido por *para* também contemplando suas diferentes configurações estruturais. Posteriormente, analisamos a correferencialidade de sujeitos.

5.2.1.2.1 Configuração morfossintática do segmento antecedente ao conector

a) Caracterização e hipóteses

A variável configuração morfossintática do segmento antecedente³⁵ tem como objetivo verificar se a estrutura que antecede o segmento de valor final exerce influência na escolha variável da preposição *para* e de suas formas reduzidas ou de sua ausência.

Para esta pesquisa, o segmento antecedente foi classificado em três configurações distintas.

(22) a. segmento antecedente em oração finita no indicativo:

Eu mudaria pra ficar mais perto do meu pai. (M2F1Ciclo7a14 VMPOSC)

b. segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo:

[...] uma parte (da casa) compremo. **Depois entrar** \emptyset morar ainda [...] (F3F1Ciclo+50 VARSUL)

c. outras configurações do segmento antecedente:

[...] **serviço de churrasco** ali *pras* crianças. (F2M+50 VARSUL)

A primeira categoria corresponde ao segmento antecedente em oração finita no indicativo, caracterizado por estruturas mais desenvolvidas, com verbo flexionado e eventuais complementos. Trata-se de construções mais densas do ponto de vista informacional, que tendem a explicitar com maior nitidez a relação sintático-semântica com o segmento de valor final. A segunda categoria abrange o segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo, composto por estruturas sintaticamente mais leves, frequentes na fala espontânea e em sequências rápidas de eventos. Por apresentarem menor grau de explicitação estrutural e maior integração prosódica com o segmento subsequente, essas construções configuram contextos propícios à simplificação formal do conector. A terceira categoria, denominada outras configurações do segmento antecedente, reúne estruturas de baixa frequência, como orações finitas no imperativo ou no subjuntivo, formas reduzidas de gerúndio ou participípio e sintagmas nominais, conforme ilustrado no exemplo.

À luz do princípio da marcação (Givón, 1995), essa variável permite distinguir configurações estruturalmente mais complexas e formalmente marcadas daquelas mais simples

³⁵ Deoclécio (2011) é o estudo que mais diretamente investigou a configuração sintático-semântica da oração principal na variação das orações finais, controlando o traço de agentividade do sujeito. Nos dados de fala (PORTVIX), a variável mostrou-se significativa: sujeitos não controladores/inanimados/oracionais favoreceram fortemente as finais desenvolvidas (PR = 0,94), enquanto sujeitos controladores/animados favoreceram as formas reduzidas. Embora outros trabalhos analisem o contexto precedente de *para/pra*, como Huback (2022), somente Deoclécio (2011) examina o papel estrutural do sujeito da oração principal como condicionador da variação.

e, portanto, menos marcadas. O segmento antecedente em oração finita no indicativo representa o polo marcado: trata-se de uma estrutura sintaticamente mais desenvolvida, com verbo flexionado, com ou sem sujeito exposto, e maior densidade informacional, características que ampliam a codificação e tornam essa configuração mais propensa à presença de *para*, preservando a articulação formal com o segmento de valor final. Em contraste, o segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo representa o polo menos marcado: constitui uma estrutura mais leve, frequentemente integrada prosodicamente ao segmento finalístico e típica da fala espontânea. Já a categoria outras configurações do segmento antecedente, como mencionado, reúne formas verbais e não verbais de baixa recorrência, incluindo diferentes modos, formas nominais do verbo e sintagmas nominais. O grau variável de desenvolvimento estrutural dessas ocorrências impede a atribuição de um estatuto claro de marcação, razão pela qual essa categoria tende a apresentar comportamento mais neutro ou instável.

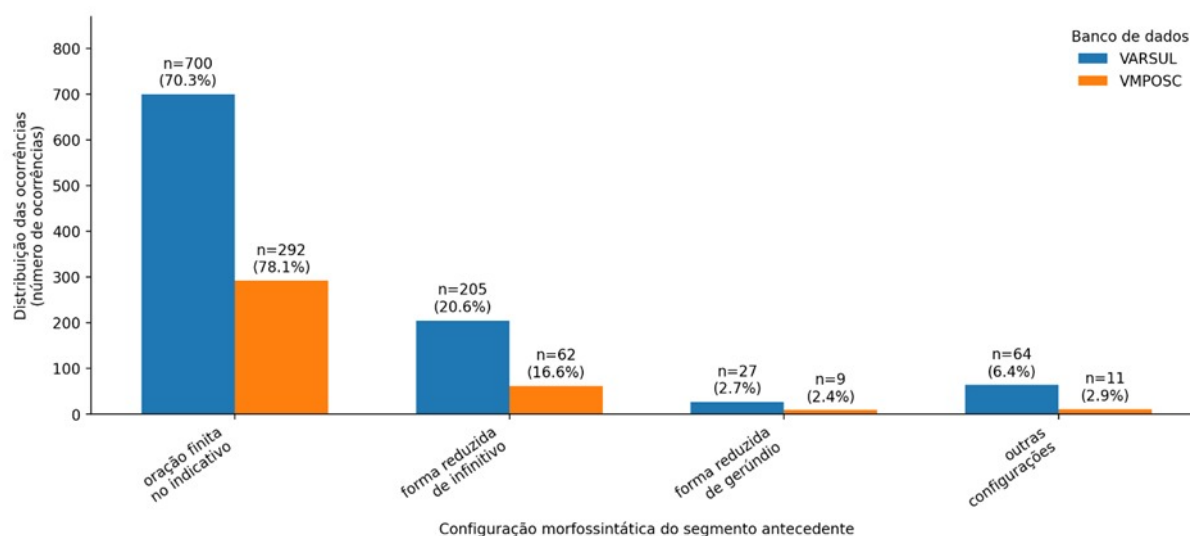
De modo geral, considerando o papel da complexidade estrutural na articulação entre o segmento antecedente e o segmento de valor final, formulam-se hipóteses distintas para os dois bancos analisados. Para o VARSUL (1990), espera-se que o segmento antecedente em oração finita no indicativo favoreça a presença de *para*, em razão de seu maior grau de desenvolvimento sintático e de segmentação prosódica, ao passo que o segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo tende a favorecer formas reduzidas ou a ausência do conector, por ocorrer em contextos de maior fluidez articulatória. A categoria *outras configurações do segmento antecedente*, por sua heterogeneidade, tende a apresentar comportamento neutro ou pouco estável. Para o VMPOSC (2014), projeta-se o mesmo padrão geral, embora de modo mais acentuado: o segmento antecedente em oração finita no indicativo deverá favorecer a realização explícita de *para*, enquanto o segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo tenderá a favorecer a redução ou a ausência do conector, acompanhando o ritmo mais dinâmico e rotinizado das narrativas infantis. Também nesse banco, a categoria *outras configurações* deverá exibir comportamento instável ou neutro.

Em conjunto, propõe-se que a complexidade sintática do segmento antecedente, entendida funcionalmente como maior ou menor grau de marcação, condiciona o comportamento variável da preposição *para*, de modo que configurações mais marcadas tendem a favorecer sua realização explícita, ao passo que configurações menos marcadas tendem a favorecer formas reduzidas ou sua ausência.

b) Resultados e discussão

Para visualizar a distribuição das configurações morfossintáticas do segmento antecedente nas duas amostras, apresenta-se o Gráfico 9, que demonstra a estrutura realizada para cada um dos bancos:

Gráfico 9 - Distribuição geral das variantes na configuração morfossintática do segmento antecedente ao conector



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A avaliação das hipóteses fundamentadas no princípio da marcação permitiu observar comportamentos convergentes entre os dois bancos analisados, embora com diferenças importantes quanto à intensidade dos efeitos.

O Gráfico 9 mostra que, no caso do VARSUL (1990), a configuração morfossintática do segmento antecedente exerce influência direta sobre o comportamento variável de *para*. Conforme previsto, o segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo — estruturalmente menos complexo e, portanto, menos marcado — constitui o segundo contexto mais frequente associado à redução e à ausência do conector. Esse quadro revela um efeito relevante no favorecimento de formas reduzidas ou da omissão de *para*, diminuindo substancialmente a probabilidade de sua realização explícita. Já a categoria *outras configurações* apresentou comportamento neutro e sem significância estatística, o que reforça a expectativa teórica de que estruturas heterogêneas, sem padrão claro de marcação, não produzam efeitos consistentes sobre a regra variável. Embora o segmento antecedente em oração finita no indicativo constitua

a categoria de referência do modelo, os resultados indiretos confirmam a hipótese derivada do princípio da marcação: por serem estruturalmente mais densas, completas e informacionalmente mais marcadas, essas configurações tendem a favorecer a realização explícita de *para*, uma vez que demandam maior explicitação sintática na articulação com o segmento de valor final.

No caso do VMPOSC (2014), as hipóteses fundamentadas no princípio da marcação foram parcialmente confirmadas, embora com efeitos mais intensos e com algumas divergências relevantes entre previsão e resultado. Assim como no VARSUL, a configuração do segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo mostrou-se fortemente associada à redução e à ausência do conector, diminuindo de modo expressivo a chance de realização explícita de *para*. Esse padrão reforça, de maneira ainda mais acentuada, a relação funcionalista entre complexidade estrutural e codificação, segundo a qual quanto menor o grau de marcação, maior a propensão à simplificação formal. Em contrapartida, a categoria *outras configurações do segmento antecedente* não se comportou conforme a hipótese de neutralidade. No VMPOSC, esses contextos heterogêneos revelaram tendência de favorecimento à realização explícita de *para*, sugerindo que, em narrativas infantis, fragmentos e reinícios discursivos podem funcionar como pontos de reorganização sintática, elevando a necessidade de marcação formal. Como no primeiro banco, o segmento antecedente em oração finita no indicativo permaneceu como o contexto mais favorável à realização explícita de *para*, confirmando, ainda que indiretamente, o papel das configurações mais marcadas na preservação da forma.

Em síntese, as hipóteses orientadas pelo princípio da marcação foram plenamente confirmadas no VARSUL e parcialmente confirmadas no VMPOSC. Em ambas amostras, a configuração do segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo mostrou-se um condicionador robustos da redução, validando a expectativa de que estruturas menos complexas tendem a promover a redução e, conseqüentemente, a ausência devido à maior fluência articulatória. Entretanto, enquanto a categoria *outras configurações do segmento antecedente* manteve comportamento neutro no VARSUL, como previsto para configurações estruturas heterogêneas e instáveis, no VMPOSC ela apresentou tendência a favorecer *para*, indício de que determinados pontos de reconfiguração discursiva podem exigir maior codificação e, portanto, maior marcação estrutural. De forma geral, os dois bancos confirmam que a complexidade estrutural do segmento antecedente — interpretada funcionalmente como grau de marcação — constitui fator essencial na determinação do comportamento variável da preposição *para*, ainda que sua expressão quantitativa varie conforme o perfil discursivo e prosódico de cada comunidade de fala.

A partir dos resultados obtidos para o segmento antecedente, prosseguimos com a investigação do segmento introduzido por *para*, examinando sua configuração morfossintática.

5.2.1.2.2 Configuração morfossintática do segmento introduzido por *para*

a) Caracterização e hipóteses

Esta variável configuração morfossintática do segmento introduzido por *para* encontra respaldo particularmente detalhado em Deoclécio (2011), que investigou a variação entre orações adverbiais finais desenvolvidas (*para que* + subjuntivo) e reduzidas (*para/prá* + infinitivo) no PB. Embora o termo “oração adjuncional (Castilho, 2010)” abarque diversas modalidades de subordinação, o autor concentrou-se nas finais, analisando como a configuração interna do segmento final interage com o segmento antecedente por meio de variáveis diretamente relacionadas à sua organização sintática. Com base nos princípios funcionalistas da marcação e da iconicidade, Deoclécio (2011) interpreta as finais desenvolvidas como formas marcadas, cuja maior complexidade formal reflete e motiva uma codificação mais robusta em contextos de maior imprevisibilidade informacional, especialmente quando o sujeito do segmento final é expreso. Assim, o estudo oferece uma descrição abrangente de como aspectos estruturais e discursivos condicionam a presença dessas construções, constituindo uma referência central para a compreensão funcionalista da variação sintática no PB.

Neste trabalho, o segmento introduzido por *para* foi classificado em quatro configurações distintas:

(23) a. segmento introduzido por *para* em oração desenvolvida de subjuntivo:

O Brasil abriu as portas [pausa] *para que vissem os italianos e alemães povoar o sul do Brasil*. (M2M+50 VARSUL)

b. segmento introduzido por *para* em forma reduzida de infinitivo de infinitivo:

Esse seria um bom lugar *pro cara morar*. (M1M15a24 VMPOSC)

c. segmento introduzido por *para* em SN:

Tem as coisas da cantina *pra comida*. (F1F1Ciclo7a14 VMPOSC)

d. outras configurações do segmento introduzido por *para*::

A gente trabalhava a semana inteira *pra vendo* (sentido de ir vendo o que aconteceria no restante da semana) (F3F1Ciclo+50 VARSUL)

A primeira categoria corresponde ao segmento introduzido por *para* em oração desenvolvida de subjuntivo, caracterizado pela sequência *para que* + verbo no subjuntivo e por maior explicitação estrutural. A segunda categoria diz respeito ao segmento introduzido por *para* em forma reduzida de infinitivo, constituído por *para/prá* + infinitivo e reconhecido por sua maior leveza sintática. A terceira categoria reúne os casos em que o valor final é expresso por sintagma nominal, isto é, sem a presença de verbo. Por fim, a quarta categoria, denominada outras configurações do segmento introduzido por *para*, abrange construções sintáticas menos recorrentes e estruturalmente peculiares, como ocorrências com verbo no gerúndio.

Com base no princípio da marcação (Givón, 1995) e nos resultados de Deoclécio (2011), espera-se, para o banco VARSUL, que a configuração do segmento introduzido por *para* em oração desenvolvida de subjuntivo, por apresentar maior extensão e complexidade morfossintática, favoreça a presença de *para*, especialmente em contextos em que o falante necessita explicitar a relação de finalidade. Em contraste, a configuração do segmento introduzido por *para* em forma reduzida de infinitivo, estruturalmente menos marcada e prosodicamente mais integrada, deverá favorecer formas reduzidas ou a ausência do conector, em consonância com processos de simplificação observados em contextos de menor marcação estrutural. Já a categoria outras configurações do segmento introduzido por *para*, em razão de sua heterogeneidade e da ausência de um padrão claro de marcação, tende a apresentar comportamento neutro ou estatisticamente instável.

Para o banco VMPOSC (2014), formula-se hipótese correspondente, igualmente fundamentada no princípio da marcação, mas ajustada ao perfil discursivo das narrativas infantis que compõem esse corpus. Assim, prevê-se que a configuração do segmento introduzido por *para* em oração desenvolvida de subjuntivo, por constituir forma marcada e estruturalmente mais complexa, favoreça de modo ainda mais acentuado a presença da forma, uma vez que maior codificação tende a ser requerida em contextos de reorganização sintática, como sugere Deoclécio (2011). Por outro lado, a configuração do segmento introduzido por *para* em forma reduzida de infinitivo, menos marcada e sintaticamente mais leve, deverá favorecer formas reduzidas ou a ausência do conector no VMPOSC, acompanhando a fluidez prosódica e o menor monitoramento linguístico característicos do discurso infantil. Espera-se, ainda, que a categoria outras configurações do segmento introduzido por *para*, em razão de seu

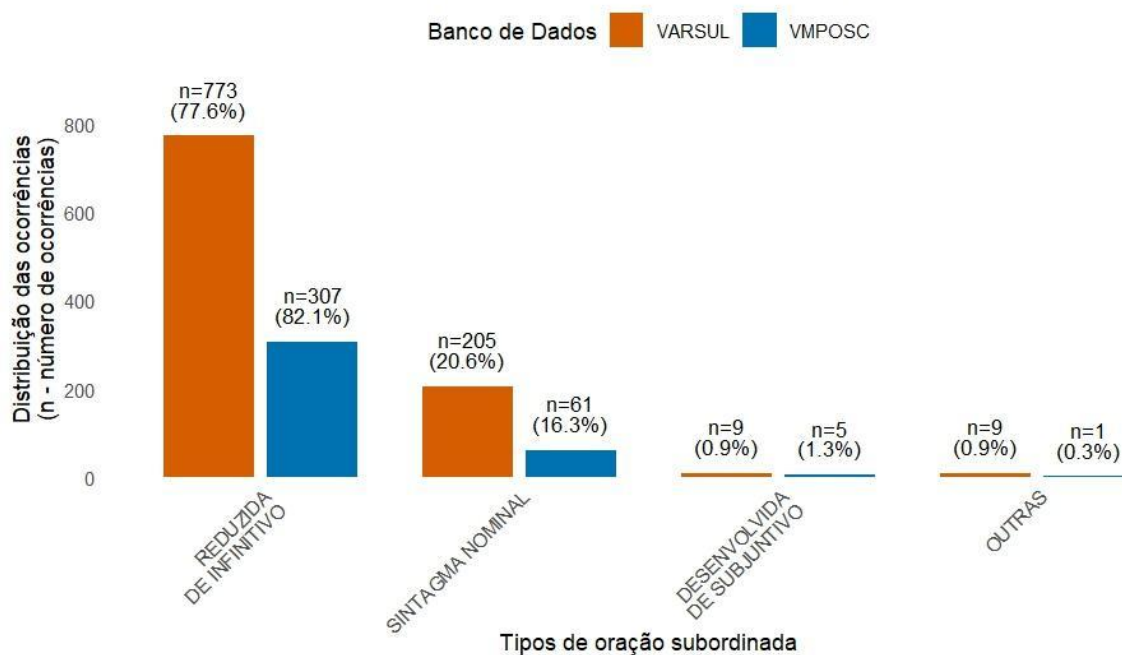
caráter residual, apresente comportamento irregular ou neutro, podendo, ocasionalmente, favorecer a presença da forma em pontos de reorganização discursiva. Essa hipótese aplica-se especificamente ao banco VMPOSC, permitindo comparações diretas sem desconsiderar as diferenças estruturais e estilísticas entre os dois corpora.

Em conjunto, propõe-se que a complexidade estrutural do segmento introduzido por *para*, interpretada à luz do princípio da marcação, condiciona o comportamento variável do conector nos dois bancos: configurações em oração desenvolvida de subjuntivo, por serem mais marcadas e mais explicitamente codificadas, tendem a favorecer a presença da forma *para*; em contrapartida, configurações em forma reduzida de infinitivo, menos marcadas estruturalmente, tendem a favorecer formas reduzidas ou a ausência do conector. As demais configurações, em razão de sua heterogeneidade, tendem a apresentar comportamento neutro ou instável.

d. Resultados e discussão

Para visualizar a distribuição das configurações morfossintáticas do segmento introduzido por *para* nas duas amostras, apresenta-se o Gráfico 10, que demonstra as estruturas em cada um dos bancos:

Gráfico 10 – Distribuição geral das variantes na configuração morfossintática do segmento introduzido por *para*



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A avaliação das hipóteses revela que o segmento introduzido por *para* tende a apresentar um padrão distributivo ainda mais concentrado do que o segmento antecedente, com nítida preferência pela forma reduzida de infinitivo.

O Gráfico 10 revela que, no banco VARSUL, a distribuição das configurações do segmento introduzido por *para* é marcada pela predominância da forma reduzida de infinitivo (773 ocorrências; 77,6%), seguida pelos sintagmas nominais (205 ocorrências; 20,6%), ao passo que as configurações em oração desenvolvida de subjuntivo correspondem a apenas 0,9% dos dados. Essa assimetria já antecipa um quadro em que a complexidade morfossintática do segmento introduzido por *para* apresenta baixa variabilidade interna. A análise estatística confirma parcialmente a hipótese formulada: esperava-se que a configuração em forma reduzida de infinitivo favorecesse formas reduzidas ou a ausência do conector e, de fato, essa categoria constitui a referência do modelo, funcionando como padrão menos marcado, sem elevar a probabilidade de realização explícita da forma *para*. Por outro lado, previa-se que a configuração em oração desenvolvida de subjuntivo favorecesse a forma plena, mas sua baixa frequência impediu que fosse selecionada como fator significativo no modelo. O resultado mais relevante, contudo, concentra-se na categoria outras configurações do segmento introduzido por *para*, que apresentou forte efeito favorecedor da presença da forma *para* (coef. = 1,639; OR = 5,150; $p < 0,001$). Esse comportamento contraria a hipótese de neutralidade inicialmente atribuída a essa categoria e sugere que estruturas heterogêneas ou sintaticamente menos previsíveis acionam mecanismos de maior codificação, levando o falante a realizar explicitamente o conector. Desse modo, no VARSUL, a hipótese foi parcialmente confirmada: a oposição entre configurações reduzidas e formas mais explícitas segue, em linhas gerais, o princípio da marcação, mas o comportamento de outras configurações revela-se mais complexo do que o inicialmente previsto.

No VMPOSC, a distribuição das configurações do segmento introduzido por *para* mostra-se ainda mais concentrada na forma reduzida de infinitivo (307 ocorrências; 82,1%), seguida pelos sintagmas nominais (61 ocorrências; 16,3%), enquanto as configurações em oração desenvolvida de subjuntivo representam apenas 1,3% dos dados. O modelo estatístico confirma de modo robusto a previsão de que a forma reduzida de infinitivo favorece a simplificação: por constituir a categoria de referência, esse contexto associa-se à diminuição acentuada da chance de presença de *para*. Já as configurações em oração desenvolvida de subjuntivo não puderam ser testadas de forma conclusiva, em razão de sua baixa frequência, o que impossibilitou a verificação direta da hipótese de que estruturas mais marcadas tenderiam a favorecer a forma *para*. Assim como no VARSUL, a categoria outras configurações do

segmento introduzido por *para* apresentou efeito significativo e fortemente favorecedor de *para* (coef. = 1,629; OR = 5,099; p = 0,0032). Esse comportamento diverge da previsão de neutralidade e sugere que contextos estruturalmente atípicos ou fragmentários demandam maior explicitação sintática para preservar a relação de finalidade. Desse modo, no VMPOSC, a hipótese também se confirma apenas parcialmente: a configuração em forma reduzida de infinitivo comporta-se conforme o previsto, mas a categoria outras configurações introduz um desvio sistemático em relação à expectativa teórica.

Em síntese, nos dois bancos, as hipóteses foram apenas parcialmente confirmadas: a configuração do segmento introduzido por *para* em forma reduzida de infinitivo comportou-se conforme o previsto, favorecendo formas reduzidas e a ausência do conector tanto no VARSUL quanto no VMPOSC; as configurações em oração desenvolvida de subjuntivo não puderam ser avaliadas de modo conclusivo, em razão de sua baixa frequência em ambos os corpora; e a categoria outras configurações do segmento introduzido por *para* contrariou a hipótese inicial nos dois bancos, ao favorecer de modo consistente a presença de *para*.

5.2.1.2.3 Correferencialidade de Sujeitos

a) Caracterização e hipóteses

A correferencialidade do sujeito, abordada por Deoclécio (2011) e Ramos e Silva (2022), diz respeito à retomada ou continuidade de referência entre o sujeito do segmento antecedente e o do segmento de valor final, isto é, à retomada do mesmo sujeito por meio de pronomes, elisão (sujeito zero), repetição lexical do nome ou outras estratégias, que mantêm a identidade referencial ao longo do discurso.

Deoclécio (2011) operacionalizou essa relação por meio de três fatores — sujeito correferente, parcialmente correferente e não correferente — demonstrando que, nos dados de escrita, a quebra de continuidade referencial (sujeito parcialmente ou não correferente) favoreceu fortemente a presença das finais desenvolvidas, associadas a maior codificação formal (PR = 0,81 e 0,76, respectivamente). O autor também observou que a não correferencialidade tende a coocorrer com a explicitação do sujeito na oração subordinada, reforçando a escolha da variante mais marcada (*para que* + subjuntivo)³⁶. Em consonância com esses achados, Finck (2000) verificou, no *corpus* VARSUL, que a combinação: sujeito correferente + sujeito não explícito — configuração prototípica das finais reduzidas — atingiu

³⁶ Nossa pesquisa considerou apenas dois fatores: sujeito correferente e não correferente.

alta frequência (90%), confirmando a associação entre continuidade referencial, omissão do sujeito e preferência pelas formas reduzidas. Em conjunto, esses estudos evidenciam que a correferencialidade atua como mecanismo organizador da relação entre o segmento antecedente e o segmento de valor final, modulando o grau de complexidade estrutural na expressão da finalidade no PB.

Vejamos as seguintes ocorrências retiradas de nossas amostras produzidas pelo mesmo informante, que ilustram o funcionamento da correferencialidade na articulação entre o segmento antecedente e o segmento de valor final:

(24) a. eu sei que rolou uma certa pressão *para que* a gente saísse. (M2S25A49 - VMPOSC)

b. eu pego e saio *para* fazer alguma coisa assim, senão eu acabo ficando em casa mesmo. (M2S25A49 - VMPOSC)

Em (24a), temos uma resposta dada pela informante, ao ser questionada sobre a casa em que ela morava com seus pais na infância e se havia acontecido algo marcante. A entrevistada empregou a sequência *para que* diante de sujeitos não correferenciais. O segmento antecedente tem como sujeito a primeira pessoa do singular “eu”, e inclui uma construção completiva tradicionalmente classificada como oração substantiva objetiva direta “que rolou uma certa pressão”. Já no segmento de valor final, o sujeito é “a gente”, não correferencial em relação ao sujeito do segmento antecedente. A informante recorre, então, ao modo subjuntivo na configuração do segmento introduzido por *para*, ao passo que os segmentos anteriores são realizados com verbos no indicativo.

Em (24b), o entrevistador pergunta se a informante costumava sair nos fins de semana. Nessa ocorrência, observa-se a presença do conector *para*; ainda assim, a articulação final se organiza por uma configuração menos marcada, uma vez que o segmento antecedente é construído com verbo no indicativo e o segmento de valor final se realiza em forma reduzida de infinitivo. Como os sujeitos dos dois segmentos são correferenciais, mantém-se a forma não flexionada do infinitivo, em conformidade com um arranjo estrutural recorrente na fala fluida. Esse comportamento sugere que, em contextos mais rotineiros e de maior integração entre os segmentos, a correferencialidade dos sujeitos tende a favorecer configurações sintaticamente menos complexas.

Essa variável foi operacionalizada a partir de duas configurações principais:

Sujeito correferente: o sujeito do segmento antecedente e o do segmento de valor final são o mesmo, seja por elisão (sujeito zero), por pronome ou por repetição lexical.

Sujeito não correferente: os sujeitos do segmento antecedente e do segmento de valor final são distintos, isto é, o segmento final introduz um referente novo ou diferente daquele presente no segmento antecedente, interrompendo a continuidade referencial.

Com base nos estudos variacionistas e funcionalistas que examinaram a correferencialidade de sujeitos (Finck, 2000; Deoclécio, 2011; Ramos e Silva, 2022), espera-se que, no VARSUL, a continuidade referencial favoreça a redução e a ausência de *para*, dada a menor necessidade de codificação em contextos previsíveis e informacionalmente integrados. As ocorrências em que o sujeito do segmento de valor final não é correferencial ao do segmento antecedente tendem a favorecer a forma *para*, uma vez que a introdução de um novo referente amplia a carga informacional e demanda maior transparência estrutural, padrão coerente com a marcação observada por Deoclécio (2011) na escrita e, em certa medida, também na fala.

Para o VMPOSC, prevê-se que a presença de sujeito correferente deve favorecer a redução ou a ausência do conector, acompanhando a tendência das crianças a produzir encadeamentos sintáticos compactos e prosodicamente integrados. Já os contextos de não correferência devem favorecer de forma marcada a presença da preposição, pois a introdução de novos referentes costuma demandar maior codificação explícita, funcionando como mecanismo de apoio à organização discursiva. Dessa forma, o VMPOSC deve refletir de maneira ampliada o padrão previsto pelo princípio da marcação: continuidade referencial associada à redução e ruptura referencial associada à forma plena.

A hipótese conjunta propõe que a correferencialidade do sujeito condiciona a variação segundo o princípio da marcação: sujeitos correferentes devem favorecer a redução e a ausência, pela maior previsibilidade referencial; sujeitos não correferentes devem favorecer a forma plena, pela necessidade de maior codificação.

b) Resultados e discussão

Para visualizar a distribuição das configurações de correferencialidade do sujeito nas duas amostras, apresenta-se a Tabela 7, que demonstra o comportamento referencial estabelecido entre o segmento antecedente e o segmento de valor final em cada um dos bancos.

Tabela 7 - Distribuição de *para* segundo a correferencialidade do sujeito - VARSUL

Sujeito Correferencial					
Configurações	Sujeito correferente		Sujeito não correferente		Total
Segmento antecedente em oração finita no indicativo + segmento introduzido por <i>para</i> em forma reduzida de infinitivo	505 (93,17%)		37 (6,83%)		542 (69,31%)
	ausência 76 (14,02%)	presença 429 (79,15%)	ausência 2(0,37%)	Presença 35 (6,46%)	
Segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo + segmento introduzido por <i>para</i> em forma reduzida de infinitivo	169 (96,02%)		7 (3,98%)		176 (22,51%)
	ausência 45 (25,57%)	presença 124 (70,45%)	ausência 1 (0,57%)	Presença 6 (3,41%)	
Outras configurações da articulação final	43 (67,19%)		21 (32,81%)		64 (8,18%)
	ausência 6 (9,38%)	presença 37 (57,81%)	ausência 2 (3,12%)	presença 19 (29,69%)	
Total: 782					

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

Os resultados foram organizados em três configurações sintáticas principais, correspondentes às estruturas que mais favoreceram a articulação final. Cumpre observar, contudo, que este levantamento se baseou exclusivamente em configurações formadas por períodos compostos; por essa razão, foram excluídas da análise todas as ocorrências em que o valor final se realizava por meio de sintagmas nominais, seja no segmento antecedente, seja no segmento introduzido por *para*. Outro aspecto relevante refere-se ao agrupamento da forma plena *para* na categoria presença do conector, uma vez que, nas duas amostras, as ocorrências com essa forma ou com locuções do tipo *para que* e *pra que* totalizaram apenas 58 dados, dos quais 50 apresentavam sujeitos correferenciais e apenas 8 exibiam sujeitos distintos.

Os resultados do VARSUL confirmam de modo claro que a correferencialidade dos sujeitos atua como condicionador robusto da realização de estruturas intra e interacionais

finais mais reduzidas. Nas estruturas em que o segmento antecedente e o segmento introduzido por *para* compartilham o mesmo sujeito — seja por elisão, por pronome ou por repetição lexical —, observou-se predominância categórica de sujeitos correferenciais, alcançando 93,17% na configuração segmento antecedente em oração finita no indicativo + segmento introduzido por *para* em forma reduzida de infinitivo, e 96,02% na configuração segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo + segmento introduzido por *para* em forma reduzida de infinitivo. Nessas configurações, a ausência do conector mostrou-se mais expressiva, especialmente nas sequências com infinitivo, o que sugere que a continuidade referencial reduz a necessidade de codificação formal e favorece estruturas mais compactas, conforme apontado por estudos anteriores (Deoclécio, 2011). Em contrapartida, quando há ruptura referencial, a ausência do conector torna-se mínima, sinalizando que a introdução de novos referentes demanda maior explicitação sintática e prosódica, em consonância com o princípio funcionalista da marcação. Desse modo, o comportamento do VARSUL corrobora integralmente a hipótese proposta: a continuidade referencial favorece formas reduzidas e a ausência do conector, ao passo que a não correferencialidade tende a associar-se à realização explícita da forma plena.

Analisemos na tabela 8 os resultados para o VMPOSC:

Tabela 8 - Distribuição de *para* segundo a correferencialidade do sujeito - VMPOSC

Configuração sintática	Sujeito correferente		Sujeito não correferente		Total
Segmento antecedente em oração finita no indicativo + segmento introduzido por <i>para</i> em forma reduzida de infinitivo	177 (75,32%)		58 (24,68%)		235 (76,05%)
	ausência 27 (11,49%)	presença 150(63,83%)	ausência 7 (2,98%)	Presença 51 (21,7%)	
Segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo + segmento introduzido por <i>para</i> em forma reduzida de infinitivo	49 (90,74%)		5 (9,26%)		54 (17,47%)
	ausência 19 (35,19%)	presença 30 (55,55%)	ausência 0 (0%)	Presença 5 (9,26%)	
Outras configurações da articulação final	15 (75%)		5 (25%)		20 (6,47%)
	ausência 0 (0%)	presença 15 (75%)	ausência 0 (0%)	Presença 5 (25%)	

Total: 309	
------------	--

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

No VMPOSC, a correferencialidade dos sujeitos também se destaca como fator determinante no favorecimento de formas reduzidas e da ausência do conector finalístico, com intensidade ainda maior do que no VARSUL, o que sugere um estágio mais avançado de mudança linguística. As configurações mais reduzidas apresentam correferencialidade quase categórica — novamente acima de 96% — e exibem proporção mais elevada de ausência do conector, sobretudo nas sequências com infinitivo, indicando que as crianças e os jovens do corpus operam com articulações sintáticas mais compactas e prosodicamente mais integradas. Em contrapartida, as ocorrências com sujeitos não correferenciais mantêm-se fortemente associadas à presença de *para*, confirmando que a introdução de novos referentes amplia a carga informacional da construção e demanda maior transparência estrutural. Esse padrão, mais intenso no VMPOSC, confirma a hipótese de que a continuidade referencial favorece formas reduzidas e a ausência do conector e sugere que, entre falantes mais jovens, a redução de *para* se encontra mais enraizada na gramática do uso cotidiano. Assim, os resultados apontam não apenas para a confirmação da hipótese, mas também para o avanço de um processo de compactação morfossintática na fala chapecoense.

A análise conjunta dos corpora VARSUL e VMPOSC confirma integralmente a hipótese de que a correferencialidade do sujeito condiciona a variação segundo o princípio da marcação: a continuidade referencial favorece sistematicamente a redução ou a ausência da preposição, enquanto a ruptura referencial exige maior codificação formal e, portanto, promove o uso da forma plena, comportamento convergente nas duas amostras e estável ao longo do tempo.

5.2.1.3 Nível sintático

5.2.1.3.1 Configuração sintática da articulação final

a) Caracterização e hipóteses

Deoclécio (2011) tratou da configuração sintática do período composto ao analisar a variação entre orações finais desenvolvidas (*para que* + subjuntivo) e reduzidas (*para/prá* + infinitivo), controlando fatores estruturais tanto da oração principal quanto da subordinada.

Entre esses fatores, destacou-se a variável “Características sintático-semânticas do sujeito da oração principal”, cujo resultado mais relevante indicou que sujeitos não controladores, inanimados ou oracionais favorecem fortemente as finais desenvolvidas, refletindo maior complexidade estrutural (PR = 0,94). Também foram examinados condicionadores como a correferencialidade e a explicitação do sujeito da oração final, a voz/aspecto do verbo e a posição da subordinada, compondo um quadro abrangente dos efeitos morfossintáticos que modulam a escolha entre formas marcadas e não marcadas.

De modo complementar, Wiedemer (2008) também abordou aspectos estruturais do período composto ao analisar a função discursiva de finalidade na co-ocorrência de *para/prá* após o verbo *ir* seguido de locativo, mostrando que escolhas sintáticas são sensíveis tanto ao contexto discursivo quanto às relações estabelecidas entre as orações.

Porém, nos dados analisados nesta dissertação, consideramos que as orações infinitivas de finalidade ocorrem principalmente em dois tipos de configuração sintática da articulação final:

(i) articulação intraoracional com subordinação única: segmento antecedente + um único segmento de valor final (configuração padrão)

(25) a. O terreno que eu comprei *pra* construir a minha casa também. (F1S25a49 VMPOSC)

b. [...] Eu saía oito horas da (pausa) da paróquia, ia mais ou menos vinte e cinco a trinta e cinco quilômetros Ø rezar a missa. (M2F1Ciclo+50 VARSUL)

(ii) articulação intraoracional com subordinação múltipla ou encadeada: segmento antecedente + dois ou mais segmentos de valor final (sequência enumerativa)

c. Ela (a mãe) tinha uma lavoura *para* plantar, Ø manter a qualidade, plantava *para* ter o milho...tinha vaca, porco, algumas coisa *para* ajudar na alimentação. (M2M+50 VARSUL)

d. Você vai na festa *pra* se divertir, Ø conversar com os amigos, vá, vá, Ø se dialogar com a sociedade. (M2F1Ciclo+50 VARSUL)

No VARSUL, espera-se que as configurações sintáticas da articulação final com subordinação única favoreçam a presença da preposição *para*, uma vez que a relação finalística é expressa de modo mais isolado e menos sujeito à pressão articulatória do fluxo discursivo; nesses contextos, não há competição entre múltiplos segmentos de valor final, o que tende a preservar a codificação formal. Já as configurações com subordinação múltipla ou encadeada, em que dois ou mais segmentos de valor final se acumulam após o segmento antecedente, devem favorecer a redução ou a ausência da preposição, pois a sucessão rítmica de finalidades cria ambientes mais fluidos e foneticamente comprimidos, propícios à simplificação morfossintática — especialmente na fala espontânea típica do VARSUL. Assim, a hipótese é de que, quanto maior o encadeamento de segmentos finais, maior a probabilidade de redução e de ausência de *para*.

Para o VMPOSC, projeta-se um efeito ainda mais acentuado da configuração sintática da articulação final. A subordinação única deve favorecer a forma *para*, mas esse favorecimento tende a ser menos robusto do que no VARSUL, dado o estilo discursivo mais fluido e menos segmentado das narrativas. Em contrapartida, a subordinação múltipla ou encadeada deve favorecer fortemente a redução e a ausência do conector, já que as crianças frequentemente organizam seus relatos por sequências rápidas de ações finalísticas (“fiz X pra Y, pra Z, pra A...”), gerando cadeias prosódicas integradas que reduzem ainda mais a necessidade de repetição explícita da preposição. Assim, a hipótese para o VMPOSC é a de que a redução seria ainda mais sistemática nas configurações com múltiplos segmentos de valor final, amplificando o padrão esperado no VARSUL.

A hipótese conjunta é a de que as configurações da articulação final com subordinação única favorecem a forma *para*, enquanto configurações encadeadas favorecem a redução e a ausência do conector pela maior fluência e compactação discursiva.

b) Resultados e discussão

Para visualizar a distribuição das configurações sintáticas da articulação final nas duas amostras, apresentam-se as Tabelas 9 e 10, que demonstram como se organizam as estruturas subordinativas em cada um dos bancos.

Tabela 9 - Distribuição de *para* segundo a configuração sintática da articulação final -

VARSQL

Configuração da articulação final	Subordinação única		Subordinação múltipla/ encadeada		Total
	Ausência	Presença	Ausência	Presença	
Segmento antecedente em oração finita no indicativo + segmento introduzido por <i>para</i> em forma reduzida de infinitivo	53 (9,78%)	380 (70,11%)	25 (4,61%)	84 (15,5%)	542/ 996 (54,42%)
Segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo + segmento introduzido por <i>para</i> em forma reduzida de infinitivo	29 (16,48%)	96 (54,54%)	17 (9,66%)	34 (19,32%)	176 / 996 (17,67%)
Outras configurações da articulação final	10 (3,6%)	203 (73,02%)	7 (2,52%)	58 (20,86%)	278/ 996 (27,91%)
Total 996					

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

A análise da variação no VARSUL confirma a hipótese de que a configuração sintática da articulação final atua como um fator condicionante fundamental. Na configuração mais produtiva *segmento antecedente em oração finita no indicativo + segmento introduzido por para em forma reduzida de infinitivo* (54,42% das ocorrências), a presença do conector é predominante, somando 70,11% dos casos no padrão de subordinação única. Ainda assim, quando se observa a distribuição interna entre presença e ausência em cada tipo de articulação, nota-se que a ausência do conector se torna proporcionalmente mais expressiva nos contextos de subordinação múltipla ou encadeada. Nessa primeira configuração, a ausência corresponde a 12,24% nos casos de subordinação única (53 em 433) e sobe para 22,94% nos casos de subordinação múltipla/encadeada (25 em 109). Tendência semelhante se verifica na configuração *segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo + segmento introduzido por para em forma reduzida de infinitivo* (17,67% do total), em que a ausência passa de 23,2% nos contextos de subordinação única (29 em 125) para 33,3% nos contextos encadeados (17 em 51). Observa-se, portanto, que a sucessão rítmica de finalidades cria um ambiente prosódico e

discursivo favorável à simplificação morfossintática, sobretudo à ausência do conector, como previsto na hipótese.

Tabela 10 - Distribuição de *para* segundo a configuração sintática da articulação final - VMPOSC

Configuração da articulação final	Subordinação única		Subordinação múltipla/encadeada		Total
	Ausência	Presença	Ausência	Presença	
Segmento antecedente em oração finita no indicativo + segmento introduzido por <i>para</i> em forma reduzida de infinitivo	13 (5,53%)	147 (62,55%)	21 (8,94%)	54 (22,98%)	235/ 374 (62,83%)
Segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo + segmento introduzido por <i>para</i> em forma reduzida de infinitivo	14 (25,93%)	24 (44,44%)	5 (9,26%)	11 (20,37%)	54/ 374 (14,44%)
Outras configurações da articulação final	1 (1,18%)	62 (72,94%)	1 (1,18%)	21 (24,70%)	85/ 374 (22,73%)
Total: 374					

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

O VMPOSC apresenta um padrão que, embora seja mais complexo devido à distribuição dos percentuais absolutos, também converge com a hipótese de que a configuração sintática da articulação final favorece a redução e a ausência do conector.

Na configuração mais frequente *segmento antecedente em oração finita no indicativo + segmento introduzido por para em forma reduzida de infinitivo*, a ausência do conector mostra-se mais expressiva nos contextos de subordinação múltipla/encadeada do que nos de subordinação única. Em termos absolutos da amostra, ela passa de 5,53% nos casos de subordinação única para 8,94% nos casos encadeados, o que vai ao encontro da hipótese de que a fluidez discursiva e o encadeamento de finalidades favorecem a simplificação formal.

Na segunda configuração mais frequente *segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo + segmento introduzido por para em forma reduzida de infinitivo*, contudo, o padrão não se repete com a mesma nitidez. Nessa estrutura, a ausência do conector corresponde a 25,93% nos casos de subordinação única e a 9,26% nos casos de subordinação

múltipla/encadeada, o que mostra que o efeito do encadeamento não se distribui de maneira uniforme em todas as configurações. Assim, no VMPOSC, a hipótese se confirma de modo mais claro na configuração mais produtiva, mas se mostra menos estável nas demais, sugerindo que a atuação do encadeamento depende da interação com outros fatores estruturais.

Em suma, os dados de ambos os *corpora* confirmam a hipótese conjunta de que a configuração sintática da articulação final atua como um forte condicionador da variação. O padrão de subordinação única favorece a manutenção da presença do conector, refletindo a necessidade de codificação explícita em contextos de menor pressão articulatória. Por outro lado, as configurações com subordinação múltipla ou encadeada tendem a favorecer a redução e a ausência do conector, atuando como um gatilho para a simplificação morfosintática, impulsionada pela maior fluência e compactação discursiva criadas pela sucessão rítmica de segmentos de valor final.

5.2.1.4 Nível Semântico-pragmático

5.2.1.4.1 *Classificação semântica dos verbos do segmento antecedente e do segmento de valor final*

a) Caracterização e hipóteses

Segundo a classificação semântica proposta por Castilho (2010, p. 414) e por Ilari e Basso (2008), o sistema verbal do português organiza-se em três grandes categorias: verbos de estados (estativos), verbos de movimento e verbos de atividade, sendo as duas últimas provenientes de uma categoria maior chamada processos. Logo, os verbos de processos são bifurcados em de atividade e de movimento. Os primeiros descrevem um processo sem um fim predeterminado, como exemplo: “Safira vende roupa na feira”. Os últimos constituem uma subclasse dos verbos processuais e expressam deslocamento determinado para um fim, a saber: “Safira pintará uma linda aquarela”. Os verbos de estados caracterizam-se por não serem propriamente ações, mas situações que perduram durante algum tempo sem modificar-se. Exemplos como *ser um bom funcionário* em: “Paulo é um bom funcionário” ou *ter facilidade de* em “Tenho facilidade com idiomas” são esquemas imagéticos que demonstram situações que perduram sem modificações por tempo indeterminado.

Exemplos dessas configurações aparecem amplamente em nossas amostras.

(26) a. [...] porque daí eles (os filhos) passam o dia todo fora, né? Ainda mais à noite daí Ø estudar, então é mais brabo, né? (F1F2Ciclo25a49 - VARSUL)

Em (26a), o segmento de valor final, realizado em forma reduzida de infinitivo e com ausência do conector, é representado pelo verbo de atividade “estudar”. Já no segmento antecedente, o verbo *ser*, no presente, configura-se como verbo estativo, por remeter a uma situação durativa.

Percebe-se outra configuração em:

b. Apesar que você saía aí Ø fazer cinco quilômetros aí [...] (M1F1Ciclo25a49 - VARSUL)

Em (26b), o segmento antecedente apresenta um verbo processual de movimento, *sair*, articulado a um segmento de valor final cujo núcleo é o verbo processual de atividade *fazer*, na sequência “fazer cinco quilômetros”. Com base nesse enquadramento teórico, este trabalho adota a mesma classificação aspectual-semântica proposta por esses autores para caracterizar os verbos das ocorrências analisadas.

Os estudos que abordaram a classificação semântica dos verbos como condicionadora da variação linguística concentram-se sobretudo em Deoclécio (2011) e Wiedemer (2008), ambos evidenciando que propriedades verbais — como voz, aspecto e traços semânticos — podem modular escolhas estruturais. Deoclécio (2011), ao investigar a variação entre orações finais desenvolvidas e reduzidas, controlou a variável “Voz/aspecto semântico do verbo da adverbial final”, observando que, embora não estatisticamente significativa no modelo, a voz passiva apresentou tendência a favorecer estruturas mais marcadas, como as finais desenvolvidas. Ainda no âmbito da relação verbo–sujeito, o autor mostrou que sujeitos não controladores, frequentemente associados a verbos de baixa agentividade, favoreceram fortemente a variante desenvolvida (PR = 0,94), indicando que a semântica verbal interage com a configuração sintática no aumento da codificação. De maneira complementar, Wiedemer (2008), ao analisar a regência variável do verbo *ir*, examinou categorias aspectuais³⁷ — como a distinção entre eventos semelfactivos e iterativos e entre perfectivo e imperfectivo —, verificando que apenas o aspecto semelfactivo se mostrou relevante para a seleção da preposição *para*, enquanto o tempo-modo verbal também exerceu influência. Esses achados reforçam que traços semânticos e aspectuais do verbo participam do condicionamento da variação morfossintática. Tradicionalmente, a literatura histórica, como Krischke (1939), já

³⁷ Segundo a classificação aspectual de Vendler (1967) e Smith (1991), eventos semelfactivos são ações pontuais e momentâneas que não apresentam duração interna (ex: bater, saltar). Já os iterativos referem-se à repetição de uma ação. A distinção entre perfectivo e imperfectivo, conforme Comrie (1976), refere-se à visualização da situação como um todo concluído ou em seu desenvolvimento interno, respectivamente.

havia destacado a relação entre determinadas classes de verbos e o uso de *para*, contribuindo para situar essa discussão numa perspectiva diacrônica e descritiva mais ampla.

A noção subjacente à abstração semântica aparece de forma recorrente na literatura funcionalista e nos estudos sobre gramaticalização. Wiedemer (2008) demonstra que a gramaticalização avança sistematicamente em direção a níveis crescentes de abstração, atravessando domínios cognitivos, pragmáticos, semânticos e sintáticos. Nesse processo, a transferência metafórica desempenha um papel decisivo: estruturas originalmente concretas passam a expressar significados mais abstratos — mecanismo igualmente destacado por Guilherme (2018), ao analisar a preposição *para* como resultado da metaforização de sentidos espaciais para valores mais abstratos, como tempo e finalidade. Esse deslocamento segue a hierarquia proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), segundo a qual os itens linguísticos evoluem do concreto ao abstrato. A literatura funcionalista reforça que verbos e preposições frequentemente operam em domínios não concretos, evidenciando que o significado tende a se abstrair progressivamente ao longo do uso. Assim, o pressuposto de que formas linguísticas tornam-se mais abstratas e menos dependentes do espaço físico constitui um fundamento sólido na interpretação funcionalista da mudança e da variação.

Sob esse enquadramento, Guilherme (2018) propõe que elementos linguísticos se distribuem em um *continuum* de concretude a abstração — da pessoa e do objeto aos domínios de atividade, espaço, tempo e qualidade — e que seu comportamento sintático-semântico é sensível a esse gradiente. Aplicado aos verbos, esse princípio implica que predicados mais concretos e dinâmicos, como os verbos processuais de movimento e atividade, situados nos níveis menos abstratos da hierarquia, projetam relações de finalidade altamente previsíveis, permitindo a omissão do conector sem prejuízo interpretativo. Já os verbos estativos, mais próximos dos domínios abstratos de tempo e qualidade, não instauram teleologia nem progressão, exigindo, portanto, maior codificação formal para marcar a relação finalística.

Articulando esse princípio às hipóteses formuladas para os dois bancos, prevê-se que, tanto no VARSUL quanto no VMPOSC, verbos processuais favoreçam a ausência ou redução da preposição, dada a previsibilidade semântica que oferecem, ao passo que verbos estativos favoreçam a presença, pela necessidade de explicitação sintática da finalidade. Em síntese, em ambos os *corpora*, a variação de *para* alinha-se ao grau de abstração semântica do predicado: quanto mais concreto e dinâmico o verbo, maior a propensão à redução e à ausência; quanto mais abstrato, maior a necessidade de presença do conector.

Diante do comportamento observado nas amostras do VARSUL, formulamos a hipótese de que a ausência do conector seria favorecida em contextos dominados por verbos processuais

(atividades e movimentos), cuja menor abstratização semântica torna altamente previsível o propósito subsequente. Espera-se que verbos de movimento — por implicarem intrinsecamente um destino ou objetivo — ativem com maior frequência a redução e a ausência de *para*, já que o valor finalístico é recuperável sem marcação formal. A correferencialidade de sujeitos deve reforçar esse efeito, uma vez que a continuidade referencial reduz a necessidade de codificação explícita e harmoniza-se com o princípio funcionalista da economia. Assim, no VARSUL, a ausência ou a redução do conector deve ser estatisticamente associada a verbos de baixa abstração e a configurações de alta previsibilidade sintático-semântica, enquanto verbos estativos — semanticamente mais abstratos — tendem a manter a presença.

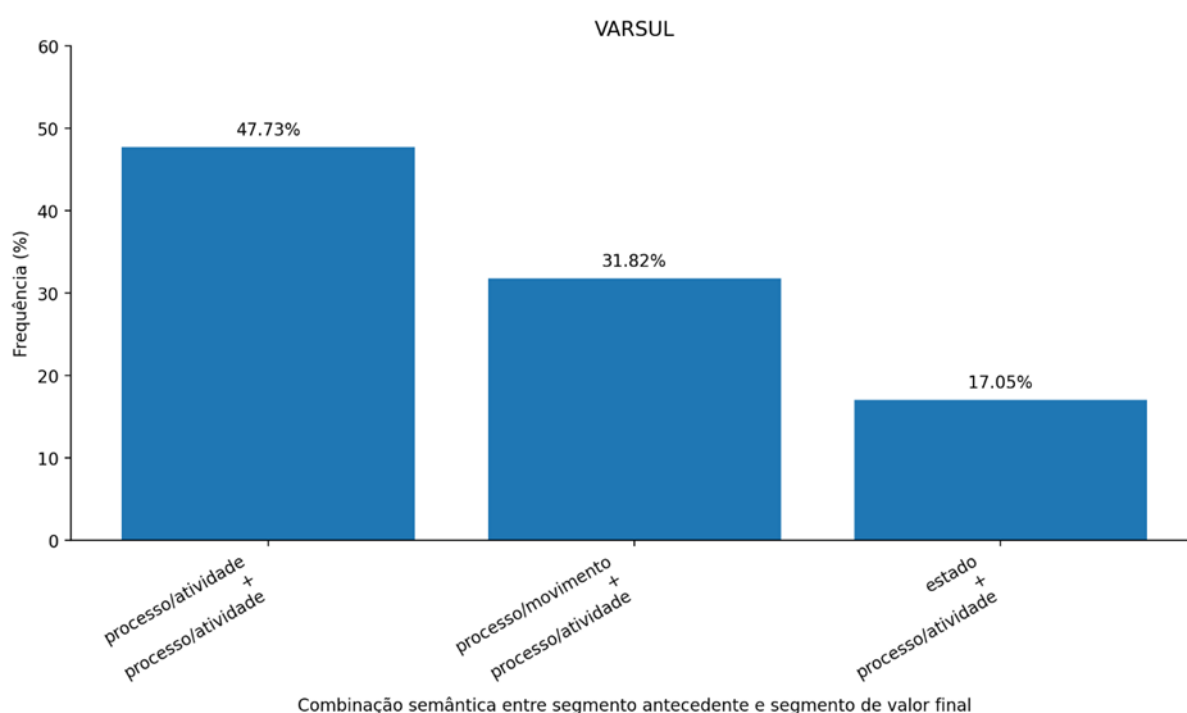
No VMPOSC, projetamos que o favorecimento da ausência e da redução ocorrerá em ambientes com verbos de movimento, cuja concretude semântica e dinamismo introduzem sequências rápidas de ações orientadas a um objetivo, tornando o conector redundante no fluxo discursivo. Verbos de atividade também devem, portanto, favorecer a ausência e a redução em razão da convergência entre baixa abstratização e teleologia facilmente inferível. Em contraste, verbos estativos — situados em níveis mais altos do *continuum* de abstração e menos compatíveis com ações subsequentes — devem favorecer a presença para garantir clareza da relação finalística. Assim, para o VMPOSC, o grau de abstratização do verbo principal deve modular a presença de *para* de forma mais intensa, ampliando o padrão previsto para o VARSUL.

Desse modo, a hipótese conjunta sustenta que verbos processuais (movimento e atividade), por operarem em níveis semânticos menos abstratos e altamente teleológicos, favorecem a redução ou a ausência da preposição, enquanto verbos estativos, mais abstratos e não teleológicos, favorecem a presença por demandarem maior explicitação da relação de finalidade.

b) Resultados e Discussões

Consideramos apenas as ocorrências com ausência de *para* a fim de classificarmos semanticamente os verbos, examinando a combinação entre o verbo do segmento antecedente e o do segmento de valor final nos dois *corpora*. O gráfico abaixo apresenta os resultados do VARSUL.

Gráfico 11 - Classificação semântica dos verbos com ausência de conector em segmentos finais - VARSUL



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Os resultados do VARSUL confirmam a hipótese de que verbos situados em níveis menores de abstratização — verbos processuais de movimento e atividade — favorecem a ausência da preposição.

O Gráfico 11 sumariza a distribuição das ocorrências de ausência do conector de finalidade, analisando o par de aspectos inerentes entre o verbo do segmento antecedente e do verbo do segmento de valor final. O resultado central revela que a ausência de *para* é fortemente favorecida em contextos de dinamicidade verbal, nos quais uma ação ou atividade conduz diretamente a outra ação subsequente, refletindo alta previsibilidade sintático-semântica e reduzida necessidade de marcação formal.

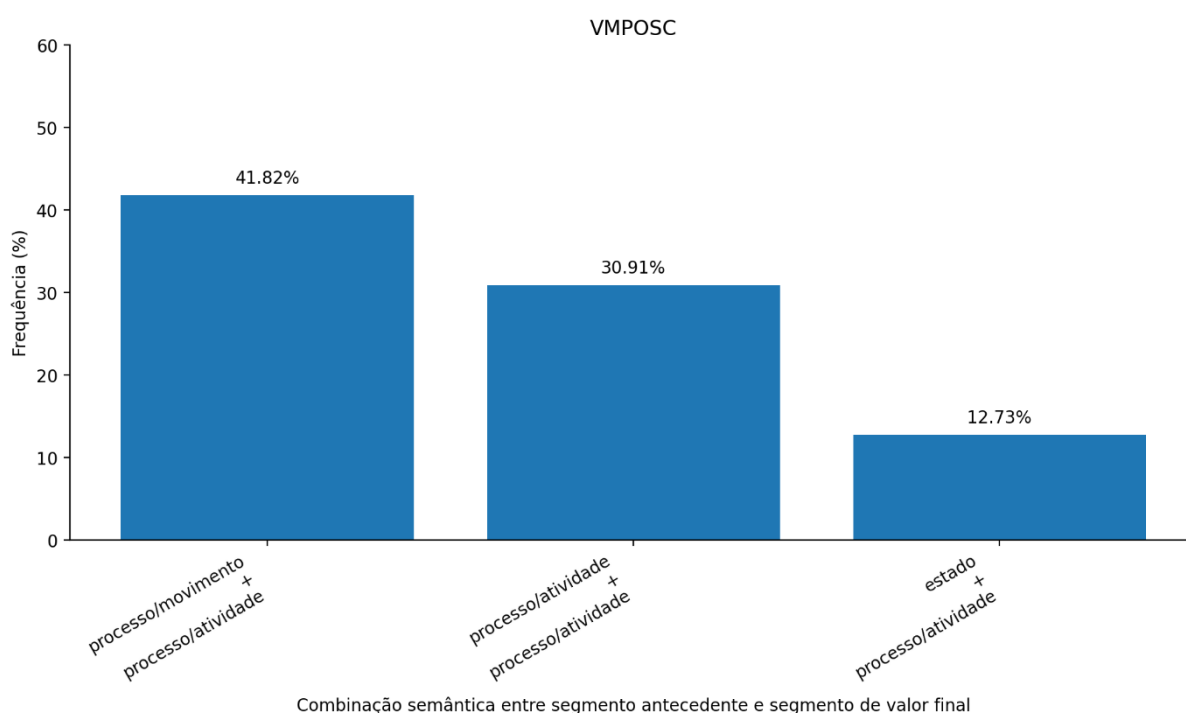
A categoria processo/atividade + processo/atividade é a mais expressiva, alcançando 47,73% das ocorrências, seguida da combinação processo/movimento + processo/atividade, com 31,82%. Em conjunto, as combinações que envolvem um verbo dinâmico no segmento antecedente (atividade ou movimento) e outro verbo dinâmico no segmento de valor final totalizam 79,55% das ocorrências, revelando que a ausência de *para* ocorre majoritariamente em sequências dinâmicas, concretas e orientadas a um propósito facilmente inferível. Esse padrão confirma que verbos dinâmicos — por instaurarem progressão e direcionalidade — tornam a relação de finalidade altamente inferível, favorecendo a ausência do conector.

Do ponto de vista da abstratização, esses verbos situam-se nos níveis mais baixos do *continuum* semântico (atividade > movimento), próximos de eventos fisicamente representáveis e de alta previsibilidade pragmática. É justamente essa concretude que permite ao falante omitir o marcador de finalidade sem prejuízo interpretativo, pois a relação teleológica é inerente ao encadeamento de ações.

Já as combinações que incluem um verbo de estado no segmento antecedente — mais abstrato, menos agente e sem projeção teleológica — representam apenas 17,05% dos casos. Isso confirma que predicados abstratos, por não instaurarem com a mesma nitidez trajetórias ou metas, tendem a demandar maior explicitação formal da relação de finalidade, associando-se com menor frequência à ausência do conector. Assim, o comportamento do VARSUL é coerente com o processo de abstratização semântica e reforça sua aplicabilidade na modelagem da variação.

Passamos agora à análise do VMPOSC, a fim de verificarmos se o padrão observado no VARSUL se mantém em um *corpus* de natureza distinta — marcado por narrativas infantis, maior fluência discursiva e alta rotinização de sequências verbais.

Gráfico 12 - Classificação semântica dos verbos com ausência de conector em segmentos finais - VMPOSC



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A distribuição apresentada no VMPOSC confirma a hipótese formulada: a ausência do conector ocorre majoritariamente em contextos verbais dinâmicos, nos quais a relação de finalidade é previsível e recuperável sem marcação formal.

O gráfico mostra que o segmento de valor final é predominantemente associado a contextos em que o segmento antecedente envolve deslocamento ou movimento. A categoria processo/movimento + processo/atividade é a mais frequente e substancial, representando 41,82% das ocorrências, seguida por processo/atividade + processo/atividade, com 30,91%. Em conjunto, essas duas combinações alcançam 72,73% das ocorrências, revelando novamente que a ausência emerge em ambientes de baixa abstratização.

A predominância de verbos de movimento no VMPOSC é particularmente significativa: em narrativas infantis, ações de deslocamento são altamente concretas, imagéticas e sequenciais, o que intensifica a previsibilidade finalística. Nessas estruturas, o valor de finalidade é tão pragmática e semanticamente recuperável que a preposição se torna opcional aos ouvidos do falante. O conector, portanto, é absorvido pela dinamicidade da cadeia predicativa.

As ocorrências que incluem verbos estativos no segmento antecedente somam apenas 12,73% na combinação estado + processo/atividade, o que evidencia que predicados situados em níveis mais altos de abstratização — que remetem a estados, qualidades ou condições durativas — não projetam naturalmente trajetórias ou metas, demandando marcação formal para codificar a relação finalística. Nesses ambientes, a ausência seria interpretativamente custosa. Em síntese, o VMPOSC confirma não apenas a hipótese individual, mas também reforça o gradiente de abstratização: quanto mais concreto e dinâmico o predicado, maior a tendência à ausência; quanto mais abstrato e estático, maior a necessidade da presença do conector.

Por fim, os resultados confirmam a hipótese conjunta: a variação da preposição *para*, em contextos intra e interoracionais finalísticos, alinha-se diretamente ao gradiente de abstratização semântica do verbo, constituindo forte evidência funcionalista de que a economia e a previsibilidade orientam a ausência do conector em estruturas mais concretas. Portanto, o favorecimento da elisão em contextos dinâmicos, correferenciais e prosodicamente integrados são compatíveis com o fortalecimento pragmático descrito na literatura funcionalista (Traugott, 1988; Traugott e König, 1991; Hopper e Traugott, 1993), segundo o qual a contiguidade conceitual entre eventos permite que marcas linguísticas sejam omitidas sem perda interpretativa. A trajetória de redução de *para*, observada nos dois recortes temporais, alinha-

se à metonímia como mecanismo de gramaticalização, em que o valor finalístico passa a ser recuperado pelo contexto e não pela codificação formal.

5.2.2 Condicionadores extralinguísticos

5.2.2.1 Fatores sociais

Os condicionadores sociais selecionados atuam na difusão e no prestígio das variantes linguísticas, moldando o ritmo das mudanças na língua. A escolha de fatores dessa natureza se justifica por sua recorrência e relevância em estudos sociofuncionalistas precedentes. Eles foram adotados, portanto, na caracterização dos informantes das amostras de fala de Chapecó, presentes nos bancos de dados do VARSUL e VMPOSC, na formulação das hipóteses da pesquisa e na definição do objetivo analítico desta investigação.

A importância desses fatores sociais é central para a Sociolinguística Variacionista, um dos pilares da interface sociofuncionalista. Segundo Labov (2008 [1972], p. 281), “as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”, o que evidencia a influência do gênero masculino/feminino nas escolhas variacionais. Em relação à faixa etária, a literatura indica que “os falantes mais jovens apresentam maior tendência a usar formas inovadoras que idosos favorecedores da forma padrão.” Quanto à escolaridade, estudos mostram que, quanto mais elevado for o nível instrucional, maior tendência à conservação das formas, já os níveis de escolaridade mais baixos inclinam-se a formas inovadoras. Essa abordagem sustenta que a mudança se espalha de forma gradual ao longo do espectro social — gênero, idade, escolaridade — reforçando que o uso real da língua nas comunidades depende não apenas de condicionadores estruturais, mas também do perfil social dos falantes.

Os estudos sociofuncionalistas e variacionistas que investigaram a influência de gênero, idade e escolaridade na variação de *para*, por exemplo Wiedemer (2008), Silva (2010), Deoclécio (2011), Ferreira (2014, 2018), Guilherme (2018) e Almeida e Oliveira (2021), revelam um conjunto de tendências amplamente convergentes. Em geral, as formas reduzidas (especialmente *pra*) são majoritárias na fala brasileira, enquanto *pa* aparece como variante residual ou estigmatizada, frequentemente associada a grupos específicos.

A partir desse panorama geral, passamos agora à apresentação da caracterização e das hipóteses de cada um dos fatores sociais que, considerados individualmente, revelam como gênero, faixa etária e escolaridade modulam a presença ou ausência do fenômeno aqui investigado.

5.2.2.1.1 Gênero/sexo

a) Características e hipóteses

Pela análise da dimensão diassexual, observamos se o sexo/gênero com que os falantes se identificam provoca alguma alteração de presença ou de ausência do conector finalístico. A variável foi categorizada na díade masculino e feminino, conforme a autodeclaração dos informantes. A partir das expectativas da TVM, pressupõe-se que o comportamento sociolinguístico se distribui de maneira sistemática: mulheres, geralmente mais sensíveis às normas de prestígio e ao monitoramento estilístico, tendem a preservar formas consideradas socialmente mais estáveis ou menos estigmatizadas; homens, por sua vez, frequentemente se mostram mais permeáveis a variantes inovadoras ou associadas ao prestígio encoberto.

Nossas hipóteses seguem essa orientação teórica. Projetamos que o gênero feminino tenderia a favorecer a presença do conector em contextos intra e interacionais finalísticos, por associação a usos mais estáveis e mais monitorados. Em contrapartida, postulamos que o gênero masculino tenderia a favorecer a ausência do conector, por se tratar da variante mais inovadora, menos monitorada e mais compatível com a fluidez discursiva.

Os resultados de pesquisas anteriores corroboram esse cenário social: em diferentes comunidades brasileiras, estudos apontam que mulheres evitam variantes estigmatizadas, favorecendo formas socialmente mais estáveis, como *pra*, em detrimento de *pa* (Deoclécio, 2011; Ferreira, 2014; Silva, 2010; Almeida e Oliveira, 2021). Já os homens, em contrapartida, costumam apresentar maior adesão a variantes inovadoras ou menos monitoradas, como *pa*, ou menor manutenção de formas avaliadas como socialmente conservadoras. Esses padrões embasam a expectativa de que o sexo/gênero seja um condicionador relevante no comportamento das variantes finalísticas analisadas, ainda que o peso específico desse fator sobre a presença ou a ausência do conector deva ser verificado empiricamente nesta pesquisa.

5.2.2.1.2 Faixa etária

a) Características e hipóteses

Pelo controle da dimensão diageracional, podemos verificar se a geração provoca ausência ou presença de *para*, pelo fato de nossas hipóteses convergirem com as expectativas da Sociolinguística Variacionista, isto é, gerações mais jovens tendem a utilizar variantes mais inovadoras, enquanto falantes mais velhos preservam formas mais conservadoras. Assim, a

idade funciona como um marcador social capaz de sinalizar estágios distintos de uma possível mudança em curso.

Os *corpora* foram estratificados nas seguintes faixas etárias, conforme a composição das amostras do VARSUL (1990) e do VMPOSC (2014):

- Crianças/Pré-adolescentes (7 a 14 anos): VMPOSC;
- Adolescentes/Jovens (15 a 24 anos): VMPOSC;
- Adultos (25 a 49 anos): VARSUL e VMPOSC;
- Idosos (50 anos ou mais): VARSUL.

Essa estratificação permite comparar grupos sociais distintos dentro de cada comunidade de fala e observar como a variável idade se articula à escolha das variantes.

A comparação entre as gerações pelo tempo aparente foi feita dentro de cada *corpus* isoladamente, verificando se, no mesmo período de coleta, os falantes mais jovens apresentam menor frequência de presença do conector e maior frequência de ausência do que os falantes mais velhos. Caso essa diferença de comportamento linguístico entre gerações seja confirmada, constitui um indício de mudança linguística em curso, uma vez que sugere avanço, entre as gerações mais novas, de uma estratégia mais inovadora de não realização do conector.

Já a análise do tempo real foi conduzida pela comparação entre as frequências de presença e de ausência do conector nas amostras de 1990 (VARSUL) e 2014 (VMPOSC), controlando-se a faixa etária adulta (25 a 49 anos) presente em ambos os corpora. Essa comparação longitudinal permite verificar se o comportamento linguístico de um mesmo grupo social se modificou ao longo de mais de duas décadas, constituindo evidência direta de mudança ao longo do tempo.

No que diz respeito à faixa etária, os estudos anteriores apresentam resultados heterogêneos, mas convergem em dois padrões amplamente observados:

(1) Em algumas comunidades, falantes mais velhos utilizam mais *pra* — comportamento que algumas pesquisas interpretam como remanescente de uma fase anterior da mudança (Ferreira, 2014; 2018).

(2) Em outras, falantes mais jovens impulsionam variantes inovadoras (*pra* ou *pa*), dependendo do valor social ou estilístico atribuído a cada forma (Silva, 2010; Deoclécio, 2011; Ferreira, 2014, 2018; Guilherme, 2018; Almeida; Oliveira, 2021).

Esses padrões reforçam que a idade atua de modo dinâmico e não uniforme, sendo sensível às normas locais e à avaliação social das variantes.

5.2.2.1.3 Escolaridade

a) Características e hipóteses

O nível de escolaridade constitui uma dimensão social importante para os estudos variacionistas, por estar intrinsecamente ligado ao acesso à norma culta da língua e a contextos de maior monitoramento estilístico (como escrita formal e práticas acadêmicas). Em razão disso, a variável escolaridade foi tratada de acordo com a estrutura própria de cada *corpus*: no VARSUL (1990), os informantes são distribuídos nos níveis Primário (P), Ginásial (G) e Colegial (C), conforme a nomenclatura escolar vigente à época do início da coleta; no VMPOSC (2014), adota-se a classificação atualizada: Fundamental anos iniciais (F1Ciclo), Fundamental anos finais (F2Ciclo), Ensino Médio (M) e Ensino Superior (S). Essa distinção entre nomenclatura e sistemas de ensino reflete não apenas diferenças geracionais, mas também transformações institucionais que impactam o acesso à escolarização formal em cada período.

Nossa hipótese fundamenta-se nos pressupostos clássicos da TVM, segundo os quais maior escolarização tende a aumentar a sensibilidade às formas socialmente prestigiadas, de maior monitoramento e proximidade com a norma culta. Assim, projetamos que falantes com níveis mais altos de instrução apresentariam maior frequência de presença de *para*, enquanto falantes com menor escolarização tendam a empregar com mais regularidade variantes inovadoras e menos monitoradas, especialmente a sua ausência, por se tratar de uma opção mais inovadora e menos sujeita ao monitoramento.

Os estudos sociolinguísticos desenvolvidos até este momento colaboram com essa expectativa geral: pesquisas realizadas em algumas comunidades brasileiras mostram que níveis mais elevados de escolaridade tendem a favorecer *pra* e a desencorajar *pa* (Silva, 2010; Deoclécio, 2011; Ferreira, 2014; 2018). Em outras, porém, o efeito da escolaridade interage com outros fatores, como o gênero, modulando a preferência pelas variantes, como demonstrado em Ferreira (2014).

Investigações sobre regência verbal, como a de Wiedemer (2008), também revelam que a escolaridade influencia a seleção entre preposições, ainda que com peso menor do que os condicionadores propriamente linguísticos. Em seu estudo, níveis mais altos de instrução favoreceram certas escolhas preposicionais, enquanto *para* mostrou-se relativamente estável, indicando que o impacto da escolarização pode variar conforme o fenômeno analisado.

De modo amplo, os resultados sociolinguísticos sugerem que os condicionadores sociais atuam sistematicamente, mas com intensidades distintas entre comunidades, refletindo a organização sociocultural local. No panorama geral do PB, consolidam-se três tendências que orientam a formulação das hipóteses para ambos os *corpora*: a preferência generalizada pela forma reduzida *pra*, a distribuição socialmente assimétrica de *pa* e a concentração da forma plena *para* em ambientes mais monitorados, sobretudo na escrita.

Dessa forma, apresentamos a seguir os resultados obtidos e a discussão correspondente para os fatores sociais controlados.

b) Resultados e discussão

As tabelas 11 e 12 a seguir estão divididas por banco de dados e reúnem os resultados das três categorias sociais:

Tabela 11 - Distribuição de *para* segundo os fatores sociais - VARSUL

Variável	Fatores	Ausência de conector	Presença de conector	Total
Gênero	Feminino	69/ 141 (48,9%)	427/ 855 (49,94%)	496/ 996 (49,8%)
	Masculino	72/ 141 (51,1%)	428/ 855 (50,06%)	500/ 996 (50,2%)
Faixa etária	25 a 49 anos	70/ 141 (49,65%)	432/ 855 (50,53%)	502/ 996 (50,40%)
	50 anos ou mais	71/ 141 (50,35%)	423/ 855 (49,47%)	494/ 996 (49,60%)
Escolaridade	Fundamental 1 (P) ³⁸	65/141 (46,1%)	386/ 855 (45,14%)	451/ 996 (45,28%)
	Fundamental 2 (G)	21/ 141 (14,89%)	176/ 855 (20,58%)	197/ 996 (19,78%)
	Ensino médio (C)	55/ 141 (39,01%)	293/ 855 (34,27%)	348/ 996 (34,94%)

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

³⁸ No VARSUL, os níveis Primário (P), Ginásial (G) e Colegial (C) foram harmonizados, respectivamente, com Ensino Fundamental I (F1), Ensino Fundamental II (F2) e Ensino Médio (M) do VMPOSC. Trata-se de uma equivalência funcional, adequada para fins analíticos, embora não corresponda de forma estrita às reformas educacionais brasileiras.

Os resultados do VARSUL revelam que nenhum dos fatores sociais investigados — gênero, faixa etária e escolaridade confirmou as hipóteses sociais relativas à presença e à ausência de *para* no VARSUL. Os resultados para as variáveis sociais revelam um comportamento conservador e pouco estratificado em relação à ausência do conector. No máximo, observa-se uma tendência muito discreta de o gênero masculino associar-se mais à ausência do conector e o feminino à sua presença; contudo, as diferenças são mínimas. Quanto à faixa etária e à escolaridade, os dados não evidenciam um padrão claro e linear capaz de sustentar as hipóteses formuladas, o que sugere que, nesse recorte, os fatores sociais atuam de modo fraco ou pouco consistente sobre a variação.

Quanto ao gênero, a distribuição não apresentou efeito significativo para a presença ou a ausência do conector, indicando que homens e mulheres apresentam comportamentos linguísticos bastante semelhantes na expressão de contextos intra e interacionais finalísticos. Embora, em termos descritivos, os homens apresentem participação ligeiramente maior na ausência do conector e as mulheres apareçam discretamente mais associadas à sua presença, essa diferença é mínima e insuficiente para sustentar um contraste social robusto. Tal neutralidade sugere que, no recorte do VARSUL, a variação entre presença e ausência de *para* já se encontrava amplamente difundida na comunidade chapecoense, sem distinção nítida entre os grupos de gênero. Esse resultado não confirma, portanto, a hipótese de que as mulheres tenderiam a favorecer a presença do conector e os homens, sua ausência. Desse modo, no VARSUL, o gênero não se mostrou um condicionador social forte da variação, o que pode indicar que esse aspecto do fenômeno já apresentava certa estabilização social nos anos 1990.

Quanto à faixa etária, o comportamento também é bastante estável entre os grupos geracionais. Os adultos de 25 a 49 anos respondem por 49,65% das ocorrências de ausência do conector, enquanto os falantes com 50 anos ou mais concentram 50,35%, diferença mínima que não aponta contraste etário relevante. No polo oposto, a presença do conector também se distribui de modo praticamente equilibrado entre os dois grupos, o que afasta, nesse recorte, a identificação de um padrão claro de mudança em curso pelo tempo aparente. Desse modo, os dados do VARSUL não confirmam a hipótese de que os falantes mais jovens tenderiam a favorecer a ausência do conector, nem sustentam a expectativa de que os mais velhos se associariam mais fortemente à sua presença. O que se observa, ao contrário, é um quadro de relativa estabilidade etária, sugerindo que, nos anos 1990, a variação entre presença e ausência de *para* já se encontrava socialmente disseminada entre os diferentes grupos de idade representados na amostra.

Por fim, a escolaridade também não se mostrou um condicionador social robusto da variação entre presença e ausência do conector neste *corpus*. Embora a ausência seja numericamente mais frequente entre os falantes do Fundamental I (46,1%) e do Ensino Médio (39,01%) do que entre os do Fundamental II (14,89%), a distribuição não configura um padrão linear e consistente de estratificação social, como o esperado pela TVM, segundo a qual níveis mais baixos de escolarização tenderiam a favorecer com maior nitidez as formas inovadoras. Do mesmo modo, a presença do conector distribuiu-se entre os diferentes níveis de instrução sem evidenciar tendência clara de favorecimento pelos falantes mais escolarizados. Assim, a escolaridade não emergiu como fator estatisticamente significativo na oposição entre presença e ausência de *para*. Esse resultado sugere que, no VARSUL, o fenômeno já se encontrava amplamente difundido e relativamente neutralizado do ponto de vista social, pouco sensível às estratificações clássicas da Sociolinguística Variacionista. Desse modo, a hipótese inicial de que maior escolarização favoreceria a presença do conector, enquanto menor escolarização tenderia a favorecer sua ausência, não se confirma de modo robusto nesse corpus.

Vejamos, na sequência, os resultados e a análise do VMPOSC, a fim de verificarmos se os padrões observados no VARSUL se mantêm ou se novas correlações sociais emergem na geração mais recente.

Tabela 12 - Distribuição de *para* segundo os fatores sociais - VMPOSC

Variável	Fatores	Ausência de conector	Presença de conector	Total
Gênero	Feminino	25/ 55 (45,45%)	204/ 319 (63,95%)	229/ 374 (61,23%)
	Masculino	30/ 55 (54,55%)	115/ 319 (36,05%)	145/ 374 (38,77%)
Faixa etária	7 a 14 anos	28/ 55 (50,91%)	152/ 319 (47,65%)	180/ 374 (48,13%)
	15 a 24 anos	6/ 55 (10,91%)	30/ 319 (9,4%)	36/ 374 (9,63%)
	25 a 49 anos	21/ 55 (38,18%)	137/ 319 (42,95%)	158/ 374 (42,24%)
Escolaridade	Fundamental 1	16/ 55 (29,09%)	94/ 319 (29,47%)	110/ 374 (29,41%)
	Fundamental 2	12/ 55 (21,82%)	58/ 319 (18,18%)	70/ 374 (18,72%)

	Ensino médio	3/ 55 (5,45%)	15/ 319 (4,7%)	18/ 374 (4,81%)
	Ensino superior	24/ 55 (43,64%)	152/ 319 (47,65%)	176/ 374 (47,06%)

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

Os resultados do VMPOSC revelam um quadro sociolinguístico típico de uma mudança em curso, impulsionada sobretudo pelos falantes mais jovens e pelo sexo masculino, que exibem as maiores taxas de ausência do conector — padrão amplamente documentado na Sociolinguística Variacionista.

Quanto ao gênero, os dados oferecem apoio mais claro à hipótese formulada. As mulheres concentram 63,95% das ocorrências com presença do conector, mas apenas 45,45% das ocorrências de ausência. Os homens, em sentido oposto, respondem por 36,05% da presença e por 54,55% da ausência. Descritivamente, portanto, o VMPOSC sugere um contraste social mais nítido: o gênero feminino se associa mais à presença do conector, ao passo que o masculino se mostra mais vinculado à sua ausência. Diferentemente do que se observou no VARSUL, aqui o fator gênero parece atuar de forma mais visível na distribuição da variação, o que vai ao encontro da hipótese de que a ausência do conector se difundiria com maior força entre os homens, enquanto as mulheres tenderiam a preservar mais sua realização explícita.

No que se refere à faixa etária, os resultados apontam apenas confirmação parcial da hipótese. Os falantes de 7 a 14 anos concentram 50,91% das ocorrências de ausência, contra 47,65% das ocorrências de presença, o que sugere leve favorecimento da ausência entre os mais jovens. A faixa de 15 a 24 anos também aparece numericamente mais associada à ausência (10,91%) do que à presença (9,4%), embora o número total de ocorrências nesse grupo seja bastante reduzido, o que recomenda cautela interpretativa. Já o grupo de 25 a 49 anos se mostra mais associado à presença (42,95%) do que à ausência (38,18%). Em termos descritivos, portanto, há indícios de que os grupos mais jovens favoreçam relativamente mais a ausência do conector, o que se alinha à hipótese de mudança em curso em tempo aparente; ainda assim, essa tendência deve ser interpretada com prudência, especialmente em razão do peso reduzido da faixa intermediária.

Quanto à escolaridade, o quadro não confirma de modo robusto a hipótese inicial. Esperava-se que níveis mais altos de instrução favorecessem a presença do conector e que níveis mais baixos se associassem mais à ausência. No entanto, a distribuição não mostra um gradiente linear claro. O Ensino Superior apresenta, de fato, participação mais alta na presença

(47,65%) do que na ausência (43,64%), o que sugere alguma compatibilidade com a hipótese. Contudo, o Fundamental I aparece praticamente equilibrado (29,47% na presença e 29,09% na ausência), enquanto Fundamental II e Ensino Médio mostram proporções levemente maiores na ausência do que na presença. Desse modo, embora haja um pequeno sinal de que a escolaridade mais alta possa associar-se à presença do conector, o comportamento global da variável permanece irregular e insuficiente para sustentar uma estratificação educacional nítida.

Em conjunto, os resultados dos dois corpora sugerem um avanço no processo de mudança linguística associado à distribuição social da variação. No VARSUL, não se observa uma estratificação social nítida, o que indica que, naquele momento, a oposição entre presença e ausência do conector ainda se distribuía de forma relativamente neutra na comunidade, sem forte sensibilidade aos condicionadores sociais clássicos. Já no VMPOSC, os dados confirmam de modo mais convincente a hipótese relativa ao gênero, confirmam parcialmente a hipótese etária e não sustentam de forma robusta a hipótese referente à escolaridade. Esse contraste em relação ao VARSUL sugere que, no recorte mais recente, a variação passou a apresentar maior sensibilidade social, sobretudo no eixo masculino/feminino, deixando de se comportar como fenômeno socialmente nivelado. Desse modo, pode-se afirmar que o VMPOSC aponta para uma etapa mais avançada do processo de mudança, em que a ausência do conector começa a se estratificar socialmente, sendo favorecida sobretudo por homens e, em certa medida, por falantes mais jovens, ao passo que o VARSUL parece refletir uma fase anterior, de difusão mais ampla e ainda pouco marcada por hierarquias sociais tradicionais.

A comparação diacrônica entre as gerações adultas (25-49 anos) comuns nos dois corpora (VARSUL: 49,65% e VMPOSC: 38,18% de ausência) exige cautela interpretativa. No VARSUL, esse grupo concentra 49,65% das ocorrências de ausência do conector, ao passo que, no VMPOSC, responde por 38,18%. À primeira vista, esse resultado sugere retração da ausência entre os adultos no recorte mais recente, o que não se alinha integralmente à hipótese de mudança em tempo real. Esse descompasso pode estar relacionado à composição social distinta das amostras, especialmente à presença de informantes com Ensino Superior no VMPOSC, grupo inexistente no VARSUL. Ainda que a escolaridade não tenha se mostrado o condicionador mais forte da presença do conector, sua distribuição desigual entre os bancos pode ter elevado o grau geral de monitoramento no corpus mais recente, limitando a comparabilidade direta entre os fatores sociais.

Considerados em conjunto, os resultados do VARSUL e do VMPOSC apontam para um processo de mudança socialmente sensível, embora não linear em todos os estratos. Se, por um lado, o VARSUL revela um quadro de menor estratificação social, por outro, o VMPOSC

mostra com mais nitidez o favorecimento da ausência do conector por grupos socialmente mais inovadores, sobretudo homens e, em certa medida, falantes mais jovens. Assim, mais do que um avanço homogêneo em todos os segmentos da comunidade, os dados sugerem que a ausência de *para* se fortalece de modo desigual, tornando-se progressivamente mais marcada no plano social ao longo das mais de duas décadas que separam os dois corpora.

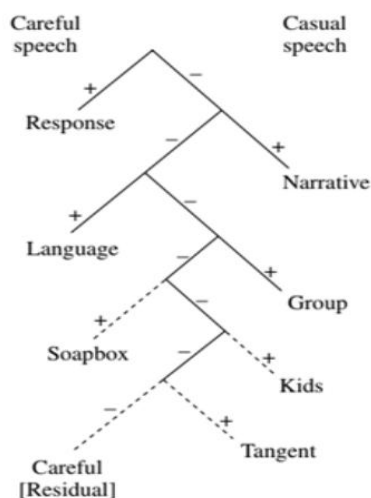
5.2.2.2 Fatores estilísticos

a) Características e hipóteses

O controle dessa variável teve por objetivo verificar se os falantes ajustam seu comportamento linguístico de acordo com a situação sociocomunicativa em que se encontram. Partimos do pressuposto formulado por Labov (1972) no chamado paradoxo do observador: o objetivo da pesquisa sociolinguística é captar a fala mais espontânea do informante, embora a própria situação de observação tenda a interferir em seu comportamento linguístico. Desse modo, assume-se que, em contextos mais controlados, o falante pode monitorar mais intensamente sua fala e seu comportamento; por isso, cabe ao entrevistador estimular perguntas que favoreçam o relaxamento interacional, de modo a propiciar respostas mais casuais e menos monitoradas.

A análise estilística realizada neste estudo baseou-se em uma adaptação da metodologia de controle de estilos proposta por Labov (2001), particularmente a *Árvore de Decisão*. Utilizamos essa ferramenta para categorizar os trechos de fala conforme o grau de formalidade provocado pelos diferentes tipos de perguntas nas entrevistas. Ressaltamos que não se trata de uma aplicação integral do modelo, mas sim de uma apropriação terminológica e metodológica que permitiu segmentar o *corpus* segundo critérios estilísticos de forma sistemática. Abaixo segue o modelo proposto por Labov (2001) em que nos baseamos:

Figura 1 - Árvore de decisão laboviana para monitoramento da variação estilística em entrevistas sociolinguísticas



Fonte: Labov (2001, p.94)

O estilo formal foi identificado nas entrevistas sociolinguísticas em momentos em que o entrevistado respondia a questões relacionadas a temas profissionais, acadêmicos, políticos ou educacionais, ou ainda quando demonstrava maior reflexão e monitoramento da fala. Esses trechos foram categorizados nos seguintes nós³⁹:

Residual (*residual*): respostas curtas, diretas e altamente monitoradas, incluindo frases isoladas sem contexto discursivo ampliado:

(27) a. Pergunta pontual sobre o primeiro namorado:

Não, não gostava muito, namorava porque ele era um rapaz muito limpo, sincero, um rapaz mais ou menos assim inteligente, né? Então eu gostava, mas era Ø ter uma amizade, né? (F1F1Ciclo+50 VARSUL);

Resposta (*response*): enunciados mais longos, ainda ligados ao tema formal, produzidos com organização discursiva e atenção elevada:

b. Ele ficou dois ou três anos, sem trabalhar. E daí, um dia o patrão dele mesmo veio aqui Ø buscar ele, da mesma oficina pra trabalhar lá. Daí voltou e está até agora... (M2F1Ciclo25a49 VARSUL);

³⁹ Separamos um exemplo de cada nó de estilo baseado na ausência do conector por ser a ênfase de nosso trabalho.

Palanque (*soapbox*): trechos argumentativos, com opiniões enfáticas e tom assertivo, em que a formalidade convive com marcas de envolvimento discursivo:

c. Os dois lados e em algumas coisas pode ser que eu concorde, outras não, mas assim, a minha relação com pessoas que moram nesses lugares é, é (pausa) eu acabo tendo relação porque, enquanto jornalista, muitas vezes a gente precisa ir Ø fazer matérias nesses locais. (F1S25a49 VMPOSC).

O estilo casual, por sua vez, foi elicitado por perguntas relacionadas à vida pessoal, histórias familiares e experiências de infância, cujos contextos favorecem menor vigilância consciente sobre a própria fala. Tais trechos foram classificados nos seguintes nós:

Narração (*narrative*): relatos estruturados de experiências pessoais, típicos do estilo altamente espontâneo:

d. [...] Tiveram casos assim muito interessantes, tiveram casos, assim, por exemplo, eu quando eu saía Ø fazer visitas, eu cheguei numa casa tinha uma louca, né? [...] tem que levar o remédio *pra* deixar ela calma, né? (F1FCiclo+50 VARSUL);

Infância (*childhood*): discursos que remetem à vida pregressa, associados a forte relaxamento estilístico:

e. Ah, a gente as vezes saía Ø andar pelos matos ou brincava de carrinho, coisas desse tipo. (M1S15a24 VMPOSC);

Tangente (*tangent*): apartes, desvios temáticos e comentários laterais, muitas vezes carregados de emoção, que evidenciam baixa monitoração linguística:

f. Na minha mãe, a gente almoça praticamente todos os dias lá. E, que é mais prático com a nossa bebê e aí tem que preparar Ø levar pra escola, agora com o mestrado também, então eu não consigo às vezes voltar *pra* almoçar a tempo, lá é o lugar mais prático pra gente. (F2S25a49 VMPOSC).

Essa categorização permitiu delimitar as condições diafásicas que poderiam afetar a presença e a ausência do conector *para*. Nossa hipótese é a de que o estilo atue como fator sociolinguístico relevante: em contextos de fala casual, caracterizados por menor monitoramento, tende a ser favorecida a ausência do conector; em contrapartida, em contextos mais formais, que exigem maior atenção à fala e maior alinhamento a usos monitorados, tende a ser favorecida sua presença.

Dessa forma, apresentamos a seguir os resultados obtidos e a discussão correspondente para o fator estilístico controlado.

b) Resultados e discussão

As Tabelas 13 e 14, organizadas separadamente por banco de dados, apresentam os resultados referentes à variável estilística, permitindo observar como os diferentes estilos de fala condicionam a presença e a ausência do conector em contextos intra e interacionais finalísticos.

Tabela 13 – Distribuição de *para* segundo o estilo de fala - VARSUL

Estilo	Ausência	Presença	Total
Casual	102 (72,34%)	497 (58,13%)	599 (60,14%)
Formal	39 (27,66%)	358 (41,87%)	397 (39,86%)
Total	141	855	966

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

A análise da variação diafásica no VARSUL revela que o estilo atua como um fator altamente significativo para a distribuição entre presença e ausência do conector, confirmando a hipótese da pesquisa. A ausência, por constituir a opção menos monitorada, é claramente favorecida pelo estilo casual, que concentra 72,34% de suas ocorrências. Em contrapartida, o estilo formal, por exigir maior monitoramento e maior atenção à produção linguística, restringe a ausência e favorece a presença do conector, respondendo por apenas 27,66% das ocorrências em que ele não se realiza. Esse resultado confirma o pressuposto laboviano de que a redução do monitoramento da fala cria um ambiente propício à emergência de formas linguísticas menos monitoradas.

Passemos agora à análise do VMPOSC, a fim de verificar, no âmbito da variável estilo, se os padrões identificados no VARSUL se mantêm ou se novas correlações sociais emergem na distribuição entre presença e ausência do conector.

Tabela 14 – Distribuição de *para* segundo o estilo de fala - VMPOSC

Estilo	Ausência	Presença	Total
Casual	39 (70,91%)	185 (57,99%)	224 (59,89%)
Formal	16 (29,09%)	134 (42,01%)	150 (40,11%)
Total	55	319	374

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

No VMPOSC, a estratificação estilística reproduz o mesmo padrão encontrado no VARSUL, reforçando a validade da hipótese formulada. O estilo casual concentra a maior parte das ocorrências de ausência do conector, sendo responsável por 70,91% dos casos. Em contraste, o estilo formal limita a ocorrência da inovação a 29,09% dos casos. A convergência entre os dois *corpora*, o VARSUL (adultos) e o VMPOSC (gerações mais jovens), estabelece que o estilo é um condicionador estável e robusto da distribuição entre presença e ausência do conector em contextos intra e interacionais finalísticos.

Em síntese, os resultados de ambos os bancos de dados confirmam a hipótese de que a variação estilística é um fator altamente significativo na distribuição entre presença e ausência do conector. O estilo casual, caracterizado pelo relaxamento da atenção e menor monitoramento (como narrações, tangente e infância), cria o ambiente de maior fluência, favorecendo a simplificação e, conseqüentemente, a ausência de *para*. Inversamente, o estilo formal (residual, resposta e *soapbox*) exerce a pressão prescritiva esperada, privilegiando a presença de *para*, em consonância com usos mais monitorados e socialmente prestigiados.

5.2.2.3 Comparação temporal das amostras: variação e estabilidade no uso de *para* ao longo das décadas (1990 - 2014)

Esta seção tem como objetivo central comparar os recortes temporais representados pelas amostras do VARSUL (coletadas nos anos 1990) e do VMPOSC (coletadas a partir de 2014), a fim de identificarmos continuidades, divergências e possíveis sinais de mudanças, ou estabilidade, de *para* ao longo das duas décadas que separam as coletas. Embora cada conjunto de dados seja, individualmente, uma amostra sincrônica, seu confronto configura um estudo diacrônico em tempo real, pois permite observar o comportamento de comunidade de fala de

Chapecó em dois períodos distintos. Diferentemente da mudança em tempo aparente, baseada na comparação entre gerações contemporâneas (como contraste entre jovens e adultos no VMPOSC ou no VARSUL), o tempo real é captado pela análise de dados coletados em períodos históricos distintos, oferecendo evidências mais diretas sobre a evolução de um fenômeno variável.

É nesse ponto que o contexto demográfico se torna um elemento crucial da interpretação temporal. Chapecó contava, em 1991, período de coleta das entrevistas do VARSUL, com uma população de 122.889 habitantes. Já no momento da constituição do VMPOSC, conforme dados do IBGE (2014), o município havia alcançado 200.672 moradores. Isso corresponde a um aumento populacional aproximado de 63% ao longo dos 23 anos que separam as duas coletas, representando a incorporação de 77.783 novos habitantes e sinalizando que cada banco foi produzido em contextos sociolinguísticos distintos.

Quando se observa a evolução posterior, considerando a estimativa populacional de 282.648 habitantes para 2025 (IBGE), verifica-se que o ritmo de crescimento se intensificou: entre 2014 e 2025, Chapecó adicionou mais 81.976 habitantes — um incremento de 40,85% sobre o cenário do VMPOSC. No conjunto, a cidade experimentou um crescimento populacional de cerca de 130% ao longo de 34 anos, configurando um cenário de forte renovação demográfica. Essa dinâmica de expansão acelerada, com consequente aumento da heterogeneidade social, é um elemento essencial para a interpretação das diferenças linguísticas observadas entre os *corpora*, uma vez que mudanças populacionais dessa magnitude tendem a reconfigurar perfis sociocomunicativos, práticas de interação e, portanto, padrões de variação linguística.

No caso deste estudo, alguns padrões sugerem transformações em curso: a retração da variante *pa*, o aumento da produtividade de *pra* e a intensificação dos contextos favorecedores da ausência de *para* no VMPOSC, em comparação com o VARSUL, apontam para uma reorganização interna do sistema variável. Ao mesmo tempo, a distribuição entre presença e ausência de *para* evidencia que essas possibilidades coexistem de modo sistemático, sendo condicionadas por diferentes contextos de uso. Tais indícios se alinham ao princípio da heterogeneidade ordenada, segundo o qual as variantes convivem no interior do sistema, mas sua distribuição ao longo do tempo pode revelar direções possíveis de mudança (WLH, 2006 [1968]). A variação entre as formas de *para*, bem como entre sua presença e sua ausência, portanto, não expressa instabilidade, mas reflete um sistema estruturado, em que fatores sintáticos, prosódicos, sociais e discursivos modulam a seleção das diferentes realizações.

Ao cotejar os dois bancos, observam-se justamente os ajustes graduais previstos pelo modelo variacionista: formas reduzidas ganham espaço, variantes residuais perdem produtividade e a ausência de *para* se torna mais frequente em ambientes previsíveis, ao passo que sua presença tende a concentrar-se em ambientes de maior explicitação formal. Assim, o comportamento das variantes ao longo do tempo não apenas confirma a heterogeneidade ordenada proposta por WLH, mas também sugere que a comunidade chapecoense pode estar vivenciando uma mudança linguística em andamento, em que a redução e a ausência de *para* se fortalecem como estratégias preferidas na expressão da finalidade.

A análise comparativa entre o VARSUL e o VMPOSC revela uma notável resiliência gramatical de *para*, transcendendo o período de mais de duas décadas e sugerindo que a estrutura sintática é o alicerce fundamental de seu uso.

As proporções gerais de presença de *para* (formas plena, reduzida ou aglutinada) em contraste com a ausência se mantiveram notavelmente estáveis nas duas amostras. A presença do conector foi largamente favorecida em ambos os *corpora*, totalizando 85,7% das ocorrências (85,8% no VARSUL e 85,3% no VMPOSC), enquanto a sua ausência se manifestou consistentemente em 14% dos casos (14,2% no VARSUL e 14,7% no VMPOSC). Embora a proporção geral entre ausência e presença tenha se mantido estável, as formas do conector se modificaram de maneira significativa ao longo do período, revelando indícios de mudança linguística em curso. A forma *para* apresentou retração expressiva no VMPOSC (1,6%), em comparação com o VARSUL (7,8%), indicando um estágio mais avançado de erosão fonológica na fala contemporânea e alinhando-se à tendência de fortalecimento das formas reduzidas observada em outras variedades do PB (Silva, 2010; Ferreira, 2014, 2018; Almeida e Oliveira, 2021, entre outros).

Em termos formais, *pra* consolidou-se como a variante majoritária nos dois recortes temporais, alcançando 66% das ocorrências no VARSUL e aumentando para 76,2% no VMPOSC. Esses valores evidenciam que a síncope da vogal átona (*para* > *pra*) constitui um processo plenamente estabilizado na fala chapecoense. Já a variante *pa* (com síncope da vibrante /r/) permaneceu residual em ambos os bancos (7,25% no VARSUL e apenas 0,94% no VMPOSC), sem demonstrar capacidade de se firmar como alternativa competitiva frente a *pra*. No VMPOSC, observa-se ainda o crescimento das formas aglutinadas (como *pro/pros*), que atingem 6,1% das ocorrências e ultrapassam a frequência da forma *para* (1,6%). Esse quadro contrasta com o VARSUL, em que a forma *para* (7,8%) ainda superava as aglutinações (5,1%). O fortalecimento da coalescência no *corpus* mais recente aponta para o avanço nos processos

de gramaticalização e fusão morfossintática, caracterizando um estágio mais profundo de redução formal.

O teste estatístico, utilizando o GLMM para quantificar o peso e a significância de fatores na distribuição entre a presença e ausência do conector, confirmou a inexistência de efeito significativo do fator *corpus* sobre essa oposição, atestando estabilidade proporcional. Essa abordagem permitiu isolar o efeito dos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a probabilidade de ocorrência de cada uma das possibilidades, ao mesmo tempo em que incorporou o falante como efeito aleatório para capturar e quantificar a variação individual.

Os fatores linguísticos internos mais robustos demonstraram estabilidade no condicionamento da distribuição: presença e ausência do conector. O quadro abaixo sintetiza os fatores significativamente relevantes identificados pelo GLMM para cada banco. Para assegurar maior clareza e robustez interpretativa, foram omitidos os fatores não significativos ou marcados por elevada instabilidade estatística, expressa por desvio-padrão elevado.

Quadro 4 - Fatores linguísticos e extralinguísticos significativos na distribuição entre presença e ausência de *para* no VARSUL e no VMPOSC

Fator Chave	Banco	Estimativa (Logit)	p-value	Interpretação do uso da variante
Configuração sintática da articulação final: subordinação única	VARSUL e VMPOSC	0.713	0.001	A subordinação única favorece a presença do conector. A ausência também ocorre nesse contexto, mas tende a concentrar-se com maior frequência em articulações múltiplas ou encadeadas.
Presença de pausa	VARSUL e VMPOSC	1.095	0.008	A presença de pausa favorece a presença do conector, sugerindo que maior segmentação prosódica aumenta a explicitação formal de <i>para</i> .
Configuração do segmento antecedente: oração finita no indicativo	VARSUL	1.883	0.015	O segmento antecedente em oração finita no indicativo favorece a presença do conector. A ausência torna-se menos provável nesse contexto, em razão da maior explicitação sintática.
Estilo de fala: formal	VARSUL	0.580	0.096	Efeito marginal: o estilo formal sugere

				favorecimento da presença do conector, ao passo que a ausência tende a concentrar-se em estilos mais casuais.
Gênero Masculino + faixa etária (7-14 anos)	VMPOSC	-2.036	0.090	Efeito marginal: meninos de 7 a 14 anos tendem a favorecer a ausência do conector, em contraste com o padrão mais conservador associado à sua presença .

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A análise conjunta dos fatores significativos selecionados nos modelos de regressão logística do VARSUL e do VMPOSC revela um padrão estrutural amplamente convergente entre as duas amostras, indicando que a distribuição entre presença e ausência de *para* é regulada por princípios linguísticos estáveis, ainda que modulados por diferenças sócio pragmáticas específicas de cada *corpus*.

Em primeiro lugar, observa-se que, em ambas as amostras, o fator mais robusto refere-se às estruturas de maior explicitação estrutural, que favorecem a presença de *para*. Nesse conjunto, destaca-se a configuração sintática da articulação final com subordinação única, formada por um segmento antecedente seguido de um único segmento de valor final. Esse resultado, recorrente nos dois bancos, sugere que esse tipo de organização estrutural atua como terreno prototípico à realização explícita de *para*, ao passo que a ausência tende a ser menos frequente. Tal comportamento pode estar relacionado ao fato de que articulações mais lineares e menos densas do ponto de vista informacional favorecem maior explicitação morfossintática, em vez de soluções mais reduzidas ou da omissão do conector.

Além disso, há convergência quanto às propriedades estruturais do segmento antecedente, especialmente no VARSUL, em que a configuração em oração finita no indicativo favorece de maneira decisiva a presença do conector. Embora esse fator não tenha sido significativo no VMPOSC, o comportamento desse *corpus* sugere uma direção similar: estruturas sintaticamente mais desenvolvidas tendem a desencorajar a ausência de *para*. A falta de significância estatística no VMPOSC, contudo, sugere que o peso da complexidade estrutural do segmento antecedente pode ser mais reduzido ou mais difuso nesse *corpus*.

Do ponto de vista prosódico, a presença de pausa favoreceu a presença do conector de forma significativa no VARSUL e de maneira ainda mais categórica no VMPOSC, atuando como marcador prosódico que inibe a ausência.

Por outro lado, a principal quebra de tendência diz respeito ao enfraquecimento da restrição estilística ao longo do tempo. No VARSUL, o fator estilístico (contexto formal) ainda favorecia marginalmente a presença de *para*, indicando associação entre monitoramento e presença do conector. No VMPOSC, porém, esse efeito desaparece, tornando-se estatisticamente neutro. Essa perda de sensibilidade ao estilo sugere que a ausência passou a integrar de forma mais ampla a fala cotidiana dos jovens, independentemente do grau de monitoramento, caracterizando um processo de mudança de baixo nível.

No plano semântico, em ambos os *corpora*, a ausência foi favorecida por verbos processuais dinâmicos (movimento ou atividade), situados em níveis menores de abstratização semântica, e desestimulada por verbos estativos, mais abstratos. Essa distribuição confirma que a ausência se licencia preferencialmente em contextos de maior concretude e previsibilidade semântica, nos quais a relação finalística é facilmente inferível. Observa-se que, ao longo do gradiente de abstratização semântica, predicados mais abstratos demandam maior marcação formal para explicitar a relação de finalidade, enquanto predicados mais concretos, situados na porção inferior desse gradiente, permitem maior simplificação estrutural, favorecendo a ausência de *para* em Chapecó. Embora os verbos dinâmicos favoreçam a ausência do conector em ambos os *corpora*, o VARSUL apresentou predominância de processo/atividade + processo/atividade (47,73%), enquanto o VMPOSC deslocou o foco para a combinação processo/movimento + processo/atividade (41,82%), evidenciando diferenciações sutis na natureza dinâmica que aciona a ausência do conector ao longo do tempo.

No plano social, há divergências sistemáticas no condicionamento da distribuição entre presença e ausência de *para*. Enquanto o VARSUL aponta o efeito marginal do contexto temático formal, o VMPOSC identifica uma influência social marcada pelo perfil masculino de 7 a 14 anos, que apresenta resistência à presença da preposição finalística, em contraste com a maior presença observada entre as meninas da mesma faixa etária. Este é um resultado de grande relevância, pois indica que a mudança está sendo impulsionada por fatores sociais específicos. Essa assimetria revela que, embora os condicionadores linguísticos sejam relativamente estáveis entre as comunidades, os condicionadores sociais se reorganizam de acordo com o perfil comunicativo e com a constituição sociocultural dos falantes. No VMPOSC, a resistência masculina ao uso de *para* pode refletir menor monitoramento linguístico, maior espontaneidade discursiva ou diferenças no uso e na estabilização de construções finalísticas em contextos intra e interacionais.

A análise em tempo aparente, ou seja, a estratificação social dentro de cada banco de dados, revela uma diferença crucial no papel das variáveis sociais. No VARSUL, os dados

sugerem uma estabilidade social: o gênero e a faixa etária não impõem quebras de padrão significativas na distribuição entre presença e ausência do conector, e a escolaridade é estatisticamente neutra em todos os níveis. A única quebra de padrão nesse *corpus* ocorre na dimensão estilística, já que a formalidade eleva marginalmente o uso de *para* ($p < 0,096$), indicando tendência de uso quando ocorrem estruturas categorizadas pelo estilo *soapbox* (formal). Essa evidência sugere que, neste *corpus* mais antigo, a variação entre presença e ausência do conector ainda se distribuía de modo relativamente uniforme no plano social. É fundamental, no entanto, ressaltar a baixa representatividade em algumas células sociais, o que pode inflacionar os percentuais associados a perfis específicos, de modo que as tendências de gênero e faixa etária devem ser tratadas como indícios relevantes e não como padrões homogêneos de toda a comunidade.

Tomados em conjunto, os resultados indicam que a distribuição entre presença e ausência de *para* não é aleatória, mas estruturalmente guiada por princípios linguísticos robustos: complexidade sintática, prosódia e redução fonético-funcional. O paralelismo entre os dois bancos sugere que essa regra variável é estável ao longo do tempo e entre diferentes perfis sociocomunicativos, ainda que modulada por fatores sociolinguísticos específicos. Assim, a interpretação conjunta aponta para um sistema variável sensível tanto à arquitetura sintática quanto às condições discursivas e socioculturais da fala, o que reforça a consistência do modelo analítico e a pertinência dos fatores selecionados.

Ao transitar para a análise diacrônica, comparando o VARSUL (1990) com o VMPOSC (2014) em tempo real, percebe-se que o fenômeno apresenta indícios de mudança linguística em curso. O padrão mais robusto e inalterado é o peso da estrutura sintática na distribuição entre presença e ausência de *para*, que transcende as duas décadas. Fatores como a presença de pausa e a configuração sintática da articulação final com subordinação única foram destaques nas duas análises e apresentaram relevância estatística consistente. Outros fatores, como sujeito não correferencial e a configuração do segmento antecedente em oração finita no indicativo também sugerem relação a presença do conector, mas sem significância robusta e com baixo impacto explicativo.

A principal quebra de tendência reside na dissolução da restrição estilística: o que era um marcador de monitoramento na fala adulta (VARSUL), torna-se neutro no VMPOSC, sinalizando que a ausência do conector está mais integrada na fala cotidiana jovem. A esse quadro soma-se a emergência de um condicionamento social específico no *corpus* mais recente, que revela uma polarização etária e de gênero, sugerindo que a mudança é impulsionada por forças sociais, enquanto os condicionadores linguísticos permanecem relativamente estáveis.

A comparação diacrônica entre os dois *corpora* evidencia uma mudança de ênfase no tipo de verbo dinâmico associado aos contextos de ausência de *para*. Enquanto o VARSUL apresenta predominância de combinações processo/atividade + processo/atividade (47,73%), o VMPOSC desloca o foco para processo/movimento + processo/atividade (41,82%). Apesar dessa diferença, ambos os bancos convergem ao demonstrar que a ausência de *para* emerge em ambientes altamente dinâmicos, nos quais o segmento antecedente é naturalmente interpretado como orientado a um propósito (atividades e movimentos) e desestimulada por verbos estativos, refletindo o papel decisivo da previsibilidade semântica e das pressões de simplificação formal no licenciamento da ausência do conector.

Em síntese, a comparação diacrônica ratifica a hipótese de mudança em curso. Embora a taxa global de ausência de *para* se mantenha estável em torno de 14% nos dois *corpora*, a progressão da mudança torna-se evidente no modo como a presença do conector se realiza com retração de *para* e avanço de formas reduzidas e coalescidas, e, sobretudo, no deslocamento do eixo de condicionamento da variação: de um efeito predominantemente estilístico no VARSUL para uma polarização social mais nítida no VMPOSC, especialmente associada ao grupo masculino mais jovem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral descrever e analisar, numa perspectiva sociofuncionalista, o uso de *para* com valor final em contextos intra e interacionais, em dimensão sincrônica e diacrônica, a partir de amostras de fala de 40 informantes chapecoenses dos bancos de dados do VARSUL (1990) e do VMPOSC (2014). Os resultados obtidos permitiram o cumprimento dos objetivos específicos e a avaliação das hipóteses de trabalho, delineando o complexo quadro da variação e da mudança na marcação de finalidade no português falado em Chapecó.

O primeiro objetivo específico consistiu em verificar a frequência de uso das variantes de *para* em contextos intra e interacionais. O resultado revelou que, em ambos os corpora, a presença do conector (85,8% no VARSUL e 85,3% no VMPOSC) mostrou-se favorável em comparação com a ausência (14,2% e 14,7%, respectivamente), que se manteve desfavorável. A previsão de que *pra* seria a forma mais frequente foi plenamente confirmada em ambos os corpora, configurando-se como a realização predominante do conector na fala chapecoense. No VMPOSC, observou-se ainda o fortalecimento dessa forma reduzida, que alcança 76,2% das ocorrências, o que sugere avanço da erosão fonológica entre os falantes mais jovens e confirma a primeira hipótese da pesquisa. A ausência do conector, embora menos frequente do que sua presença, mostrou-se produtiva e sistematicamente distribuída em ambos os períodos, o que é compatível com um estágio intermediário de mudança linguística, no qual essa possibilidade já circula de modo estável, mas ainda não majoritário, entre os falantes.

Esses resultados permitem interpretar o funcionamento de *para* à luz de uma abordagem sociofuncionalista, aplicando os princípios de marcação, economia e abstratização semântica. A ausência do conector é compreendida como um estágio avançado no *continuum* de gramaticalização, no qual a relação de finalidade passa a ser sustentada menos na codificação formal e mais na configuração sintática e na alta previsibilidade semântica entre o segmento antecedente e o segmento de valor final. Nessa perspectiva, a presença de *para* é preservado sobretudo em contextos que requerem maior explicitação, como ambientes formais, estruturas sintaticamente densas ou situações de ruptura referencial (pausa, sujeito não correferente), funcionando como recurso de marcação e reforço interpretativo. Desse modo, a presença e a ausência do conector se distribuem conforme princípios funcionalistas clássicos: formas mais longas e explicitadas emergem em contextos em que a carga informacional é maior; formas reduzidas ou a ausência predominam em contextos em que a interpretação da finalidade é mais facilmente recuperável.

O segundo objetivo específico pretendeu analisar, sob a perspectiva funcionalista, a relação entre forma e função nas diferentes realizações de *para*, observando como fatores semânticos, morfossintáticos e discursivo-pragmáticos condicionam a expressão do valor final na fala de informantes chapecoenses. Os resultados confirmaram esse objetivo ao demonstrar que a distribuição entre presença e ausência do conector não é aleatória, mas funcionalmente motivada. No plano morfossintático, a presença de *para* mostrou-se mais associada a contextos de maior explicitação estrutural, como a subordinação única, a presença de pausa e configurações mais desenvolvidas do segmento antecedente e do segmento final; em contrapartida, a ausência foi favorecida por contextos de maior integração sintática e prosódica, como formas reduzidas de infinitivo, sequências enumerativas e articulações mais fluidas. No plano semântico, a ausência concentrou-se sobretudo em combinações verbais dinâmicas e mais concretas, especialmente entre verbos de movimento e de atividade, em que a relação de finalidade se mostra mais previsível e, portanto, menos dependente de marcação formal explícita; já contextos mais abstratos e estativos tenderam a demandar maior explicitação por meio da presença do conector. No plano discursivo-pragmático, observou-se que estilos casuais, marcados por menor monitoramento e maior fluidez interacional, favoreceram a ausência de *para*, ao passo que estilos formais tenderam a preservar sua presença, sobretudo no VARSUL. Em conjunto, esses resultados mostram que as diferentes realizações de *para* refletem uma correlação sistemática entre forma e função, em consonância com os princípios funcionalistas de marcação, economia e previsibilidade semântica.

O terceiro objetivo específico consistiu em identificar as variáveis linguísticas, sociais e estilísticas que condicionam a presença e a ausência de *para*. No plano linguístico, a ausência de *para* é sistematicamente favorecida por fatores de economia e fluência articulatória, como a ausência de pausa e as articulações finais encadeadas. A correferencialidade do sujeito e as estruturas sintaticamente mais simples, como o segmento antecedente em forma reduzida de infinitivo) licenciam a ausência do conector, em consonância com o princípio da marcação. Semanticamente, a ausência alinha-se ao gradiente de abstratização, sendo favorecida por verbos dinâmicos e concretos (processo/movimento e processo/atividade), nos quais a relação de finalidade é mais previsível. No plano estilístico, a hipótese foi confirmada: o estilo casual atua como fator de favorecimento da ausência do conector (72,34% no VARSUL; 70,91% no VMPOSC), enquanto o estilo formal inibe a inovação. No plano social, a hipótese foi parcialmente confirmada pelo VMPOSC, no qual o perfil masculino jovem atua como motor de inovação, polarizando o uso da ausência, um dado que não se observou no VARSUL, sugerindo uma reorganização dos condicionadores sociais ao longo do tempo.

O quarto e último objetivo foi comparar os diferentes recortes temporais. Apesar da estabilidade dos números percentuais da ausência do conector em ambos os *corpora*, em torno de 14%, a hipótese de mudança em curso foi ratificada. Essa mudança se evidencia não propriamente no aumento da ausência, mas na reconfiguração das formas de presença do conector, marcada pela retração da forma plena e pelo avanço das formas reduzidas e coalescidas no VMPOSC. Em perspectiva diacrônica, a mudança também se manifesta no deslocamento do eixo de condicionamento da variação: aquilo que, no VARSUL (1990), aparecia apenas como um condicionador estilístico marginal torna-se neutro no VMPOSC (2014), ao mesmo tempo em que emerge, no corpus mais recente, um condicionamento social mais nítido, especialmente associado ao perfil masculino jovem. Essa reorganização mostra que, embora os princípios linguísticos que regulam a distribuição entre presença e ausência de *para* se mantenham relativamente estáveis, as forças de difusão da variante inovadora se reconfiguraram socioculturalmente ao longo do tempo, caracterizando um processo de mudança em tempo real.

Diante desses resultados, cumpre reconhecer as limitações do estudo, concentradas na assimetria de tamanho entre as amostras e na ausência de perfis sociais equivalentes nos dois bancos. De um lado, verificou-se no VARSUL a ausência de informantes crianças e adolescentes, bem como de adultos com ensino superior. De outro, o VMPOSC apresenta maior expansão quantitativa de informantes, o que introduz desequilíbrios na comparação entre os corpora. Esse quadro restringiu, em especial, as comparações diacrônicas em tempo real no que se refere ao fator escolaridade.

Como encaminhamentos para estudos futuros, sugerimos:

1. A realização de uma análise prosódica fina para mensurar o impacto direto da entonação e da duração silábica na distribuição entre presença e ausência de *para*, a fim de validar a interpretação funcional de que a ausência do conector se associa a contextos de maior fluência e economia articulatória;
2. A investigação da variação no uso de *para* em outras funções semânticas (como locativa ou temporal) para traçar o mapa mais amplo dos processos de gramaticalização e erosão da preposição na variedade do português falado em Chapecó;
3. A ampliação da análise da ausência de *para* para outras localidades do Sul do Brasil, bem como para outras preposições em contextos de subordinação, a fim de verificar se os mesmos princípios de economia e simplificação se aplicam a outros marcadores e em diferentes variedades regionais.

Acreditamos que os resultados e a metodologia aqui empregados, especialmente a articulação entre o Sociofuncionalismo e a análise da variação diacrônica, fornecerão um quadro de referência sólido e detalhado para pesquisas futuras sobre a erosão de conectores prepositivos de valor final como a preposição *para* no domínio da finalidade no PB, contribuindo para a compreensão das dinâmicas de mudança linguística na região Sul.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. A. S. de; OLIVEIRA, A. J. de. Estudo variacionista da redução da preposição *para* em Maceió/AL. **Prolíngua**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 217–228, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/58756>>. Acesso em: 19 maio. 2025.
- ANDRADE, M. de. **A gramatiquinha da fala brasileira**. Org.: Aline Novais de Almeida. Brasília: FUNAG, 1. ed., 2022. 209 p.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editora, 2017.
- BATES, D.; MAECHLER, M.; BOLKER, B.; WALKER, S. Fitting Linear Mixed-Effects Models Using lme4. **Journal of Statistical Software**, [S. l.], v. 67, n. 1, p. 1-48, 2015. Disponível em: [<https://doi.org/10.18637/jss.v067.i01>]. Acesso em: 10 nov. 2025.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. L. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- DEOCLÉCIO, C. E. **Variação sintática das orações adverbiais finais: similaridades e diferenças entre fala e escrita**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. Cap. 3. p. 37-61.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2009. Disponível em: <<https://www.dicionarioaurelio.com>>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- FERREIRA, M. O. **A variação da preposição para na fala de Londrina pelos dados do VARSUL**. 2014. 71 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115665/000963805.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- FERREIRA, M. O. **A variação da preposição para na fala de Curitiba e de Florianópolis pelos dados do VARSUL**. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182657>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

FINCK, D. **Expansão e redução de cláusulas infinitivas na fala de Florianópolis**. 2000. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78425?locale-attribute=es>>. Acesso em: 15 nov. 2025.

FRANCO, A. C. A preposição para e sua variante pra na escrita de alunos do primeiro ano do Ensino Médio. In: Freitas, D. L. R. de; Paiva, L. L. G.; Fernandes, C. R. de F. *Amplamente* (livro eletrônico): educação no século XXI, v. 1. 2ª ed. Natal, RN: Amplamente cursos e formação continuada, 2020. p. 125 - 155. [Disponível em:] <https://www.amplamentecursos.com/_files/ugd/b9c3ab_5bc914ca9cab42ca8b843e84ee640b5.pdf?index=true>. Acesso em 20 abril. 2025.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: da teoria à prática pedagógica. In: _____. **Linguística e práticas pedagógicas**. Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 127-148.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 15, n. 1/2, p. 79-101, 2013.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface Variação-Gramaticalização. In: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

GUILHERME, M. R. de C. Gramaticalização da preposição “para” no português falado no Rio de Janeiro. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 28, p. 398–414, 2019. DOI: 10.12957/palimpsesto.2018.36608. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/36608>>. Acesso em: 25 maio. 2025.

GUY, G. R. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: **Abralin**, 2001. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

HOUAISS, A; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/houaiss>>. Acesso em: 7 mar. 2025.

HUBACK, A. A redução da preposição *para* em relação à palavra precedente. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 38, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/zghKNntwxZjNh3NzPnd8kqh/?lang=pt>>. Acesso em: 09 novembro. 2025. DOI: 10.1590/1678-460X202238248508.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da população residente para os municípios e para as unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2025**. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <[Insira a URL exata do documento/tabela de estimativas do IBGE 2025]>. Acesso em: 17 nov. 2025.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

- LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. In: **Language** 57, number 2, 1981.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Volume I: Internal factors. Oxford: Blackwell 1994.
- LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change, Vol. 2: Social Factors**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2001.
- LABOV, W. **The social stratification of English in the New York City**. Washington, DC: Center of Applied Linguistics, 2006 [1966].
- LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. 2^a. ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), 41(2), 793–805, 2016. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1198>>. Acesso em: 20 mai. 2025.
- MARTINET, A. **Economia de los cambios fonéticos**. Madrid: Gredos, 1974.
- MARTINS, M. C. **Elementos de filologia latina: uma introdução à análise filológica de duas variedades de latim**. 1. ed. Curitiba, PR: Editora Bagai, 2023.
- MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- MONGUILHOTT, I. de O. e S.; COELHO, I. L.; BRESCANCINI, C. R. The Challenges of Access and Sharing of Linguistic Data from the VARSUL Base Sample. **Cadernos de Linguística**, Campinas, SP, Brasil, v. 6, n. 4, p. e813, 2025. DOI: 10.25189/2675-4916.2025.v6.n4.id813. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/813>. Acesso em: 2 dez. 2025.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 20, p. 9–16, jan./jun. 1991.
- NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá**, Niterói, n. 9, p. 125-134, 2000.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PASSOS, A. F. K.; CAMPELO, F. de S. P.; CARDOSO, V. F. LABOV, W. A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. In: Padrões sociolinguísticos. Tradutor(es): Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues de Oliveira. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. **Web revista sociodialeto**, [S. l.], v. 7, n. 20, p. 525–529, 2017. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7791>>. Acesso em: 1 abr. 2025.

RAMOS, M. A. B.; SILVA, C. R. Uma análise da categorização de preposições em conjunções no contexto das orações adverbiais reduzidas de infinitivo. In: ROSÁRIO, I. C. do; OLIVEIRA, T. P. de (orgs.). **Descrição funcional do português - Teoria e ensino**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2022, p. 38-71. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/jspui/bitstream/123456789/4816/1/Final_Descricao_FUncional_d_o_Portugues_-_Teoria_e_Ensino.pdf#page=39>. Acesso em: 18 abr. 2025.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2000.

ROST SNICHELOTTO, C. A. **Variação e mudança no português do Oeste de Santa Catarina (VMPOSC)**. Relatório de Projeto de Pesquisa, UFFS. Chapecó, SC, 2012.

RSTUDIO TEAM. **RStudio: Integrated Development for R** (versão 2023.12.1). 2024. **Programa de computador**. Boston: PBC. Disponível em: <http://www.rstudio.com/>. Acesso em: 17 out. 2025.

SAID ALI, M. **Grammatica Histórica da Língua Portuguesa**. 2ª edição melhorada e aumentada de Lexeologia do Português Histórico e Formação de Palavras e Syntaxe do Português Histórico. São Paulo – Cayeiras – Rio: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos incorporados), 1931.

SANKOFF, G. Linguistic Outcomes of Language Contact. In: Peter Trudgill, J. Chambers & N. Schilling-Estes, eds. **Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Basil Blackwell, 2001, pp. 638-668.

SILVA, N. de A. **A Preposição para e suas variantes no falar araguatense**. 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

TAGLIAMONTE, S. A. **Teen Talk: The Language of Adolescents**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e Sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2015, v. 1, p. 249-270.

VAR SUL – **Variação Linguística Urbana do Sul do País**. Disponível em: <<https://varsul.org.br>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

VMPOSC - **Variação e Mudança do Português do Oeste de Santa Catarina**. Acesso em: 30 mar. 2025.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

WIEDEMER, M. L. **A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina**. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.